

# *A Corja* de Camilo Castelo Branco

(Continuação de *Eusébio Macário*)

## ÍNDICE

### **Sentimentalismo**

A Corja

### **História**

Raças finas – Pena de Talião

Tragédias da Índia

Gil Vicente

Sá de Miranda

## SENTIMENTALISMO

### A CORJA

(Continuação do *Eusébio Macário*)

#### I

A Eufémia Troncha catava-o, fingia estalinhos insecticidas, fazia-lhe com a unha titilações, atritos suaves no casco da coroa, inventava para o nutrir e inflamar carícias e guisados, surpreendia-lhe o apetite com fricassés muito aromáticos, tinha meiguices e candonguices duma donzela que afaga pombinhos entre os seios virginais, decotava o corpete dos vestidos para lhe escaldar o sangue, fazia trejeitos lascivos de gata que se rebola escandecida nos telhados – uma cróia velha com muita experiência sublinhada. Ao principio, o abade agradecia com mocanquices, correspondia-lhe com exuberância de abraços, adormentava a sua dor abeberado naquela modorra deliciosa, julgava-se curado das saudades de Felícia, e, às vezes, repulsando uma ideia funesta, murmurava: «Que a leve o Diabo!, que a leve o Diabo!», e agarrava-se ao pescoço nédio de Eufémia como a uma forte prancha de nau descosida e escalavrada. E ela:

– Meu idolatrado

E babujava-lhe de beijos húmidos a cara espaçosa.

Mas, depois, porejou-lhe na alma através do corpo um insidioso fastio desconsolador das mimalhices da Troncha. Pôs-se a compará-la com Felícia em confrontações plásticas, anatómicas, como um escultor consciencioso. O músculo, as curvas, as proeminências, as redondezas, a carnalidade, enfim, causticavam-lhe a memória e punham-lhe no coração uma negrura de agonias sentimentais. Ia solitário pelas carvalheiras do passai e aparava algumas lágrimas nuns lenços brancos ordinários, de pataco, que Felícia usara e desprezara quando foi para o Porto. Arbustos e árvores falavam-lhe dela, nos murmúrios das suas ramarias; parecia-lhe vê-la a varejar bolotas para os cevados encavalgada nos galhos dos sobreiros. Os bácoros que grunhiam na pocilga tinham-na visto leitões, tinham-lhe coinchado no regaço e pareciam revelar uma tristeza nos seus focinhos descaídos. A vaca, em seus mugidos, semelhava o ulular de um colosso de angústias. Havia na horta salsa, hortelã e serpão que ela tinha plantado. O abade fixava os olhos amarados naquelas verduras e soluçava: «Foi ela, foi ela!» E quedava-se absorvido numas intermitências de Inferno que nem os teólogos foram capazes de as inventar maiores. A saudade! Ai!, esta palavra nenhuma região a pôs como penitência, e o abade, quando a sentia, de si consigo, murmurava: «O Inferno é isto.» Quando a Eufémia lhe aparecia nestas ocasiões, a sua angústia refinava. E voltava-lhe as costas; e, se ela imprudentemente lhe passava a mão polpuda, cariciosa, pela cara, ele dizia de repelão: – Deixemo-nos de asneiras, mulher!

O abade perdera a vontade de comer. Gulodices predilectas vaporavam debalde diante dele as suas especiarias provocadoras. O chispe de porco e a orelha do mesmo, em concomitância divina com a nabiça e o feijão branco, o nabo recheado e a truta de escabeche, achavam-no impassível como anacoreta santificado por jejuns inquebrantáveis. A Troncha ralava-se vendo aquele estômago cheio de sarro e fastio. Ele repetia o bife de cebolada e o seu amor cheio de histerismos, alambazado. As vezes, porém, quando a recebia com grosseiros gestos de enfado, a Troncha dizia ao padre João da Eira, o coadjutor: – Não tardo a pôr-me nas flautas. Ele anda levadinho da breca. Acho que lhe lembra a outra mondonga e eu é que pago as favas. Barriga cheia,

pé dormente. Adeus, meu amigo. Quem lhe comeu a carne que lhe roa os ossos. Está farto, é o que é. Bem te entendo, mas não tenho copas... Eu depressa me cisco.

E o coadjutor, um machucho, entre os trinta e cinco e os quarenta, muito atarracado, com muita ronha e um bucho insondável:

– Sr<sup>a</sup> Eufémia, o abade é seu amigo, é muito seu amigo. O que o aflige não é Felícia, é a queda dos Cabrais. O homem chora por eles lágrimas como punhos, e vossemecê verá que ele dá um estouro se os cartistas não vencem as eleições. Se vossemecê o abandona, dá cabo dele. Ajude-me a levar esta cruz ao Calvário. Eu também lhe sofro as descomposturas, os arremessos, e vou suportando tudo até que os Cabrais tragam a esta casa alegria e sossego.

Na verdade, o padre Justino tinha rabugices que excediam o despeito dum cabralista faccioso. O rebanho andava à gandaia; e, se não fosse o coadjutor, não haveria enterros, nem casamentos, nem batizados, na freguesia. Aos domingos não fazia prática e engrolava o latim da missa comendo períodos, de afogadilho, dando silabadas extraordinárias – uma coisa à toa. Depois, andava muito doente, com a língua suja e os olhos muito encarniçados e purulentos. De resto, pojaram-lhe uns furúnculos nas costas e um grande pigarro. Sentia-se muito desgraçado, sem religião de casta nenhuma que o confortasse, praguejando como um arneiro e refutando as consolações piedosas do padre João da Eira, a quem chamava asno com muito ateísmo e má-criação.

O coadjutor chocava uma ideia grande. Ele bem sabia que as impertinências do abade eram saudades da sua companheira de dezasseis anos; mas não o dizia à Eufémia com medo que ela, abespinhada de ciúmes, abandonasse a cozinha e se raspasse com o segredo culinário das costeletas de vitela, do estrugido do arroz e do coelho com molho de vilão. Mas, afora isto, ele tinha uma grande ideia, o padre João: era salvar o abade das garras da saudade, acirrando-lhe a raiva política contra os regeneradores. Semelhante ideia, assaz boa e das melhores que o coadjutor tinha produzido em negócios profanos, demonstra que o padre sabia que a política pode substituir a fêmea, quando é preciso escolher entre duas devassas, não sendo possível conservar ambas. Mas o abade, assim que o tímido coadjutor o estimulou a trabalhar pelos Cabrais, berrou-lhe: – Você quer então que eu me emporcalhe no partido dos Macários, seu pedaço de asno? Você não vê que um homem de bem não pode ser duma política de marotos que deram o baronato ao marido da Custódia e um hábito de Cristo ao pai do marido da bandalhona da Felícia? Os Cabrais são uma cambada. Muito coice tenho de dar no Inferno pelos serviços que lhes fiz! Você não sabe que o cornaça do Eusébio, aquela besta, tem mandado da corte cartas aos influentes eleitorais? Você quer que eu sirva a política dos Macários? Veja lá você! Explique-se.

Era verdade. Eusébio Macário remetia de Lisboa cartas políticas aos influentes de Basto prometendo a uns futuras comendas, a outros, aos padres, igrejas, e até traçava estradas, tudo em nome do seu particular amigo José Bernardo e do mano conde, *cujos*, dizia, *são meus íntimos, e minha filha baronesa vai tomar chá com a condessa de Tomar*. Liam-se estas missivas com seriedade respeitosa entre os chamorros. Os realistas rebentavam de riso. A fidalga da Raposeira, D. Senhorinha Travaços, dava upas a contar que a Custódia da Botica tomava chá com a condessa de Tomar; a sua criada de sala era prima carnal da baronesa; ria-se também muito escancarada e contava que ela lhe pegara uma sarna que lhe custou muito a deitar fora; de resto, que dançava muito bem o batuque, e a cantar o fado nem a célebre Tripa Furada da Raposeira o fazia melhor. Línguas viperinas dos Marialvas de Mondim desenfreavam-se. Calúnias ferviam. O escrivão da Câmara de Refojos, que levava as mocadas do José Fístula, vingava-se contando casos que punham a virgindade antenupcial de Custódia tão duvidosa como a de Isabel de Inglaterra. A fidalga casquinava muito desengonçada: que

as marafonas iam longe; que a Constituição fazia baronesas onde, no seu tempo, as pessoas de bem faziam as mães dos seus bastardos e as esposas dos seus laçaios.

O abade de Santiago concorreu a uma destas *assembleias* da fidalga, uma cinquentona desbocada, frescalhota, que lhe pediu notícias da esposa do Fístula, e se ela lhe contava lá da capital que tal era o chá em casa dos Cabrais. E o abade com ares irónicos de pudicícia: – Eu não me correspondo com o Bairro Alto de Lisboa, Excelentíssima Senhora. Com mulheres perdidas só converso no confessionário.

Risos explodiam, enquanto o abade com a ponta do cigarro ao canto dos beiços fechava um olho e piscava o outro e um bacharel besuntado de banhas, muito cheiroso a pachuli, que comia as rendas da fidalga carcaça. Muito malandros todos e inimigos figadais da rainha e Carta.

Falou-se em eleições. O comendador Barros Leite mostrou carta de Eusébio Macário em que se lia:

*Trabalhe V. S<sup>a</sup> com os artistas que barão eu o farei logo que estejam em cima o meu particular amigo José Bernardo e o mano conde, cujos são meus íntimos, e a minha filha baronesa vai tomar chá com a condessa de Tomar.*

A criada que servia o vinho do Porto, uma langróia, muito abelhuda, a pedido da ama, contou a suja história da sarna, que lhe espetara no corpo a prima baronesa do Rabaçal. O escudeiro, muito familiar, perguntava ao auditório se alguém lhe queria dar uma de doze por seis pintos que lhe devia o Fístula e umas botas de água que Lhe emprestara. E a fidalga, muito bexigueira:

– O Sr. Abade compra-te essa dívida, Baptista.

– Tomara eu o que ele lá tem! – replicou o abade.

– E também lhe tomaria a noiva? – perguntou a velha gasguita da Travaços.

– Não desejarás a mulher do teu próximo – disse solene o pastor, resfolegando pelas ventas dois penachos de fumarada de cigarro. – Com coisas sagradas não se brinca, Excelentíssima Senhora. Mas, enfim, seja tudo pelas almas. Mais passou Nosso Senhor no Algarve, como diz o outro. O certo é que Vossa Excelência, quando me dá chá, é em duplicado.

– Um bom calembur – disse o bacharel, ilustrando o auditório, com a boca a escumar gorgolões de pão-de-ló.

A assembleia ria as estopinhas.

– Tréguas ao espírito! – atalhou o facultativo Borges, um setembrista irónico, velho inimigo político do de Santiago da Faia. – Tenho-o contra mim nestas eleições como sempre, Sr. Abade?

Que não; que trabalharia a todo poder com os regeneradores para mostrar aos cartistas que serviam chá à Custódia da Botica que o Eusébio Macário não valia um ... dos muitos que o genro havia de dispor por liberalidade da filha. – E punha a cabeça do dedo grande na testa, abanando com os outros quatro.

Alguns sujeitos, e nomeadamente o bacharel, decoraram estes dizeres enigmáticos do abade para depois decifrares às famílias as reticências. Muito aplaudido e abraçado pelos novos correligionários, seus grandes amigalhões.

Depois, o abade pôs de invés as consciências das massas eleitorais das freguesias, em que influía com eloquência e odres. As eleições directas permitiam debochar a bel-prazer a candura do sufrágio. Abriu a sua adega, o vinho jorrou em ondas e afogou os cabralistas das terras de Basto. Além disso, o ódio ao boticário soprou-lhe três artigos notáveis de peçonha muito biliosamente adjectivados, no *Brás Tisana*, com assinatura «O inimigo dos tratantes». Tinham uns toques duros de graça portuguesa genuína.

Chamava ao boticário *quadrúpede*, *bestiaga* e *cavalgadura* – lusitanismos ricos que nos dão ao estilo um cheiro científico de cavalaria. Também lhe chamava «cavalocavaleiro da desordem de Cristo». Esta chalaça passou por fina entre os literatos do Café Guichard de 1852. Entrava-lhe na *vida privada* e dizia que o substantivo era tão limpo como o adjetivo. Disse que o Eusébio tinha um velho nó no coração: «coração, *cor*, nó, *nados* – coração de nó, em latim, *cornudos*» – escrevia. Um desbragamento erudito, que foi muito celebrado pelos latinistas naquele tempo em que se declinavam aquelas linguagens inconscientemente e profusamente entre as famílias.

O triunfo completo da Regeneração e o reviramento do espírito público numa área de doze léguas atribui-se ao abade. O magistrado superior do distrito deu-lhe um jantar e comprometeu-se a recomendá-lo ao Saldanha em qualquer pretensão.

Enquanto lidou azafamado na política, distraiu-se algum tanto, supurou o mau humor e teve algumas febres sezonáticas de animalidade terna com Eufémia; porém, voltado ao remanso do lar, a visão implacável de Felícia sentou-se-lhe à beira do leito, pendurou-se-lhe nos galhos das árvores, tinha aparições espectrais por detrás da cadeira em que o estafermo da Troncha se repetenava; e, por noite morta, quando os galos cucuritavam e a vaca mugia, os gemidos recontidos da sua saudade marejavam-lhe os olhos, e ele sentia guinadas de sacudir com um coice do leito profanado a Eufémia, que sibilava roncões, muito espapaçada de enxúndias nos finos lençóis que a outra urdira. Mordiam-no remorsos, fugia-lhe o sono, erguia-se, deixando a odiada Troncha a dormir, muito regalada, o sono da consciência limpa, como se aquilo não fosse nada com ela; e a Providência, castigando-o a ele só, mostrava-lhe que, se ali havia naquele danado coito algum criminoso, o único pecador e asno era ele. Eufémia entrevia-o a passear e a fumar no quarto, raspando os chinelos de ourelos. Desgrudava os olhos com as palmas das mãos e dizia-lhe estrouvinhada:

– Ó idolatrado!, deita-te!

E ele, muito escamado:

– Dorme e deixa-me.

– Já se deixa ver... – resmungava muito azeda, voltava-lhe as costas, e ressonava logo.

Ele então punha os olhos no Céu, através do tecto, e pensava com um grande ideal de justiça: «Que besta aquela!»

## II

Deu um jornal cabralista, o *Periódico dos Pobres*, a notícia de terem regressado ao seu palacete da Rua do Príncipe, depois de dois anos de ausência, os Ex.<sup>mos</sup> Barões do Rabaçal e seus Ex.mos Manos, o Sr. José Macário e sua Ex.ma Esposa, D. Felícia Macário, com seu pai e sogro, o Sr. Eusébio Macário, cavaleiro da Ordem de Cristo, honrado proprietário do Minho, carácter sério, a quem o Governo da ordem e o pendão imaculado da rainha e Carta devia enérgicos serviços. Continuando, o *Periódico dos Pobres* fazia votos por que o Sr. Barão do Rabaçal, pela sua fortuna honradamente adquirida, e o Sr. Eusébio Macário, pela sua capacidade provada e sérios intuitos políticos, tomassem na cidade heróica – depósito do coração do Re Dador, o imortal D. Pedro IV – o lugar que lhes competia na fileira dos homens destinados a suster o País na ladeira por onde os regeneradores o iam impelindo ao abismo, etc.

O mesmo diário, passados dias:

«A Ex.<sup>ma</sup> Condessa do Casal, D. Luisa, reuniu ontem nas suas selectas salas as suas numerosas relações. Baile esplêndido, como todas as festas daquela casa, modelo de fino gosto e de incomparável elegância! Entre as pessoas da nossa maior veneração, tivemos a dita de ver o nosso amigo Sr. Barão do Rabaçal, há pouco regressado da corte, onde deixou indeléveis saudades na primeira sociedade da capital. Tivemos também o gosto e honra de cumprimentar a Ex.ma Baronesa, formosíssima dama do nosso Minho, tão pródigo em belezas de toda a espécie. Ao lado de S. Ex.<sup>a</sup> vimos a Ex.<sup>ma</sup> Mana do Sr. Barão, a Sr.<sup>a</sup> D. Felícia Macário, senhora que no vigor da vida ostenta as belezas das primeiras primaveras. Todos conhecem o Sr. José Macário, esposo desta dama: um dos nossos elegantes, cavalheiro em toda a extensão da palavra e socialmente prendado de todos os atributos que tornam preciosa a companhia deste já agora distinto ornamento da nossa terra. Não esqueceremos o respeitabilíssimo Sr. Eusébio Macário, progenitor, por assim dizer, destas duas famílias, que devem aquecer-lhe a velhice com o sol da felicidade; porque é licito o orgulho de ter produzido filhos como a Ex.<sup>ma</sup> Baronesa e seu irmão o Sr. José Macário, nosso particular amigo. Etc.»

Q abade, lidas as duas notícias vinda no mesmo correio, expectorou uma palavra obscena, muito repreensível, mas única em língua de homens, adequada ao assunto. Depois repetiu o vocábulo desobstruente seis vezes, carregando muitos nos *rr*, e ficou mais aliviado. Há exclamações que laxam a alma, que a descarregam das opilações timpaníticas. O abade, quando Eufémia entrou atraída pela sexta explosão de bÍlis, destampou a rir a trancos, curvado, a bater com as mãos nos joelhos e nas nádegas. Depois atirou-se para cima da cama a espernear, de rebolo, com umas gargalhadas estrídulas.

– Deram-lhe volta os miolos! – pensou a Troncha.

E agarrando-lhe as pernas:

– Isto que é?

O abade apontava para os dois números do *Periódico dos Pobres* e não podia responder, porque, à força de arquejar a rir e a puxar pelo diafragma, principiava a vomitar um vinho de 34 muito copioso que emborcara sobre uma caldeirada de enguias do rio Tâmega. A Troncha considerou-o borracho e correu a fazer-lhe chá.

Quando voltou, padre Justino estava sério, carrancudo, abstraído, e os jornais

tinham levado sumiço. Bebeu o chá num jacto e disse à Troncha que o deixasse dormir. Ela saiu cabisbaixa e, achando no corredor o padre João da Eira, que recolhia dum baptizado e trazia o livro dos nascimentos à assinatura, disse-lhe baixinho:

– Está a cozê-la. Carregou-lhe com o engarrafado sobre as enguias e apanhou uma carraspana daquela casta; mas muito alegre. Isso espolinhava-se na cama que o padre João não faz uma ideia! Agora vai dormir. Eu nunca o vi tão canjica, palavra!

– São horas fracas... – explicou o coadjutor, com uma grande experiência de semelhantes fragilidades. – As vezes, duas gotas tombam um homem. Só quem o não bebe é que não se embebeda, Sr<sup>a</sup> Eufémia.

– Pois isso é assim, é; mas espolinar-se daquele feitio é a primeira vez que vejo; e, depois que pôs fora o vinho, ficou numa pasmaceira, embezerrou, mandou-me embora...

Padre João, enquanto comia o resto das enguias, contou-lhe casos bíblicos acerca das piteiras do povo de Deus para desculpar as da geração actual, que anda para aí à matroca, sem temor do Inferno, e concluiu por um prolóquio bestial muito do seu uso: «Lá se avenha Deus com o seu mundo.» E daí a pouco, escorropichando a garrafa do de 34: – O Criador quando fez isto bem sabia o que havia de acontecer aos mortais, Sr<sup>a</sup> Eufémia. – E, dizendo, dava-lhe umas brandas palmadas na coxa direita, de um modo equívoco, pois que tanto podia entender-se que o Criador fizera o vinho de 34 como a coxa torneada da Eufémia Troncha. Não se suspeite, ainda assim, que o padre João da Eira meditava ser coadjutor do abade no grande elastério da palavra. Ele era sóbrio e indolente em toda a espécie de coadjuvação. Se lhe sucedia estar numa das tais horas fracas, depois de libar três copinhos da garrafeira abacial, o seu vinho punha-lhe na alma umas tonalidades de padre Eurico ou padre Jocelyn. Fugia-lhe a mão, como a do Tartufo, um pouco para apalpadelas das fazendas que vestiam as pernas das Elmiras; mas do estofa para dentro quase todas as pernas eram inviolavelmente sagradas para ele. Um bom homem – incapaz de premeditar uma asneira; e, se alguma fez, foi porque a natureza o apanhou desprecaído, de chofre, incapaz de reagir com orações e jejuns, como os grandes santos, mártires e outros padres minhotos.

É bem notório que não era destes últimos o abade. Ele estava no quarto a esmoer a sua embriaguez de paixão, de cólera e vingança. Felícia nunca lhe parecera tão nitente e aureolada de resplendores boreais como através daquele papel pardo do *Periódico dos Pobres*. Parecia-lhe vê-la pela primeira vez entre os nimbos iriados da sua beleza. O seu bom senso crítico esvaíra-se-lhe na hilaridade, naquele espojar-se epilético de Bertoldo, conferindo a cabreira de Barroso na choça do seu lugarejo com a D. Felícia Macário dos salões da condessa do Casal. Padre Justino, enquanto riu, embora se espolinhasse, revelou dotes de critério, de juízo, de positivismo, não vulgares naqueles tempos românticos; mas, caído na sorna mudez da sua paixão, contemplava Felícia com seriedade análoga à dos redactores do *Periódico dos Pobres*.

Em resultado de várias fermentações evolutivas, deu-lhe a tineta de partir logo para o Porto e afrontar os Macários, com a sua presença, no teatro, nos bailes, nas igrejas, no Jardim de S. Lázaro – parar defronte de Felícia, do marido, do Rabaçal, munido duma bengala; provocar com o riso escarninho o Fístula, o fadista reles, e atihar-lhe, sendo necessário, duas boas taponas, muito taipa, com o rijo pulso duma cana onde ainda palpitava sangue barrosão. Quanto a ela, desejava arrebatá-la, comê-la de beijos, ou esganá-la e estrinçá-la com os dentes. Não estava doido – era um amante vulgar, apenas ridículo pela dramatização um pouco serôdia da sua vingança ensanguentada dos horrores da tragédia grega. A sua preocupação principal era bater no Fístula em público, e depois escrever um opúsculo in-8º, a história burlesca dos Rabaçais e dos Macários, e a sua própria com a piedosa coragem de Santo Agostinho e a fidelidade

cínica de Rousseau nas *Confissões*. Não o assustava o escândalo, nem as leis eclesiásticas, nem o Inferno, nem sequer a polícia correcional. Às vezes desfechava punhadas contra o ambiente afumacado do quarto e ringia os dentes; outras vezes debulhava-se em lágrimas e articulava maviosamente, flebilmente, com vagidos lamentosos, o nome de Felícia. Depois, o imaginá-la na alcova nupcial, as saias brancas curtas, o penteador esbagachado de rendas transparentes, os cabelos soltos, o Fístula em ceroulas e chinelos, esta visão, piorada pelos direitos nupciais, secava-lhe a fronte consoladora do pranto, punha-o de pé em atitudes iracundas, ele, com os olhos em brasa e os dentes cerrados, vociferava: – Raios os partam!

A Troncha, cada vez mais arreliada, muito focinhuda com as reflexões do infeliz, andava sempre a dizer ao coadjutor que não aturava o doido do abade e que se ia embora, que tinha que comer, um conto e quinhentos de juros e o seu ofício de costureira; que ficara a governar a casa do padre porque ele lhe jurara um amor eterno e lhe prometera mundos e fundos; que não lhe dera o valor de dois caracóis, e à outra, à Felícia, encheu-a de bom ouro, um estupor de labrega, que nem cozinhar sabia, e assim que pilhou um asno que a quisesse pelo dinheiro assobiou-lhe às botas. Padre João contemporizava conciliador, fazendo justiça às qualidades da Troncha, com excesso desculpável, quando cortesmente lhe dizia:

– E mais você, Sr<sup>a</sup> Eufémia, como mulher é muito melhor que a Felícia, e bem se vê que teve outros princípios civilizados. Descanse. Olhe que o abade não a Larga, porque não topa outra tão perfeita. Asno seria ele... – E, gaguejando, entre pudico e maroto: – Dá deus as nozes a quem não tem dentes

E ela então, com uns requebros de sentimental denguice, contava a paixão que tivera por ela o Silva Guimarães, um brasileiro da Rua do Rosário, que lhe morrera nos braços, deixando-lhe dois contos e uma cama aparelhada; que estivera com ele sete anos, como Deus com os anjos, e que, se não morresse de um ataque apoplético, decerto a recebia à hora da morte; que outro galo lhe cantara se tivesse um filho do seu sempre chorado Silva Guimarães. Padre João, muito atento, interessado, animava as expansivas confidências da Troncha. Ela era metódica nos seus anais amorosos. Dividia em três secções os amantes: brasileiros, militares e clericais. Na segunda secção lembrou-lhe o Crispim, primeiro-sargento da Municipal, sucessor do Guimarães e co-herdeiro da cama. Primeiro, borbulhavam-lhe duas lágrimas como duas pérolas roubadas às faces de Julieta, contando as patuscadas que fizeram nas Pedras Salgadas, em Campanhã, no Reimão. Depois, mudado o gesto e num tom plangente, contou o caso infando de o apanhar com a mulher dum cabo a comer pastéis em casa do João Garoto, em Cedofeita. – O canalha que me pilhou passante de quatrocentos mil-réis de empréstimo! – dizia, batendo na coxa vasta como se batesse nas costas do seu infame devedor Crispim.

– Não que ele há marotos muito grandes na tropa! – obtemperou o padre João da Eira, rancoroso inimigo das armas, sem que fosse notável partidário das letras.

Destarte se consolavam em longas e íntimas palestras a amásia e o coadjutor do abade, ambos enxotados, com arremessos, da sua intimidade. Sabia-se que ele, fechado no seu quarto, escrevia cadernos de almagão e consultava os anciãos de Santiago sobre velhas patifarias da linhagem dos Macários. Parece que o homem, sem conhecer as iniciações de Balzac, teve a previsão dos modernos processos e quis derivar a canalhice dos Macários como escorrimento podre, latrinário, de uma raça muito malandra.

Lia sempre o *Periódico dos Pobres*, à cata de notícias novas que lhe pusessem no estilo as manchas verdes dos venenos mortais. Um dia leu que vagara um canonicato na Sé do Porto. Exultou. Ir para o Porto, poder ali estar à barba da corja, na alta categoria

eclesiástica que lhe facilitava ingresso nas primeiras casas; poder relacionar-se com as famílias principais, contar-lhes quem eram os Macários, a Felícia, a Custódia; atirá-los à galhofa dos vadios do Guichard, aos epigramas das gazetas regeneradoras; enfim, destruí-los, desabá-los, esmagá-los com o ridículo, e com a autoridade da sua posição clerical – tal era o plano adstrito à conezia. Foi a Braga, entendeu-se com o governador civil, requereu a conezia e obteve-a.

Precisava desfazer-se da Eufémia. Não lhe convinha no Porto uma companhia de mulher muito conhecida entre as velhas costureiras de vida airada, trescalando fedores de pecado sertanejo, até certo ponto desculpável em abade de aldeia, que seria pior pastor apossando-se das ovelhas sãs em lugar das gafadas. Queria adquirir no Porto uma certa respeitabilidade; e a Troncha, muito descarada, seria capaz de gabar-se de amiga do Sr. Cónego. Começou a fingir-se arrependido dos seus pecados, muito escrupuloso, não comendo carne à sexta-feira, pendurando umas camáldulas virgens na pirâmide do leite onde a Troncha costumava pendurar a rede de torçal, muito oleosa, dos cabelos. Ponderava sobre penas do Inferno a padre João, falava em confissão geral à Eufémia; e tanto o coadjutor como a pecadora pareciam menos inclinados a crer no Inferno que na sandice do abade. E ela, bamboando os seios sobre os braços cruzados:

– Sabe o senhor que mais? O que ele quer é deixar-me, o tratante! Bem me fio eu no arrependimento do impostor! Que o leve o Diabo quanto antes para o Porto, mas há-de pagar-me com língua de palmo dois anos que o servi. Não me faltava mais nada! Estar aqui a aturar um tihoso emplasmado, cheio de moléstias, a cuidar-lhe das comedorias, pelos seus bonitos olhos, e por aqui me sirvo, Sr<sup>a</sup> Eufémia... Quem? Eu? Nentes, que se escama o gajo!

Esta frase bandalhona que lhe ficou do Crispim foi ela quem a propagou em Basto juntamente com as garibáldis vermelhas. Com a frase costumava simultaneamente arregaçar a pálpebra inferior dum olho, ou batia nos quadris peneirados uma palmada estridente; mas na presente conjuntura fez ambas as coisas. Padre João da Eira contemplava aquilo com a circunspecção atenciosa de diácono que assistisse aos gestos de um professor de Retórica do púlpito. Ela era a sua primeira paixão séria.

O cónego Justino houve-se liberalmente com Eufémia, dando-lhe mobílias, copioso bragal, o milho dos espigueiros, todo o conteúdo das capoeiras, a chave da adega e a salgadeira bem provida. Benigno com o coadjutor, conseguiu que ele paroquiasse por encomendação e prometeu-lhe, com a equidade de arrependido e converso à religião da justiça, impedir que na Secretaria dos Negócios Eclesiásticos fosse nomeado abade enquanto os regeneradores governassem.

– Pode-se encher, padre João, pode-se encher em dois ou três anos. Quanto à Eufémia, conserve-a. E boa cozinheira, bem sabe. Serve-lhe. Não me acha mais limpa.

– As línguas do mundo... – murmurou o padre, inclinando a um lado o semblante de olhos quebrados como o discípulo amado no quadro da ceia de Vinci.

– A consciência, padre João, a consciência, e deixe lá as línguas do mundo, excepto as de vaca, que a Eufémia guisa ricamente.

E o encomendado num riso rinchado:

– O Sr. Cónego é um maganão quando está de bom humor!...

O cónego Justino saiu a despedir-se das famílias mais gradas de Basto. Demorou-se seis dias. Ao sétimo, quando bateu, por volta da meia-noite, à porta da residência, ouviu rebuliço extraordinário. Era o padre João que fugia estremunhado da cama da Troncha com o fato num embrulho e os tamancos na mão. O cónego, para entrar na sua alcova, tinha de atravessar a da Eufémia; era forçoso fugir o coadjutor; mas ela, sentada na cama com grande presença de espírito, dizia ao seu padre João, muito assustadiço:

– Não faças tanta bulha, idolatrado, vai mais devagarinho...

## III

José Macário, ao fim do primeiro mês de casado, começou de cismar na sua honra e a sentir-se mal com a consciência e com a Felícia. Enquanto a posse dos cem mil cruzados do dote o estonteou como uma descarga eléctrica, a consciência esteve quieta, atordoada, num deslumbramento; mas, assim que se fez à serena convicção de que era rico, a dura obrigação de considerar a sua fortuna uma dependência da esposa, da fatigada fêmea do abade da Faia, entrou lá dentro a vascolear-lhe no fundo pântano da alma e a trazer-lhe ao de cima uma escuma pútrida que ele chamava a sua dignidade. Felícia, numa sossegada inércia de inteligência e coração, não compreendia a honra nem a desonra do marido. Ela não o amava nem aborrecia; era a sua mulher à face da Igreja e pensava que o episódio da abadia era uma coisa indiferente à legitimidade da sua posição. Em vez de considerar-se agradecida, achava-se com direito à gratidão do marido, que não tinha um pataco de seu. Lembrava-se dó Fístula a pedir-lhe dois pintos, a lamber os pratos da tapioca, a fingir cólicas para lhe apanhar copos de genebra, às escondidas do abade. Demais a mais, tinha-o conhecido aos oito anos, um ranhoso, com a fralda suja de fora pela fenda posterior das calças de cotim, descalço, arregaçado até às virilhas a patinhar nos charcos com moncos e muito piolho. A mãe, a Rosa Canelas, deixava-o andar para aí, à toa, esfarrapado, um pingarelho a roubar fruta pelos campos e a pedir aos brasileiros dez-reizinhos. Para uma quarta de figos, e ia comprar cigarros, o garoto. Depois, via-o nas férias, quando ele vinha de Braga, e se metia em casa do abade, com a guitarra, a cantar cantigas porcas, e a pedir-lhe a ela uns cobres, e dava-lhe caixas de banha furtadas na botica. Ela tinha estas reminiscências, quando o via chegar de fora, arrancar as luvas cor de canário, com arremesso, atirar-se cheio de tédio sobre os cochins da sua sala no hotel, encará-la de revés com fastio, a assobiar trechos de zarzuela, quando Felícia lhe dizia: – Você parece que não veio bô da rua!

Hospedara-se toda a família no Central, em Lisboa, quando recolheram de Sintra. José Macário dissera ao pai que não voltava para o Porto tão cedo, que receava que o abade desse à língua e se descobrisse a sua desonra. Eusébio começava igualmente a enxergar a honra sob outros aspectos e feitos. A mudança do meio, as convivências, o trato com pessoas praxistas em teorias de dignidade, viscondes, conselheiros, vários sujeitos das salas onde a filha ia tomar chá, rasgaram horizontes novos à sua compreensão da moral. Também ele, bem trajado, e cevado, sentia-se na abundância, no empertigamento pessoal em que a honra se apruma consoante a rizeja dos colarinhos e a tesura da gravata. A Felícia, sua conhecida dezasseis anos em mancebia, também lhe fazia uns secretos engulhos e um certo mal-estar de sogro que se preza. Os Macários, pai e filho, entravam a regenerar-se, a polir-se, no atrito dos pintos e dos soberanos. O dinheiro, que em tantos casos é o motor de enormes ignominias, levantara o Fístula e o sogro da concubina do abade ao nível dos maridos probos e dos sogros envergonhados. Ainda mais, a Custódia, acepilhada em corpo e alma na convivência das condessas, também se sentia enjoada à beira da Felícia, que ela tantas vezes vira com a cabeça do padre no regaço, quando não tinha no regaço do padre a cabeça. E, se o irmão se queixava arrependido de ter casado, de ter vendido a sua dignidade por quarenta contos, a baronesa consolava-o:

– Já agora, mano José, não há remédio; trata de te divertir, que é o que eu faço. O barão é o que tu sabes, um bruto que já me deu dois bofetões por eu lhe dizer que achava o baixo da Opera muito simpático. Sofri com paciência e fiz de conta que não se pode ter tudo bom. Acabou-se, toca a divertir à grande, e leve a breca paixões! Há muitos homens no teu caso, e não dão cavaco.

E desenrolou uma lista de maridos lisboetas que eles encontravam nos salões onde tinham aprendido os elementos convencionais da honra.

– Já me lembrou sair do País – alvitava José Macário –, viajar, viver em Paris e não voltar a Portugal. O irmão que tome conta dela... Que a leve o Diabo...

A baronesa contrariou-o, discreta: que parecia mal safar-se com o dinheiro e deixar a mulher; que então é que se sabia tudo e ficavam todos envergonhados, numa posição desgraçada; que o barão, se ele lhe deixasse a irmã, pintava a manta, e quem o pagava era ela: que não fizesse tal; e que o abade era um pobre diabo que não contaria nada.

O Fístula, para despontar os espinhos da sua dor, distraia-se; girava na chusma dos fidalgos toureiros e dândis, com poderosas faculdades assimiladoras de *poses* e tafularias. Vestia-se no Keil, pelo figurino de António da Cunha Sotomaior. Não quadrava à sua índole colorista a severidade melancólica dos casacos pretos e calças à hussardo – a libré dos implacáveis agentes do Inferno na perdição das mulheres.

Gostava das pilhérias do Martins do *Burlesco* e imitava-lhas pelintrando-as com chalaças de Basto. António Augusto Teixeira de Vasconcelos não lhe chamava primo; mas ensinara-o a gaguejar as facécias lerdas em que já gozara fama primacial nas Travessas em Braga. Na intimidade do Domingos Ardisson, do conde de Vimioso, dos Ficalhos e Cantagalos guitarreava fados e lunduns. Tratava por *tu* os escritores do Marrare; jactava-se de ter dado copiosas ceias a Lopes de Mendonça e D. José de Almada, deplorando com ares protectores a sorte mesquinha dos talentos em Portugal. Chamavam-lhe em Lisboa o «Macário janota», e diziam que era fino, valente e muito perigoso quando estava bêbado. Da mulher dizia-se que era uma pobre lorpa, uma selecta de tolices, muito madura; e, por denúncia dum deputado do Minho, constava que ela tinha sido amante de um abade. Este último predicado não a engrandecia nem desdourava; era uma informação banal: pior seria se divulgassem que ela tinha dentes postiços, uns joanetes alcantilados ou uma fístula lacrimal. De resto, ninguém lhe fazia a corte, e achava-se que o marido tinha razão em amar a Marta corista, uma trigueira muito cara, e passear o seu escândalo com ela pelo Dafundo.

O barão do Rabaçal andava desconfiado da mulher desde que ela gabara com lorpa ingenuidade a figura do baixo Del-Aste. Ele dera-lhe dois cachaços com insuficiente equidade. Fora o caso: insistia a baronesa em encarecer a bonita figura do baixo quando estavam ceando e mais a Felícia depois dê assistir à récita do *Nabuco*. O marido zangava-se, mordida-se e mostrava-o no frenesi com que trincava a perna tenra duma perdiz grelhada. A Custódia dizia à cunhada com pertinácia:

– O baixo é uma linda figura, não é?

E o barão, com ímpeto, enfiado:

– Você mi parece quê baba por ele! Quê caipòrismo!

– Gosto, pois então! Isso que faz?

– Que faz isso, hem? – replicou o marido, e cascou-lhe os bofetões, sem mais nem menos.

A mana Felícia agarrou-se-lhe ao braço, e Custódia, sufocada em choro, foi para o seu quarto, nutrindo na alma desejos ocultos de que a peste lhe levasse o marido.

Daí em diante, no espírito do barão penetraram cautelas, desconfianças, pressentimentos. Resolveu sair de Lisboa logo que estivesse habitável o palacete que mandara construir na Rua do Príncipe. Eram-lhe suspeitas algumas notabilidades políticas que o visitavam. Surpreendera olhadelas esconsas de homens graves, conselheiros de bigodes tingidos, vistas lúbricas dardejadas aos seios aflantes da baronesa, que arquejava nos espartilhos, muito rosada, com um orvalho de rosas, pulverizadas de átomos de pérolas, muito boa mulher.

O Fístula andava azedo com o cunhado, quando saíram da capital. O barão soubera a vida devassa do amante da corista, luxo, pândegas no Vítor; achava a irmã a chorar – que eram os seus pecados, que quebradas tivesse ela as duas pernas quando casou; que o José dormia em casa raras vezes e a tratava muito mal. O barão recolhia-se, melancólico como um filósofo, e dizia consigo: «Ah!, como verifica-se o dito do abade: ‘Estes Macários são má raça!’»

Logo que chegaram ao Porto, romperam-se as hostilidades. José Macário declarou que se apartava com a mulher e alugou casa na Rua de Boavista. O pai ficou com a filha, e o barão mostrou-se contente da separação, porque lhe aborreciam as caramunhas da Felícia e a vadiagem brejeira do cunhado. Ainda assim, visitavam-se e concorriam aos bailes da Assembleia, à Filarmónica, aos teatros, aos concertos, ao Jardim de S. Lázaro e às salas do conde de Alpendurada, do barão de S. Torcato, do Vila Verde, um Custódio muito bom homem, da condessa do Casal D. Luísa, onde os redactores do *Periódico dos Pobres* tinham tido a ventura de os encontrar.

Os ciúmes do barão mitigaram-se na sociedade portuense, onde os costumes, se não eram exemplares, não estavam como os da corte – uma corrupção completa. A baronesa usava todas as cautelas, muito prudente; assim que algum corrupto lhe assestava olhares quentes e significativos de ideias destemperadas, voltava-lhe as costas com a mais casta descortesia. Homem que ao passar na Rua do Príncipe, e perto da sua casa, estando ela à sacada, puxasse por lenço branco, levava com a janela na cara. Se avistava binóculos no teatro apontados à sua pessoa, olhava de esguelha para o barão; e, se via que ele dava fé, murmurava: – A pouca-vergonha dos óculos! Estes pasmados do Porto... Vão para o Diabo!

O barão gostava destas iras: – São uns trouxas, uns bigòrrilhas – dizia. – São mâtutos da bandâlheira. Andam nà onça, não faz-lhes peso a chelpa nem o miolo, hem?  
1

Medrava pois tranquilo, sentia-se bem no Porto, muito festejado, muita consideração, uma idolatria maior que na capital. No percurso de seis meses foi nomeado conselheiro da Santa Casa, mordomo dos Lázaros e dito do Recolhimento das Velhas, fiscal das Meninas Desamparadas, vice-ministro da Ordem Terceira de S. Francisco, prior da Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, protector do Terço e Caridade, prior da Celestial Ordem Terceira da Santíssima Trindade, vice-director da Irmandade da Lapa. Ele, o Bento José Pereira Montalegre, era o Porto, metera-se nele a cidade inteira; fizera-se um símbolo, o representativo de quarenta mil almas; se o pusessem na cornija do Paço Municipal, apeando o estúpido granito que lá está numa pasmaceira palerma, tinham o Porto em 1852 carne, em enxúndias, em espírito e em joanetes.

Não saboreava igual sossego José Macário. A Pascoela Trigueiros morava também na Rua da Boavista. Nos dois anos decorridos nutrira, arredondara, brunira as clavículas angulosas e recobrou em chumaços de tecidos adiposos o que dispensara em algodão. De muito apetite. Entre suicidar-se, como prometera, ou aceitar a corte ao Tomé da Persigueda, o do cavalo pigarço, optara pelo segundo expediente. A perfídia de José Macário operara-lhe as cataratas da candura. «Estou curada», dizia ela. Curar-se era colher as velas ao sentimentalismo; não aprobejar ao mar largo; amar de cabotagem, bordejar na vasa, porque os naufrágios no lodo não são de perigo. Macário, o fadista, ferira-lhe uma toeira nova na viola do coração; mas partira-lha; e ela, acalcanhada na sua idolatria, sentindo-se falha na corda das suas solfas íntimas, fez-se corpo estreme e

---

<sup>1</sup> *Trouxas*, sinónimo de *trampolineiros*, *pulhas*; o mesmo *matulos*. *Andar na onça*, o mesmo que não ter dinheiro, andar à lebre. Dizeres importados do idioma brasileiro e bons para Portugal, onde são muitos os *trouxas*, e os *matulos*, e não menos os que *andam à onça*.

engordou.

Quando José Macário chegou ao Porto, o bacharel da Persigueda, o Tomé, queixou-se-lhe: que a Pascoela era uma heroína, uma Aspásia, nova Lais, a Friné da última hora. Chamou-lhe tudo o que sabia de mais historicamente injurioso na velha Grécia; que não tinha no coração uma fibra incorrupta; enfim, que o trocara pelo chanceler do Consulado Francês, um arganzaz que polcara com ela no baile que a Câmara deu à rainha. Mas que a não podia esquecer; que era um anjo despenhado – as devassas de 52 eram todos anjos despenhados; que ele imaginara regenerá-la tonizando-a com o idealismo, recitando-lhe solaus dos irmãos Serpas; pérolas a uma porca – e que ela tinha o desplante impudico de lhe dizer numa languidez de michela: «Mi rèpete fãdinhos, meu dengue!» – E se lhe recitava as líricas do Lima poeta ou do João de Lemos, ela bocejava e dizia: «Quê masso! Mi canta chibambas e lunduns fãceiros, meu quindim!» – Uma piteireira. – Hei-de espetá-la num romance!, há-de levar a sua conta! – dizia.

Macário escutava-o com imensa saudade dos bons tempos da Cruz da Regateira – aquele caramanchão da quinta de Madame Flora, uma francesa viúva de um corsário: era um tecido de trepadeiras como açafate de pombos. Ele fornecia-se de empadas de marisco no pasteleiro da Rua de Santo António e carcavelos e santerre da garrafeira do cunhado. A Trigueiros entrava muito nos licores capitosos, nos charutos fortes; punha nos cabelos matizes de lírios e verbena e entoava *tiranas* cantando com soluçado langor: – Ó gentes! – Uma adorável doida, uma baiadera com piela, a sapatear pipocas das roceiras, com muitos regamboleios de quadris e o pé arqueado, a bater as mãos transparentes como cornalinas, a dar cafunés e a dizer muito hilariante com uns peneirados da roça: – Aitona! Vai hãver àqui pãrtida rija, o diabo à quatro, seu moço!

Encontrou-se no baile da Sr<sup>a</sup> Aguilar Spenser em Massarelos, deslumbrante, soberba, relanceando-lhe a ele um olhar de comiserção e à Felícia todo o escárnio que pode rir nuns olhos piscos. A Felícia que lhe sabia das artes e manhas, acotovelou a cunhada e segredou-lhe: – Credo! Olha que bisca ali está! –A baronesa, que tinha sido a íntima, a confidente da Pascoela, fez-lhe um gesto entre tímido e afectuoso. A Trigueiros, irritada, correspondeu-lhe avincando a testa com sobranceiro desprezo. Macário presenciara, achou adoráveis aqueles gestos insolentes. Nunca lhe parecera tão vilipendiosa a sua situação de marido de Felícia. No olhar zombeteiro da Trigueiros sentiu-se tão esmagado em sua vaidade que odiou profundamente, com rancor uxoricida, a fêmea do abade.

A amante do chanceler andava radiosa, mais estouvada e desenvolta que o costume, com trejeitos muito sacudidos, triunfais, de espalhafato, polcando com o francês, muito aconchegada dele, com a cintura flexuosa a quebrar-se-lhe na curva compressiva do braço. As mães de famílias, umas senhoras bojudas que tinham dançado em 1840 o grave solo inglês e a gavota, viam escandalizadas a desenvoltura da brasileira e diziam à dona da casa que a Trigueiros não devia dançar diante de meninas; que aquilo nem nos bailes mascarados em teatros se admitia e que as costureiras dançavam com mais decência. A Sr<sup>a</sup> Spenser, que tinha viajado, dizia que a Trigueiros polcava muito *dégagée*, à francesa.

– Esta moda francesa cá no Porto não pega, creia a senhora que não pega – dizia muito aziugada a esposa do Costa Mendes bacalhoeiro, vigário de Nossa Senhora do Terço e Caridade; e segredava às inocentes filhas, duas meninas que suavam esbofadas da polca: – Olhem que modos aqueles de se deitar no ombro do homem! Má mês para o mafarrico da mulher!, parece mesmo da viela! – As inocentes meninas achavam que sim, que se parecia com as da viela.

## IV

José Macário saiu alucinado daquele baile. A neblina do Douro, de madrugada, refrigerou-lhe a testa vulcanizada de amor, e nevroses lascivas, de ciúmes, de raivas. Era Outubro. Carroções de Manuel José de Oliveira, repletos de gente, arrastavam-se para a Foz. Os carroceiros, picando as vacas derreadas para puxarem aquelas famílias, mugiam uns *ehs* prolongados, plangentes, duma grande caracterização selvagem, pré-histórica, anterior à formação das línguas. Sanjoaneiras com as saias enroscadas nos quadris, esbamboando-se, passavam carregadas de sardinha, sacudindo a água que estilava dos cabazes. Alguns barqueiros, na alameda fronteira, arrotavam aguardente e fumavam em cachimbos negros. Grupos de operários da fábrica do Bicalho paravam a ver sair as carruagens da casa iluminada do Spenser e diziam amargamente: – Estes é que a levam! Estes é que a levam! Toda a noite na pândega a comer e a dançar... Agora vão dormir regalados... Corja de vadios! – Um velho magro, doente, a tiritar de frio porque empenhara a jaqueta para se embebedar, murmurava: – E dizem que há Deus! Para nós .o que há é o Diabo! – afirmava outro filósofo da mesma têmpera, que ao romper do dia saíra cambaleando duma taberna de Miragaia para a oficina. Os deserdados a pedirem socialismo.

Vida de inferno ultracatólico, se alguém a tinha, era José Macário. Figurava-se-lhe incrível que tivesse trocado aquela grande mulher por Felícia e quarenta contos. Olhava de revés para a esposa legítima e formava-se-lhe em volta do coração uma negrura de nuvem tempestuosa que crescia, crescia, condensava-se, estendia-se até pôr entre ele, marido da criada dum padre e amante da formosíssima Trigueiros, uma escuridão, uma noite imensa, impenetrável à luz duma esperança.

A mulher deitara-se com a sua consciência tranquila e, adormecendo logo de papo acima, parecia escarnecê-lo, sibilando pelas trompas nasais. Ele não tinha um instante de sossego; atirava-se extenuado sobre a otomana, erguia-se de salto, frenético, descaia prostrado nas *voltaires*, balouçava a cabeça entre as mãos, dava ais dum trémulo teatral, outras vezes expedia *ohs* vertiginosos com os punhos afincados na testa. Na vasa daquela alma havia ainda a flor do pranto: chorara!, ele, que nunca mais tivera uma lágrima desde os últimos pontapés que o pai lhe dera por lhe comer o açúcar cândi e o pau de alçapuz da botica! Chorava de paixão da Pascoela, pensava em cair-lhe aos pés de joelhos e exorar-lhe perdão, a pedir-lhe que lhe cuspsse na cara, mas que lhe perdoasse como se perdoa a um miserável que nos merece mais nojo que ódio. As lágrimas tinham-lhe lavado interinamente a consciência; mas ele, para se ver em toda a sua velha infâmia, precisava de meditar alguma nova.

Macário, afinal, por volta das dez tomara chocolate e adormecera na moleza duma poltrona com as pernas estendidas, os braços descaídos sobre a jardineira e meio charuto mordiscado colado ao canto da boca com um escorrimento preto misturado à baba. Sonhava com o pavilhão de Madame Flora, à Cruz da Regateira. Pascoela, sentada nos seus joelhos, sacudia-lhe as extremidades dos cabelos tão subtilmente que lhe titilava umas cócegas deleitosas no pescoço; ele fazia-lhe uns pruridos muito sensuais entre a quarta e quinta costela e ela dava uns gritos infantis, contorcendo-se, rebolando-se-lhe nos braços e mordendo-lhe o bigode. Diziam-se frases cortadas de beijos, dum madrigalesco de bordel, em que a Pascoela se avantajava na graça muito gaiata de carioca, umas brasileirices inflamatórias que pareciam feitas de aromas de banana, trilos de sabiá e essência de moscas-verdes. Uma mucama da sinhá entrava com uma travessa de maionese, de camarões e lagostins, garrafas de santerre e licores. Comiam com uma grande voracidade e bebiam do mesmo copo grandes tragos. A Pascoela rosava-se

muito escandescente, levantava com custo as pálpebras superiores, arrastava melodiosamente as palavras, e a falar da sua paixão por ela desatava-se em lágrimas, e jurava matar-se quando o pérfido a abandonasse. O Fístula então pegava da guitarra e arpejava umas coisas muito choradas; e ela punha-lhe a cabecinha adorada na perna e adormecia numa grande pacificação. Depois, sonhou que se abria de repente com um tufão a porta do caramanchel, e aparecia o abade de Santiago da Faia com a Felícia pela mão, de tamancos, sem meias, com uma saia de chita amarela de barras e os peitos túmidos a rebentarem dos atacadores vermelhos do colete – a *toilette* que ela usava muito em Basto. O abade espirrava umas casquinadas muito brejeiras, quando José Macário acordou e viu ao pé de si a sua legítima esposa, a Felícia, que lhe dizia amorosamente:

– Vai-te deitar na cama, homem, que podes arrefecer aí. Anda para a cama, Zé – e puxava-lhe pelo braço com energia barrosã e muita bulha. Ele fechara os olhos estupefactos, cuidou que estava ainda sonhando; mas, ao terceiro empuxão, acordou de vez e bramiu:

– Vá-se para o Diabo!, deixe-me!

Felícia safou-se assustada dos berros, com uma suspeita pungente da verdade. Ela tinha presenciado que o marido não tirava os olhos da Pascoela no baile; que saíra quando ela saiu; e que, na volta para casa, bufava dentro da sege uns gemidos muito do interior, e não lhe dera uma palavra. «Temo-las arranjadas», pensava ela com santa resignação. «Quebradas tivesse eu ambas as pernas quando casei com este moinante. Dá-me cabo do dinheiro, vocês verão. As cróias põem-nos a pão de pedir.»

Estes *vocês* não significa que a infeliz tivesse auditório: tinha estes desabafos no silêncio do seu quarto. Contavam-lhe na capital que o seu Macário gastara três contos com à Marta corista. Ela uma vez em Lisboa atrevera-se a dizer-lhe que o dinheiro era seu. E vai o Fístula coriscou-lhe tais ameaças no olhar, que a mulher ficou estarrecida, emudeceu de pavor e disse depois ao irmão: – Cuidei que era a minha fim. Mas, se ele me batesse, eu dava-lhe cabo da casta. – O barão emendou-lhe o adjectivo articular em concordância com o substantivo masculino, mas não remediou mais nada. O seu dinheiro preocupava-a muito mais que o seu homem. Nem o mais ligeiro ciúme das deleitações adúlteras do esposo. Habitara-se à viuvez do seu tálamo nupcial e vivia casta como certas damas antigas casadas, de acordo com os maridos, em obséquio à pureza dos anjos de ambos os sexos; mas ela não tinha de ser celebrada Agiológios e em outros livros místicos. Quanto aos quarenta contos, depois que viu Pascoela e os despropósitos do marido, pediu ao irmão que a protegesse; e o barão prometera-lhe, se ele se não emendasse, apartá-la do tratante com separação de bens. A baronesa, condoída dos desgostos da cunhada e receosa das grossarias do marido, pedia ao irmão que não tratasse mal a Felícia; que podia ter a sua estroinice sem ela dar fé; que bem sabia que ele andava atrás da Trigueiros e que ela o desprezava – que era uma vergonha andar assim a chorar o lamba atrás duma doida que tivera uns poucos de amantes desde que ele lhe chamara *catraia* e *pega* e a passara ao Tomé da Persigueda, e, quando a Pascoela lhe mandou dizer que se matava, ele lhe respondera que a não julgava capaz de heroísmo tão patarata.

Eram facadas que lhe dava a irmã. A sua paixão refinava à proporção dos desprezos com que a Trigueiros o repelia em público. Ela na frisa do S. João mudou-se para o lugar inferior para lhe não encontrar os olhos. Num baile de D. Cristina Zusarte, vendo-o *vis-à-vis* numa quadrilha, sentou-se, e os pares esperavam a substituição. José Macário tinha resvalado ao domínio da compaixão convizinha da gargalhada. As mulheres desprezavam-no porque o viam desprezível no conceito de uma safadona. A irmã do barão, que já o não acompanhava ao teatro e aos bailes, era muito lastimada

como a mártir dos seus quarenta contos. Os rapazes honestos colheram informações exactas de reles origem e educação do Fístula e desviaram-se dele com nojo.

No transcurso destes casos, o comendador João Baptista Trigueiros foi avisado da vida escandalosa da mulher. Amigos zelosos impunham-lhe o dever de deixar a devassa que o cobria de irrisão e de infâmia imerecida; resolveu pois sair de Portugal clandestinamente, deixando-a reduzida a uma escassa mesada ministrada por mão dum amigo. Ele não queria dar este passo precipitado. Estava informado há muito; mas não acreditava, não tinha visto; vivia conformado e quase ditoso; mas os amigos meteram-se na sua vida particular e levaram-no àquilo por amor da honra convencional das famílias. Ele perguntava:

– E o barão da Corujeira, e o barão de S. Cucufate, deixam as mulheres?

– É porque não o sabem – respondiam-lhe.

E ele, sarcástico:

– Pois digam-lho, que vamos de companhia e podemos encher um pacote, se forem todos.

O comendador Trigueiros não disse esta coisa humorista inconscientemente. Ele queria ferir os seus consócios e sentia vontade de aconselhar a algum de seus amigos que preparassem as malas.

Andava ele, não obstante, a liquidar a sua papelada, a vender os prédios a ocultas da esposa, quando o chanceler do Consulado foi transferido para Itália.

Pascoela ficou num grande marasmo melancólico; estava afeita ao chanceler, o funcionário tinha amavios muito franceses, com uma alta escola de Mabilie e da velha corrupção do Quartier Latin. Sentia-se cansada, não saía de casa, nenhuma conta na Andriillac, queria repouso, regenerar-se a ser possível com a ajuda de Santa Maria Madalena, que ela tinha no seu quarto entre a gravura duma Susana no banho e uma Dido deitada com as pernas ao alto, sobre a relva, a escutar a perlanga de Eneias. Como iniciação de penitência, principiou a tratar o marido menos mal; a cuidar-lhe da roupa branca, penteava-o, escovava-o, pedia-lhe que viesse jantar com ela, temperava-lhe os semicúpios e fazia-lhe uns parches de encerado para refrigério dos calos. De resto, no rigor de Dezembro, punha duas botijas na cama para aquecer os pés dos dois. Ela, antes deste exórdio de regeneração, deixava-o meditar no leito solitário sobre cotações e câmbios.

O Trigueiros, cheio de bons sentimentos de ordem e paz na família, evitava ocasiões de explicar aos amigos a demora na saída. Eles, pasmados da mudança, feridos na honra comum da súcia, chamavam-lhe nomes de substância muito dura; achavam-no indigno de aparelhar com homens de bem e diziam que ele sabia há muito quem era a mulher e que os levasse o Diabo a ambos, que não ia rico.

Os barões da Corujeira e de S. Cucufate diziam o mesmo. O do Rabaçal achava que ele devia ir-se embora do País depois de quebrar o espinhaço às Pascoela, escangalhá-la.

No entanto José Macário, com a transferência do chanceler, ganhara esperanças. Sorria-lhe a abjecção de esperar ser admitido na vacatura, se o francês a não endossasse de antemão, como ele a tinha empurrado ao bacharel da Persigueda.

Havia na casa do Trigueiros uma mucama, a confidente dos regabofes da Cruz da Regateira, que acompanhava a sinhá no trem e punha sobre a mesinha de cortiça do Pavilhão os moluscos afrodisíacos. José Macário não tinha conseguido fazê-la parar na rua; a preta fugia-lhe ou voltava a cara quando o encontrava; mas, depois que o chanceler saíra, as asperezas cederam ao atrito de alguns soberanos, a ponto de, à quarta instância e quarta libra, a escrava aceitar uma carta.

A preta jogava pelo seguro. Sabia com certeza que não era portadora de corrupção

nova, nem instrumento de modernas libertinagens, quando levava a carta de José Macário.

D. Pascoela não encontrara auxílio de regeneração pedindo-a à santa a quem Jesus perdoara porque *amara muito* –o que é diferente de *amar a muitos*, e algumas senhoras se enganam supondo que é tudo o mesmo. Ao cabo de cinco meses, passados no campo e nas praias, a esposa do Trigueiros sentia-se pletórica de ruim sangue; a reacção da raça sopeada era implacável, a virtude obstruía-a dando-lhe ao coração a intumescência gasosa duma timpanite. O peito soava-lhe a oco; o tédio marasmava-lhe as energias; tinha histerismos, chilikues, amodorrava-se num narcotismo estúpido; sentia-se muito infeliz, e chegou ao extremo expediente dos talentos célebres – embebedava-se com anisete, e então era expansiva com a mucama, lembrava-se do pavilhão da Flora, trauteava fadinhos brasileiros, e por diante de seus olhos mórbidos passava a visão do Macário com a guitarra gemente. Ela então, na excreção da sua sentimentalidade alcoólica, deixava esvurmar-se uma lágrima e murmurava:

– Não posso esquecer ele... Quê cisma!

A preta, num desses transportes de saudade, quando a lágrima borbulhou e o cristal do licor ia baixando, deu-lhe a carta de Macário, repetindo a história da perseguição – que o vira chorar, magro como um cão vadio; que tivera dó dele e lhe aceitara a carta com a condição de ser a última, porque o Macário lhe dissera que ia para os Estados Unidos e a carta era um adeus para sempre.

Pascoela deixou pôr a carta no regaço, quedou-se um momento pensativa sem lhe tocar e disse:

– Pega nisso e leva em fogão.

A preta disse que sim, que ia queimar a carta, mas que tanto fazia lê-la como não – que a lesse para se rir. E a ama:

– Quê qual!, não leio ela. Quê caipòrismo de capadócio! Ainda àtreve-se à mi escrèver! Quê vá-se embora, mi dêxe.

A preta também bebia com abundância nestes conflitos, e não era menos capaz de se enternecer. Desatou a chorar pelo Macário, a lembrar-se da alegria de sua ama quando o amava; que nunca lhe conhecera um amante tão bonito; e, inconveniente com a sua camoeca, dizia que o francês era um marmanjo, que não tinha *erva*, e o Tomé esse então era um roceiro; e, mostrando as arrecadas, o cordão e muitos anéis de ouro, dizia que tudo aquilo lho dera o Sr. Macário, e mais dois vestidos. E as lágrimas, espremidas pela gratidão, rolavam-lhe torrencialmente, pondo-lhe na tez negra uns pontos de brilho fosco. Muito bêbada.

Ouvia-se a campainha. Era o marido. Pascoela mandou retirar a licoreira. Meteu a carta ha algibeira do roupão, pôs o *abatjour* nos castiçais, reclinou-se na poltrona: e, quando o Trigueiros entrava, espreguiçou-se como quem acorda. Ele acariciou-lhe o rosto com a mão, sentou-se à beira dela e disse-lhe:

– Uma novidade, Loló.

– Mi diga você.

– Encontrei o àbade, àquele gajo da Fèlícia qui veio cónego para cá, hem? Se pode ouvir ele.

E contou, muito difuso e mentiroso, os queixumes do abade contra os Macários. Que lhe deram com a porta na cara, quando lhe empalmaram a moça para a casarem com o malandro do Fístula; que ele já sabia que o marido lhe dava muita ripada e que o barão mais hoje mais amanhã havia de conhecer a bestinha com quem casara; que a Custódia, se saísse à mãe, havia de ser como as galinhas; e que o Macário velho, assim que o topasse, lhe havia de dar quatro pontapés; que se dizia que o Fístula já gastara mais de vinte contos com grisetes de Lisboa, e que a mulher estava acabada, que já não

valia um pataco da Junta. E a Pascoela, estirando-se com abrimentos de boca:  
– Tudo isso é bandalheira à canãlhada quê mi faz nojo.

## V

O cónego Justino, assim que soube que Felícia era muito desgraçada, sentiu-se desarmado para o ataque. A primeira sensação foi de júbilo vingativo; depois contraveio a saudade com um sentimento benigno de compaixão.

Havia quem o informasse diariamente. O seu colega Veloso tinha uma governanta, irmã do escudeiro de José Macário. O escudeiro era amante da Maria Clara, criada de sala de D. Felícia. A criada escutava-os, dizia-lhe os maus tratos, as palavras insultantes que ouvia; contava que o patrão falara num abade, chamando-lhe a ela o pior dos nomes, e que a senhora a soluçar, que parecia sufocada, lhe dizia: – Você bem sabia quem eu era, seu pelintra! – E que uma vez lhe batera com um chicote, e ela lhe dera com a pá do lixo no costado; e, se ele se não raspa, que lhe espetava umas tesouras no corpo. É claro que o verniz social não polira as antigas asperezas da valorosa barrosã que batera com o engajo no meirinho de Montalegre e formara a sua destemidez em convivência com o matador de lobos.

Ulteriores informações relatavam que José Macário, desde que levara, raras noites dormia em casa; e, quando vinha de dia mudar de roupa, raras vezes comia, e nunca procurava a senhora. Que o barão visitava a irmã amiúde, e de uma vez se rira muito quando ela lhe disse que lhe zupara com a pá do lixo; e ele à mana: «Que lhe desse para baixo!» Que ela dissera que se queria separar dele por justiça e levantar o seu dinheiro; e que o barão lhe prometera enviar-lhe um advogado.

Nestes termos melodramáticos, o cónego Justino entendeu que devia entrar em cena com ressalvas, intrigas e a bengala, sendo preciso.

Felícia em Lisboa aprendera a ler com a cunhada: era uma vergonha não saber escrever o seu nome, como lhe acontecera no Buçaco quando lhe pediram a sua assinatura; e uma vez em Sintra, quando uma marquesa filantropa lhe pediu esmola para qualquer obra pia, ela não aceitou a lapiseira que a fidalga lhe oferecia para assinar o seu nome num caderninho de papel velino, perfumado, encadernado em marroquim. O Fístula disse à irmã: – Olha se me ensinas essa besta a escrever o seu nome. – Felícia estudou muito, com um grande desejo, e em poucos meses lia com desembaraço e escrevia fonicamente. Quanto a exprimir-se, não vingara defecar-se das parvoíces inveteradas. O abade não lhas corrigira no trato intimo de dezasseis anos, por entender que a gramática era tão supérflua que nem os abades precisavam dela, quanto mais as criadas. Mas o cónego exultou quando soube que Felícia assinara com o próprio punho o requerimento para divórcio; podia corresponder-se com ela, aconselhá-la, oferecer-lhe o seu coração ainda juvenil para amparo e o seu braço robusto para defesa. As vantagens da instrução primária.

Felícia, quando a sua criada lhe entregou uma carta vinda da casa do Sr. Cónego Veloso, disse que não conhecia cónego nenhum; mas, abrindo-a a medo, leu a assinatura *Justino*. Pela primeira vez soletrava aquele nome, que era para ela uma saudade envenenada pelo opróbrio, uma vergonha que ela escondia no coração para que o mundo lha não conhecesse. Contou a criada que as lágrimas lhe resvalaram à carta quando a lia, que se fechara no seu quarto e não jantara. E que o padre Justino também lhe escrevera chorando. Viu-a nessa hora, sentada à beira do seu catre, em Padornelo, quando não tinha quem lhe desse um caldo nem uma palavra de piedade confortadora na sua doença. Talvez a visse na sua choupana, naquelas noites nevadas das alturas de Barroso, aquecendo-lhe com tijolos envoltos no seu saiote os lençóis e os pés. Sentiu-a nos braços, humilde, vencida pelo seu amor, abdicar nos prazeres de um homem que nunca poderia reabilitá-la. Viu-a no decurso de tantos anos, zelando-lhe a saúde e os

bens com a simples recompensa de a não despedir do seu serviço, embora outras mulheres a quem o mundo perdoava o dominassem mais do que ela. Remorsos lancinantes penetravam-lhe o coração empedernido no desdém com que lhe amargurara os melhores anos da sua vida. Queria desculpar-se com o desamor da sua ida para o irmão opulento e da leviandade do casamento com o Fístula: mas as ingratidões e as perfídias reagiam em favor da pobre mulher, que, a não ser ele, teria por marido um lavrador, um jornaleiro, um operário – e esse trabalhador seria hoje um marido honrado, rico e agradecido à esposa que duas vezes o cumulava de riquezas: a do seu amor e a do seu ouro. Afora estas imateriais reminiscências, haveria outras inspirativas de sensações que põem na retórica umas flores rubras, de aromas vertiginosos, e nem sempre usam as folhas verdes com que os escultores honestam as estátuas.

Felícia respondeu com cortesia, sem desaire da sua dignidade: que era infeliz; que estava purgando os seus pecados, e contava com a protecção de Deus e do mano. De sentimentalidade, nada. Apenas dizia que oxalá nunca deixasse de guardar cabras, ou Deus lhe não desse para sua desgraça um irmão rico. – Não tinha de Deus, ao que se vê, uma compreensão muito abonatória. Cuidava que Ele lhe dera o irmão rico como um purgante de pecados. Ah!, o barão era muito drástico; mas os deuses não lhe dariam a missão purificante – eles não lha dariam.

A baronesa do Rabaçal comunicara ao irmão, às escondidas do marido, que a Felícia ia requerer a separação. Que visse lá como se arranjava com o dinheiro. Ela desprezava altivamente a cunhada; chamava-lhe *sostra*. Eusébio Macário também o procurou no pórtico do teatro, levou-o para o Largo da Batalha, vociferou-lhe toda a ladainha dos antigos insultos paternais; que era um perdido, a vergonha da sua família, um debochado, um ladrão; que o desfazia a pontapés, se não fosse pedir perdão a sua mulher. Que se ele pensava em safar-se com o dote de Felícia, que estava enganado, que não o apanhava à unha, porque os bancos já estavam avisados para não entregarem o capital sem autorização dela.

O Fístula sentia-se amolgado, ilaqueado numa cadeia de reveses, tolhido para a reacção. Na tarde desse dia encontrara de cara nas Fontainhas o cónego Justino e mais o cónego Veloso. Ele dissimulara que não o vira, desandara com uma precipitação ridícula; mas ainda ouvira o abade a dizer ao outro sonoramente, num tom de escárnio provocante: – Este é que é o célebre Fístula. Aí o tem.

José Macário chegara a um tão perfeito complexo dos predicamentos da infâmia que até lhe sobejava a cobardia. Tinha a consciência da desonra a gangrenar-lhe todas as entranhas; o coração despegava-se-lhe como um pedaço de carne tábida quando via um gesto de provocação; no desforço dos insultos não o esporeava a revolta da justiça. Para ser um celerado de faca, à sombra de uma esquina, faltava-lhe a coragem de se expor a uma bengala. Resvalaram-no àquele abismo os quarenta contos. Tinha sido valente quando era estudante; dera paulada num funcionário que lhe apalpara os quadris da irmã, professava a esgrima da navalha de mola, jogava o pau, metia uma bala num tordo, mas o inquebrantável pulso da desonra manietara-o, chumbara-lhe uma grilheta e acorrentara-o aos quarenta contos da rascoa do padre. A sociedade, que o propelira ao desdouro com a promessa de o glorificar na sua fortuna, mentira-lhe, bigodeara-o, porque ela, ofendida no seu deslumbramento, se pode, vinga-se dos aventureiros quando eles deixam a descoberto, vulnerável, um dos esteios podres da sua prosperidade arrogante, humilhadora, sem trabalho. Depois é um desabamento desgraçado, um edifício esboroadado, aberto a todos os ventos, a uma grande chuva de lama.

O Fístula, com o pressentimento destes processos sociológicos portuenses, meteu-se em casa, aconselhado pela baronesa. Ela conseguira emprazar o requerimento para

depósito judicial na mão do juiz com intenções conciliadoras. O barão, temeroso do escândalo e da língua do cunhado, transigira até ver se se apaziguavam.

Encerrou-se no seu quarto José Macário. Deitou-se. Disse que estava doente, muito incomodado. O escudeiro foi dar parte à senhora. Ela respondeu: «Que se trate.»

O velhaco tinha saúde e fome; mas não pedia nada. Às vezes dava ais e pensava em bifés; cheirava-lhe a linguados fritos e dominava ímpetos de Ugolino, frenesis de trocar o plano de reconciliação por um prato de almôndegas. E Felícia não lhe aparecia: estava no seu gabinete de trabalho a costurar, com a criada sua amiga única. Pensava em ir viver numa aldeia e levá-la consigo. Falava em ter muitos marrecos e galinhas da Cochinchina, criar cevados e ter duas cabras de leite. Quanto ao marido – que se tratasse.

O escudeiro teimara com o patrão que comesse, que tomasse chá e dois biscoitos sem sal, que eram saudáveis. Ele cedeu aos biscoitos, bebeu meio cálice de porto, e não iludiu a fome. Depois, alta noite, levantou-se, pé ante pé, foi ao aparador e comeu muito queijo londrino e pão com manteiga. Passou rente com a alcova da esposa; estava fechada por dentro; escutou: ela ressonava.

A reconciliação com a Trigueiros estava muito bem encaminhada. Não lhe respondia; sentia-se ainda muito ferida para poder responder-lhe, dizia a preta; mas consentia que ele lhe escrevesse, se quisesse. Ele combinara com a mucama encontrarem-se todos os dias na Cordoaria ao pé da árvore grande. Mas não devia, não podia sair de casa, enquanto não fizesse as pazes com a mulher. Era preciso que a Pascoela soubesse que ele estava impedido pela doença no leito da dor, talvez sucumbido à sua paixão – pensaria ele. Escreveu a um jornalista, seu comensal nas ostras da Águia de Ouro: que estava de cama e necessitava que *alguém* o soubesse; mas só indirectamente, misteriosamente, lho podia comunicar por meio do seu jornal. Era o *Jornal do Povo*, de que o Trigueiros era assinante. No dia seguinte, a primeira local dizia:

## SENTIMOS

Acha-se doente o II.<sup>mo</sup> Sr. José Macário, cunhado do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Barão do Rabaçal. Fazemos votos pelo pronto restabelecimento de S. S.

Esta notícia, duma secura e magreza imprópria da gazetilha, contrastava com a gordura das ostras que o noticiarista devorava na Águia. O Fístula esperava outro estilo, mais cor, e alguns adjectivos. Não supunha que o literato estivesse mancomunado com os outros jornalistas que meses antes o chamavam *cavalheiro ilustre, ornamento da sociedade portuense, muito prendado*, e ultimamente nem sequer o mencionavam nos folhetins dos bailes. Efectivamente, o localista do *Jornal do Povo* desdourava-se de chamar-lhe amigo em tipo 12. Quanto às outras, acompanhava-o depois da meia-noite por um sentimento de dó, vendo que os rapazes do trinque se apartavam dele. De resto, devia-lhe quinze libras e pico, que tencionava pagar-lhe quando vendesse a um editor o seu volume de versos intitulado *As Mariposas*. O Fístula, relendo a notícia, disse consigo: «Que malandro! Ainda há tempos lhe emprestei sete pintos para umas botas!...» E acrescentou, machucando o jornal: «O Porto é um covil de patifes.»

A Trigueiros lera a notícia e ficara melancólica. Não hesitou em condenar-se de severa desmarcadamente com o pobre moço arrependido. Releu todas as cartas que recebera dele, a ressudarem lágrimas, muito lamentosas, com intercadências de apelos sensualistas ao seu temperamento intertropical, pinturas muito vermelhas do pavilhão da flora, denguiques, requebros, enlanguescências, lubricidades de estilo, que soavam como

as copias dos fadinhos que eles tanto amavam. E deu-lhe para chorar e dizer à preta:

– Ele mi mata... e eu lhi amo muito... Ora dá-se? – E espreguiçava-se com languidez felina e uma grande sede de ideais.

A preta nunca deixou de ir à Cordoaria, e achou afinal modo de saber por um criado vizinho do José Macário que ele não saía de casa nem aparecera à janela havia duas semanas; que tinha visto lá entrar algumas vezes o médico Luís António e uma vez a baronesa do Rabaçal com o pai.

O certo é que Felícia teimava em não aparecer ao marido, apesar de saber que lá estava o médico e que da botica tinham vindo duas garrafas de tisanas. Desde o conflito da pá do lixo, em revindicta da chicotada, aquele homem, que ela nunca tinha amado, era-lhe odioso e nojento como um sapo. Acrescia como elemento desta fermentação azeda uma série de cartas do cônego Justino, chamando-a à dignidade, não da Sé portuense – o que seria um calembur insulso –, mas sim à dignidade de esposa ultrajada a quem um vil, enriquecido por ela, recompensava com um chicote, como era público e notório.

Ela escrevia ao Dr. Fiel que andasse para diante com o processo do divórcio; o cônego, indirectamente, espicaçava o advogado, até que o juiz de direito escreveu à baronesa do Rabaçal advertindo-a da necessidade de progredir, segundo os requerimentos reiterados da cliente do Dr. Fiel. Foi então que a Custódia e mais o pai resolveram atacar a esposa irreconciliável no último reduto. Enquanto a baronesa entrava de súbito na saleta da cunhada e lhe rogava encarecidamente que perdoasse ao José, Eusébio obrigou o filho, aos empurrões, a ir ajoelhar aos pés de Felícia. Ele pôs um joelho em terra, e o pai gritava-lhe:

– Pede-lhe perdão, pede-lhe perdão, patife!

– Felícia, perdoa-me, que eu prometo nunca mais te ofender – disse o Fístula com a frieza de um hipócrita que faz o acto de contrição.

– Ó mana! – acudiu Custódia com uma comoção muito impostora. – Ó mana, não seja cruel ... Perdoe-lhe... Não o vê de joelhos?

– Pois sim, sim, como quiserem... Isto há-de durar muito, não tem dúvida... – disse Felícia, erguendo-se muito sacudida.

– Bem os entendo... O que vocês querem sei eu. A mim ninho atrás da orelha não mo fazem

Pediram-lhe explicações; e ela:

– Eu cá me entendo.

A baronesa na carruagem, dizia ao pai:

– Olhe que bicha saiu a tal sostra! Quem viu aquela sopeira em casa do abade e quem na vê agora a fazer-se gente!... O meu gosto era mandá-la tratar dos porcos, a mostrenga velha, que até me faz compaixão ver o José casado com aquele bazulaque!

E Eusébio Macário, obtemperando condicionalmente, dizia:

– Tens razão, Custódia, mas lembra-te que uma família respeitável como nós estamos sendo nesta cidade do Porto devemos evitar escândalos cujos possam afectar a nossa seriedade.

– Ora lérias! – replicava a baronesa com gestos largos.

– Eu, no lugar dele, mandava-a para o Diabo e ia comer o dinheiro lá para fora.

E o Macário, formando um tubo com os beiços, avincando a testa e dando à cabeça uns balouços negativos:

– Isso ofenderia bastantemente a moral pública, menina.

## VI

A inesperada notícia da reconciliação mortificou o cônego; todavia, informações posteriores mitigaram-lhe a zanga notavelmente. O escudeiro contou que as pazes eram fingidas; que à mesa não trocavam palavra; que não saíam juntos e dormiam em camas separadas. O coração de Justino banhava-se em frescuras aromáticas de uma casta alegria.

O noticiário do *Jornal do Povo* escreveu:

## PARABÉNS

Tivemos ontem a satisfação de encontrar restabelecido o Il.<sup>mo</sup> Sr. José Macário, irmão da Ex.<sup>ma</sup> Baronesa do Rabaçal. Congratulamo-nos.

Tencionava pedir-lhe cinco pintos para um chapéu, enquanto não vendia *As Mariposas*.

A preta, no dia seguinte, à hora aprazada, estava na Cordoaria com uma carta da sinhá. – Que lhe perdoava a ingratidão, porque o amor seu dela era maior que o crime dele. (Achara isto num romance qualquer.) – Que assim que pudesse chorariam ambos, um nos braços do outro. (Isto é que era legitimamente dela.) – Que *ele* tinha de ir a Lisboa, e então falariam. – Que estava de mal, arrufada com a flora; mas que tinha uma casinha, um *bouquet* de rosas brancas no Carvalhido à espera das duas borboletas acossadas pelo nordeste do infortúnio. (Extracto mais tolo de um romance da «Biblioteca das Damas».) E terminava: «Muitos cafunés, meu dengue.» O Fístula sentia uma leveza de pássaro. Asas afixavam-lhe as espáduas. Pulos do coração trapejavam na goma da camisa anilada. O chiar das rodas das cordoarias parecia-lhe música. Pardais na copa enfolhada da grande árvore chilreavam-lhe congratulações pela nova primavera do seu amor. Dois garotos que jogavam o botão pediram-lhe cinco réis e ele deu-lhes uma de doze. Encontrou o noticiário do *Jornal do Povo*, abraçou-o, que era muito seu amigo, grande seu admirador; que ele e a sua bolsa sempre às ordens. Meteu-lhe o braço, desceu à Praça Nova, foi ao estanco e encheu-lhe os bolsos de charutos de seis vinténs. Não obstante, o literato receava que o vissem, ia constrangido pelo braço daquela firma. Entraram no Guichard. José Macário jogou duas partidas com o jornalista, a meia libra, quinze carambolas de partido; perdeu, queria perder, repartir a sua felicidade, exuberá-la por todo o mundo – um panteísmo de amor que até lhe dava vontade de entrar nos Congregados e agradecer ao Altíssimo o obséquio de lhe restituir a Pascoela. Ao jantar entrou em casa muito afável; foi ao encontro da mulher e deu-lhe um broche com uma esmeralda que lhe comprara nos Mourões. Ela aceitou-o sem entusiasmo, pô-lo sobre a cómoda e disse:

– Isto não me serve de nada. Às velhas, contas e borracha, como o outro que diz.

– Hás-de estrear o broche amanhã no teatro, sim? Vamos ver a Emília das Neves nas *Proezas de Richelieu* – fez ele com uma doçura muito postiça, uma cólera mal retraída pelo desdém com que lhe recebera a prenda. Ela respondeu que não ia, que não gostava de teatros; que antes queria dormir para levantar-se cedo e governar a sua casa. Que fosse ele, que se divertisse, que a deixasse em paz e não lhe comprasse nada de luxos, que ela não tinha gosto nenhum da vida; que tomara ela quem na deixasse. Ele ainda teimou, contrafazendo-se, com palavras mansas, queixas do desamor dela e da sua infelicidade – uma deslavada impostura, que ela castigou com u frouxo de riso que não tinha nada de lorpa.

Felícia, uma vez por semana, recebia carta do cónego Justino. Sentia-se bem quando as lia porque lhe davam o sentimento de ser lastimada por alguém, de ter quem velasse por ela; enfim sentia-se amada pelo único homem que lhe dera tantos anos de amor bonançoso à mistura com os tormentos do ciúme.

O cónego compusera-se bastante no Porto. Muito lavado barbeado, trajando de preto, com apontada decência, fato de muito bom talhe, capote farto, azul, muito lustroso, com bandas de veludo, a meia escarlate, a fivela de prata rutilante no sapato esmerado, cores sadias, talvez resultantes da honestidade e do iodureto, a robustez dos seus quarenta e dois anos, a abstinência dos vinhos fortes, uso moderado de genebra, frugalidade na carne de porco, tudo concorria a dar-lhe ao espiritual uma fase nova em concordância com a reformação corporal, interna e externa. Tinha boas relações. O bispo considerava-o e os cónegos apresentavam-no às suas famílias, às suas devotas ricas, e nas casas graves, pacatas, em que se jogava o bóston, tomava-se chá e ouviam-se os sermões do Macieira e do Sinval. Ele, em assuntos de teologia, não era dos primeiros, nem dos médios, nem dos últimos a dar a sua opinião; pertencia aos prudentes que nunca opinam. Gesticulava aplaudindo de cabeça os controversistas, cada qual por sua vez; mas, a respeito da infalibilidade do papa e do mistério da Santíssima Trindade, dizia que a Igreja tinha decidido e que ele não era concílio. O Sr. D. Jerónimo achava isto digno de Bossuet e de muito espírito. De resto, para ele estava tudo decidido pela Igreja, quanto à outra vida; e quanto a esta, achava que havia muita asneira a reformar. Tinha destes ditos aguçados, conceituosos, que não eram muito vulgares no cabido da Sé portuense.

Operara-se nele uma renascença lírica, evolutiva da crise de treva em que o espírito se lhe escurentara na saudade de Felícia. Renovos de coração rebentaram-lhe no peito como em Março a florescência branca da amendoeira. Aspirava em si os aromas primaveris, da juventude, já não aquelas guinadas lúbricas, pletóricas, de Barroso, que o propeliavam desaustinado às fêmeas; mas o suave enlevo ideal de identificar-se ao sexo por excelência como o perfume à flor e a flor ao Sol. Isso sim. As suas cartas a Felícia não teriam decerto o desvanecimento de competir com as do padre Abeillard em pontos de metafísica; elas tinham da matéria o discreto *quantum satis*; o mais eram uns cantares em prosa chã, sem anfibologias hebraicas de Salomão.

A esposa de José Macário lia à sua criada, a Maria Clara, períodos destas missivas como quem precisava da convivência duma alma. Não tinha ninguém; ninguém a procurava; as senhoras que a deploravam como mulher do pandilha censuravam-na por ter com tais precedentes aceitado um marido. Sabia-se tudo no Porto. Apontava-se ao dedo o cónego e dizia-se: aquele foi o amante da cunhada da Rabaçal.

Eram muito prudentes. Ele desejou vê-la na missa das onze da Lapa, vê-la de longe, ao sair da igreja. Felícia recusou-se muito assustada com o receio de não ser atendida. O cónego fechou-se numa traquitana, mandou parar em frente da igreja e viu-a pelo óculo – aquele óculo das extintas traquitanas que parecia inventado por um cónego amante, em épocas românticas. Achou-a mais bonita na sua palidez, no adelgado das faces, no pisar, um pouco lisboeta, peneirado, enfim, no vestir de modesta elegância. Estas inocentes perfídias continuaram. Felícia soube-as; teve um grande medo; mas a criada dizia-lhe que não achava de quê; que se deixasse disso; que o Sr. Cónego via-se que rebentava de paixão por ela e que era muito acautelado.

Depois, a Felícia, quando viu a traquitana, também olhava para o óculo, e não via nada. – São dois entes bem desgraçados e dignos de melhor sorte! – dizia a Maria Clara, lacrimável, enternecidamente.

Ela também sentia um grande desejo de o ver. A criada ofereceu, depois de cismar muito tempo, um alvitre, escandaloso: era ele passar pela rua e ela estar à sacada; que

não passava ninguém conhecido na Boavista e que o Sr. José Macário saía às dez da manhã e só voltava às quatro e meia. Que o visse assim.

– Credo! – Que não, que não; que a não deitasse a perder; que o mundo acabara para ela quando casou; que não queria famas; que era amiga do cônego como se fosse sua irmã; e mais nada: não queria dar desgostos ao mano barão; porquanto do marido não se lhe importava; e que a cabra da cunhada, se soubesse que o cônego lá passava, ia dar à língua, pô-la pela rua da amargura.

A Maria Clara contava isto ao escudeiro e dizia: – A alma é boa criaturinha, mas é uma grande lapantana, não achas? Diz que não quer famas. Ora, sebo de grilo, que é bom para graxa!

E ele, com uma resolução briosa:

– Eu até cá lho metia em casa sem ninguém dar fé, se ela quisesse. Ponho-lhe a tua mantilha com a coca puxada para diante assim que anoitecer. E como eu fazia ao Leitão, ao gajo da baronesa de S. Cucufate. Espetava-se lá à noite e saía na outra noite adiante. Caiu-me muita soma de pintos na caixa. Depois veio o Polca, um pelintra que não avezava chelpa; e a respeito de espórtulas, nicles. O cônego tem caroço. Aquilo bem aproveitadinho era negócio para um par de moedas tesas. Quem é um mãos rotas é o patrão. Isso é que é. Não gasta do seu. Pudera! O criado da Trigueiros disse-me que a preta lhe tem apanhado muita libra. Eles andam outra vez enrabichados. O Trigueiros foi ontem para Lisboa, e ela e mais a preta vi-as eu hoje de manhã a bater uma carruagem por Cedofeita fora, lá para o Carvalhido, grande reinação. Conta-lhe isto à ama, mete-lhe ferro.

O *bouquet* das rosas brancas onde as duas borboletas. borboleteavam era nas vizinhanças do Carvalhido, entre a Prelada e o mirante dos Vanzeleres, uma casinha branca ao rés dum caminho estreito, pedregoso e descalçado pelos enxurros da chuva. Os cachos brancos e azuis das flores das cilindras e acácias copavam-se em dossel trinado de aves sobre a casa e por sobre o muro do quintal urdido espessamente de heras. No muro erguia-se um espeque preto com um letreiro escarlata numa tábua que dizia: «Aqui há ratoeiras.» Esta inscrição agorentava um pouco o romanesco do *bouquet* de Pascoela e obrigava os larápios a pisarem o terreno com alguma cautela quando iam furtar os pêssegos e as laranjas de Araújo & Filhos, proprietários do quintal. Outra borboleta, a baronesa de S. Cucufate, retirando-se para Lisboa, cedera à sua íntima Trigueiros a chave é domínio da casa que trazia alugada desde que o marido lhe perguntou quem era a mulher de mantilha que entrava e saía de noite – denúncias de vizinhos pervertidos por curiosidades infames, cheios de intuitos emprazadores e atentatórios da tranquilidade das famílias.

A Pascoela exhibira-se ao Macário adorado com uma prenda nova: falava francês, um francês com muito *argot*, tal qual como o chanceler, cuja discípula fora ano e meio. Este predicado dava-lhe tom, relevo, ares mais desenxovalhados, um pico de alcoice chique, um delicioso despejo; mas o Fístula tinha nevroses de ciúme do francês, que lha pusera assim naquela nudeza abandalhada de língua, atitudes descompostas, langores duma extenuação de mulher estafada de gozar, criando com vocábulos acidulados, mordentes, a ventosa para a sua epiderme marasmada. Tinham ditos violentos; ironias cáusticas; ele chegava a chorar com uma grande imbecilidade e dizia que o francês lhe estragara a querida da sua alma. Ela ria-se com a maior sinceridade, pedia-lhe desde o profundo da sua consciência que não fosse tolo e cofiava-lhe o bigode, cavalgando-se os joelhos com uns atritos ligeiramente convulsos. Depois, enquanto ele embebia no lenço almiscarado da Trigueiros uma lágrima ingénua, ela dizia-lhe: – Não ponha-se à chorar

àssim, coitado di você! –Desgrenhava-se, sacudia as madeixas, fazia um pulo cancanizado de *cocotte*, de *guinguette*, e cantava um *couplet* da celebrada Teresa dos cafés de Paris, alguma das *gaillardises* de Beranger. Tal era a afinação em que a tinha deixado o francês. O Macário não percebia limpidamente as líricas *grivoises*; arregaçava um sorriso alvar, sentia-se sensaborão, incolor, gocho e chocho ao pé daquelas finas essências do Palais-Royal, e ficava-se pasmado na transformação que se lhe operara nos modos, na voz, nos trejeitos, em tudo que ultrapassava na sua prática as balizas da corrupção conhecida. Que saudades ele tinha da sua Pascoela da Cruz da Regateira – uma rapariga comparativamente honesta que só deixava desafivelar a liga verde depois de ter bebido o seu pudor com anisete como a lúbrica egipciaca bebia pérolas em vinho de Siracusa! Que saudade!

– Quando tu cantavas modinhas brasileiras... – dizia Macário muito comovido.

E ela espinotando, com as mãos postas nas costas duma cadeira:

– Ainda canto elas. – E cantava muito faceira:

*Vá prá lá, nam mi màchu que,*

*Eu já lho disse umà vez;*

*Nam venha como o outro dia*

*Fàzer o quê já mi fez.*

O Fístula, então, crepitante de lascívia, mordida-a nos ombros. e nos braços; e ela, a quebrar-se pelos quadris:

– Ai!, quê mi mordes os bàbados, meu quindim!

Tais eram as duas borboletas que volitavam no *bouquet* do Carvalhido.

## VII

O cónego conspirava com actividade ardente para o divórcio de Felícia. A ventura de a reconquistar não lhe sorria noutra perspectiva. Expediente havia só um. Ela tinha-lhe escrito: «Só terei a dita de te ver quando estiver livre.» A Maria Clara lembrou à senhora a mantilha, citou-lhe o exemplo da baronesa de S. Cucufate, muitos exemplos rigorosamente históricos da mesma laia, apurados no cadinho da mais severa crítica positiva. Ela resistiu lucreciamente – que não; que enquanto tivesse marido, que não.

O escudeiro contou à irmã, governanta do cónego Veloso, que o patrão andava metido com a D. Pascoela Trigueiros; que já sabia onde eles se alapardavam por lho dizer o trintanário do barão de S. Cucufate que a baronesa pusera na rua, e ele para se vingar contava partidas de mil diabos que a ama fazia, que o Trigueiros ia todas as semanas a Rio Tinto, onde tinha a fazer uma casa, e que ela nesses dias era como um raio para o Carvalhinho numa carruagem do Lopes, que a esperava nas Águas Férreas e os levava ao pé da toca, perto da Prelada.

O cónego Justino, admoestado pelo Veloso, não avisou Felícia; deixou-se convencer de que o mais acertado era assoprar com prudência o escândalo em casa do Trigueiros e esperar os acontecimentos – ver se o Macário se safava com a Pascoela e deixava o campo aberto a tratar-se honesta e cristãmente do divórcio, de maneira que o barão do Rabaçal não pudesse reconciliar outra vez duas pessoas irreconciliáveis. Boa ideia, com um cheiro de teologia casuísta, que denota lição do *Matrimónio* do padre Sánchez. É bom que haja cabidos onde se pendurem estes pensamentos e outros calembures.

Neste acordo, o comendador Trigueiros, indo um sábado de manhã para Rio Tinto, ao passar no Poço das Patas, viu abeirar-se da portinhola dá sege um qualquer desconhecido que lhe entregou uma carta. Era o sineiro da Sé, um artista serviçal, de muito segredo, que sabia das paixões dos Cláudios Frolos da catedral e nunca tivera pretensões a Quasímodo com as Esmeraldas dos cónegos. A carta dizia:

*Trigueiros, não vás a Rio Tinto. Vai a tua casa ao meio-dia; se não achares a esposa, vai procurá-la ao Carvalhido, na quinta do Araújo; mas tem cuidado que o José Macário não te quebre a armação.*

Para carta anónima, o estilo tinha um aticismo não vulgar, de Tácito. O abade, quando escrevia em Basto apontamentos para o protervo panfleto projectado contra os Macários, assentara a mão no género lacónico, chistoso, períodos curtos, chalaça lusitana do José de Sousa Bandeira, um Swift à portuguesa, na *Tia Micaela*. Neste bilhete, por ser de cónego, havia talvez matéria para escrúpulos – a afronta a um marido desgraçado, a denúncia, a fermentação dum conflito perigoso; mas o cónego tinha a seu lado o tomo XI dos *Sermões* do padre António Vieira, muito autorizado, com estas palavras:

Vingam-se por instinto natural as feras na terra, vingam-se as aves no ar, vinga-se a mansidão dos animais domésticos, e vinga-se, e cabe ira em uma formiga.

Ele vingava o seu coração, os seus brios de homem. Tinham-no enxotado vilmente do grémio dos Macários. Tiraram-lhe a companheira de dezasseis anos, a mulher amada, para lha desgraçarem. Se ao menos a fizessem feliz, ele abdicaria os seus

direitos de amante nos do marido; mas,, desde que ela gemia solitária e arrependida, o seu dever era socorrê-la e perdoar-lhe, vingar-se e vingá-la. Pensava muito bem; estava na natureza; não estava a fanhosear salmos por dezasseis tostões diários na sua cadeira da Sé.

O comendador Trigueiros, lido o bilhete, mandou parar o seu cupé, tirou o chapéu, enxugou as camarinhas de suor, e assoprava num grande esbofamento. O boleiro esperava as ordens e as hanoverianas escarvavam muito folgadas, sedentas de trote, balouçando as cabeças garbosas, com as ventas fumegantes. Cavalos rinchavam, fazendo, no macadame sonoro, com as patas, uma toada dura com um ritmo pomposo. Chegava a caleche descoberta dum brasileiro purpurino, coruscante de cores arreliosas, oftálmicas, delirantes, duma garridice espaventosa. Era o *Arara*, um triunfador daqueles tempos em que a casaca azul e o colete amarelo não dispensavam uma gravata vermelha, luvas verdes e calças cor de alecrim com polainas cinzentas. O *Arara*, a quem outros chamavam o *Lâmpada*, conheceu o Trigueiros, mandou parar, apeou-se, viu-o muito desmaiado, e perguntou-lhe o que tinha, se estava incomodado.

– Que sim, que não estava muito bom; mas não era nada.

– E perguntou-lhe se o Mota Prego estava no Porto, se já teria recolhido da província. O outro tinha-o visto na Praça Nova com a esposa, e uma ama com o pequerrucho, muito gordo, e a Nazaré, cada vez mais nutrida e fera. Trigueiros mandou largar para o Largo da Aguardente; o amigo queria acompanhá-lo: – Que não era preciso; que muito obrigado. E o outro, muito refastelado nos coxins cor de gema de ovo com franja azul, pensava: «Isto há-de ser coisa com a cróia das mulheres – a botiquineira da Rua de Trás dos Quartéis.»

O comendador Mota Prego não quisera aceitar camaradagem com os sujeitos que tinham avisado e aconselhado o Trigueiros, e até tentara despersuadi-los da inútil empresa, porque contava com o resultado que houve. Ele conhecia a índole daquele marido – a paixão que se acirrava à proporção do ciúme; compadecia-se dele e ao mesmo tempo sentia vontade de recusar-lhe a mão na rua. Maria de Nazaré pedia-lhe que o tratasse bem; que o Trigueiros era um ente enfermo um paradoxo, digno de comisseração; e, a respeito de Pascoela, evitava-a quanto podia sem lhe fugir; mas, se a encontrava, recebia-a sem intimidade nem constrangimento. Chamava-lhe também uma criatura enferma, um mau destino involuntário. Viviam bastante arredados igualmente dos Rabaçais desde o casamento de José Macário, objectivo de grande nojo para Mota Prego. Quanto a Felícia, em vez de a condenar, a Nazaré desculpava-a, considerando-a iludida pela ideia de que se era honesta sendo-se casada com quem quer que fosse. Achava mais culpados todos os parentes que a levaram àquele passo, podendo o irmão fazê-la feliz na sua aldeia com bem pouco. O Mota concordava sempre.

Sabia o Trigueiros que ele se recusara entrar na combinação; ficara-lhe muito grato e muito respeitador do seu carácter prudente. Julgava-o amigo certo e de bom conselho para uma ocasião de aperto. Era chegada a conjunção momentosa.

Qualquer esposo menos enfermo, menos paradoxo, segundo a frase indulgente da Nazaré, iria do Poço das Patas a casa, e da casa ao Carvalhido, à quinta do Araújo. Semelhante expediente requeria o acessório dum par de pistolas ou dum pecúlio de retórica teatral, fulminante. Ora o marido de Pascoela não tinha a ferocidade dos que matam com pistolas ou com retórica. Ambas as coisas, nas mãos ou na língua dos outros, o aterravam ou adormeciam. Foi pôr isso que ele, em lugar de ir ao Carvalhido conforme o insidioso alvitre sanguinário do cônego, foi a casa do Mota Prego, conduzido pela prudência que nunca o abandonara em piores crises comerciais.

O marido da Nazaré andava no jardim com um filhinho amparado numas

andadeiras, todo curvado, dizendo muita pieguice em falsete à criança, que olhava para ele, dando casquinadas. A Nazaré estava na varanda, marcando letras numa toalha, com um sorriso de alegria maternal para o chilrear de passarinho que fazia o pequeno à competência com as bugigangas e falatório esganiçado do pai. Perto deles estava a ama, muito limpa, trajada de maiata, amesendada a comer tangerinas e a fazer negaças ao menino, apontando-lhe para os seios muito salientes. Dois gatos malteses faziam arremetidas, arquejavam a medir o pulo, disfarçavam os planos, rompiam em direcção tortuosa com estratégias velhacas, e convergiam de súbito, rebolando-se, mordendo-se no pescoço e dando gritos hostis.

Este cenário mudou à chegada do Trigueiros, que entrara no jardim sem se anunciar, quando D. Maria Nazaré ia ver quem saía do trem.

Chamado particularmente, o Mota entrou no escritório ao rés-da-rua; e, como texto da prática, leu o bilhete anónimo que lhe apresentou o queixoso, limpando o suor e as lágrimas. E perguntava:

– Que hei-de eu fazer? Você que faria, Mota, meu amigo, que faria você?

Sentiu-se ofendido o marido da Nazaré com a segunda pergunta; e, dissimulando como quem reflecte, usou a magnanimidade de encolher os ombros e passar o beíço inferior para cima do superior, pondo no tecto os olhos esbugalhados.

O Trigueiros instava:

– Você que faria, amigo Mota, hem?

– Essa pergunta não se faz, amigo Trigueiros – volveu o outro, azedo, passeando com as mãos nas algibeiras do *robe de chambre* e os olhos no pavimento.

– Não se faz? Não sei porquê!...

– Está resolvido a fazer o que eu faria?

– Já se vê que sim! – afirmava e batia com força no estômago uma palmada briosa.

– Eu matava-a, Sr. Trigueiros, eu matava-a; e, se o amante tivesse sido minha visita, meu hóspede, meu amigo, matava-o também; e, se não fosse alguma dessas coisas, deixava-o são e salvo. Isto é o que eu faria; mas não lhe aconselho que o faça, porque estas resoluções nunca se tomam por conselho, e quem pede a opinião alheia nestes casos deixa ver que não tem nenhuma.

– Sim... eu lá para matar... – disse o Trigueiros com um gesto negativo de cabeça.

– Não quer, e pensa bem, tão bem que nem necessita de conselhos, amigo Trigueiros. Matar é... matar!

– Assim o entendo eu; e demais a mais, eu se a matasse, ficava encaravilhado, bem!, justiça, tribunais, cadeia, e afinal talvez me mandassem até Angola.

– Há essas durezas, amigo. Folgo de o ouvir discorrer com tanto juízo.

– Lembrava-me de outra saída... Meter toda a minha fortuna numa carteira e ir para a França ou Inglaterra, e deixar para ai essa perdida.

– Não teve já esse projecto?

– Tive; mas não o levei avante porque era mentira o que me disseram dela com um francês.

– Sim? E quem nos afirma que não é também calúnia o que lhe diz esse papel? Um bilhete anónimo é sempre uma infâmia... Não seria mau enganar-se por seus olhos; quero dizer, ir a casa; e, se não achasse sua esposa, ir até ao Carvalho, esconder-se em sítio de onde os pudesse ver sair; enfim, marchar em terreno seguro.

– Você diz bem; mas olhe, Sr. Mota – balbuciou o Trigueiros, muito, abatido, ansiando –, isto que está neste bilhete é desgraçadamente verdadeiro, muito verdadeiro. Tive há pouco tempo certeza de que foi amante dela o Macário antes dê casar-se ele. Soube-o por quem os via ir em uma quinta da Cruz da Regateira... Que mulher!, que

ingrata! – E as lágrimas embargavam-lhe as palavras cortadas por soluços. – Tirei-a de botequineira, você sabe, me casei com ela, podia ter casado com a filha do Guimarães da Rua do Sabão, você sabe, Guimarães & Nunes, armazém de couros, uma mocetona branca com cento e oitenta contos em apólices; casei com esta quitandeira, dei-lhe brilhantes, pu-la à grande, no trinque do luxo, levei-a em Paris; ela queria carruagem, tem carruagem, tem tudo quanto quer, a pedir por boca, já viu?

As lágrimas multiplicavam-se com a compunção dos dizeres. Uma coisa é lê-lo, outra coisa era ouvi-lo. Aquelas palavras chãs, humildes, saíam de conflagrações recônditas, vulcânicas, como singelas boninas que o convulsionado Etna atira ao azul. Arfava, com os punhos na testa, metia a cabeça entre os joelhos, e fazia com as mãos abertas e sacudidas um gesto significativo de que a sua dor era inconsolável.

No espírito de Mota Prego passava um sentimento de piedade que se afirmava nestas palavras, misericordiosas: – Que desgraçada besta!

Ele aquietou-se, puxou suspiros ásperos de crepitações brônquicas e disse em pausas ofegantes:

– Amigo Mota, eu não volto em casa mais, não quero ver aquela bandalhona; agora lhe peço me ceda por alguns dias um cantinho em sua casa; em hospedaria não vou, que tenho meda de estalar.

– Está toda a minha casa às suas ordens, amigo Trigueiros. Dá-me muita satisfação, e maior me daria se outros motivos o trouxessem aqui.

O Trigueiros abraçou-o, enternecido, muito choroso, dizendo que o Mota Prego era o seu anjo e o mais honrado homem que ele conhecia debaixo do Sol.

## VIII

Desta vez a resolução do Trigueiros era irrevogável. A doce vida caseira do Mota, a presença da Nazaré, sempre com uma serena alegria, a compostura a um tempo meiga e grave com que os esposos se correspondiam, a criancinha entre eles como a bênção da virtude a sorrir-lhes no filho, aquele ambiente aromático de virtuosos pensamentos, faziam ao pobre Trigueiros mais doloroso e vergonhoso o seu passado. Ele não conhecia os contentamentos de família nem formava ideia da esposa e mãe, entre marido e filho, como uma medianeira intérprete da Providência. Comparava as duas. O Mota, quando o hóspede entrava em comparações, cortava-lhas com mal disfarçado despeito, como se lha injuriasse com o confronto; mas Nazaré não se agravava, em demasias de alambicado melindre e falava da Pascoela com honestidade senhoril, comiserava-se, e antevia-lhe destinos extremamente desgraçados, se o marido a reduzisse à pobreza. E não era difícil reduzi-la. Os seus velhos amigos vieram em seu auxílio com alvitres, salvatérios, tranqüibérrias, constituíram-se seus credores, receberam-lhe com hipotecas fraudulentas os seus bens urbanos; quanto à fortuna de carteira, essa mais fácil lhe foi reduzi-la a um quarto de papel timbrado, com alguns algarismos. Mota Prego, estranho ao processo da espoliação da mulher, era apenas o seu hospedeiro e forçado confidente.

Pascoela, quando voltou do Carvalhido às três da tarde, soube que o trem tinha chegado à uma hora sem o marido. O boleiro disse que o Sr. Comendador ficara em casa do Mota Prego na Aguardente. Não conjecturou nada de extraordinário, apesar de saber que ele desandara do Poço das Patas depois que recebera uma carta. As cinco, como ele não chegasse, mandou servir: jantou com apetite; recostou-se na *chaise longue* com uma lassidão de moleza, uns espreguiçamentos de esfalfada, estômago repleto. A preta desapertou-a e ela adormeceu. Quando acordou às nove, o marido não tinha entrado. Mandou o cocheiro a casa do Mota saber o que havia. Responderam-lhe que o Sr. Trigueiros saía depois de jantar.

Uma ligeira inquietação, mas deitou-se, e adormeceu, muito prostrada, com atordoamentos de quermes, e charutos fortes. Alta noite acordou com mau gosto, a garganta seca, pigarrosa, e a língua áspera e muito peganhenta. Procurou o marido estendendo uma perna pelo leito enorme. Espertinou e ficou sobressaltada a cismar – que diabo seria?, denúncia dos patifes dos amigos! – Aí pela madrugada, tornou a pegar no sono. Quando acordou às nove, soube que, antes das sete, o senhor tinha vindo a casa, estivera no escritório até às oito e saía, levando uma maleta de tapete debaixo do braço, e que pouco acima entrara numa sege de praça. O trintanário disse que ele ia a limpar os olhos quando atravessou do escritório para o pátio. Não se afligiu grandemente; era uma peripécia de ciúmes, pouco mais ou menos, parecida com outras; mas o que mais a desassossegava era, desta vez, a intervenção do Mota Prego no episódio. Ela tinha uma secreta raiva à Nazaré; estava enfasiada de lhe ouvir chamar aos amigos da casa a virtuosa esposa, a esposa exemplar, a incomparável consorte do Mota. Receava que os dois influíssem seriamente, definitivamente em alguma desesperada resolução do marido. Para desabafar escreveu ao Macário, contou pela rama as coisas, com intermédio de facécias, achincalhava *ele*, o *ele* sublinhado das cartas das adúlteras – três letras inocentes que encerram mais podridão que todas as novelas de Bocácio e da rainha de Navarra Macário respondeu-lhe sobre o balcão duma tenda da Cordoaria, em quatro linhas, que ia indagar; que não se afligisse, que o seu esposo era ele e não o outro; que o seu coração lhe daria tesouros inesgotáveis.

Ela não podia consolar-se com esta retórica. Queria ele e o *outro*, os dois, o marido e o amante, o *bouquet* do Carvalhido e a carruagem de molas inglesas – o luxo dependente do marido e independente do amante. Dizia que conhecia os homens muito bem – uma verdade inquestionável. Ela conhecia uma grande variedade de exemplares, muito cosmopolita. Sobretudo, gabava-se de conhecer muito o marido. Esperava-o, esperou-o oito dias, e ele não voltava.

A baronesa do Rabaçal mandou chamar o irmão – que fosse quando lá não estivesse o marido, ao meio-dia –, muita desgraça que lhe contar.

Custódia estava atribulada: o marido entrara em casa endiabrado contra o cunhado; que o ia separar da irmã. Contou que o Trigueiros deixara de todo a mulher por causa do Macário, que reduzira toda a sua fortuna a letras e que saía de Portugal; que a Pascoela ficava só com os seus farrapos e jóias; e que depois o dote da sua desgraçada mana é que havia de pagar as favas; mas que ele havia de ver se a irmã se cosia com tudo, e o deixava a ele, segundo o calão brasileiro, *sem erva*. A baronesa replicou que era malfeito reduzir seu irmão à necessidade, tendo casado com quem casou, porque era pobre – alusão picante à criada do abade. O barão deu-lhe uma bofetada coma exórdio de outras que a intervenção propícia de Eusébio Macário impedira. Custódia descompôs o José; chamou-lhe a vergonha da família, que havia de acabar a tocar o fado nas tabernas, se o marido conseguisse deixá-lo sem um pataco. Macário foi consultar um jurisconsulto, que o sossegou, em nome da lei. Ele, que não casara com escritura, tinha comunhão nos bens dotais, e havia de levantar-se com metade do casal, não havendo demais a mais sevícias que o exceptuassem na lei comum.

Entretanto, a Pascoela era procurada por D. Maria de Nazaré, ao escurecer de uma tarde em que vira sair a parelha, carruagem e arreios, tudo vendido ao Lopes por seu marido. Desenganara-se enfim. Estava consternadíssima, frenética, chorava, praguejava, rezava, invocava o patrocínio de Nossa Senhora dos Remédios, e prometia com firme propósito emendar-se, mudar de vida, ser mulher honrada. Se ela tivesse fé, acreditaria que os Céus a ouviram, quando a Nazaré se anunciou.

A desgraça humilhou-a. Recebeu com abatida humildade a visita que odiava. A sua voz tinha o tremor cobarde de ré confessa, suplicante. Inclina a fronte à sentença; renunciava a defesa inútil. Como se sentia esmagada, não fazia esforços para refrear os ímpetos da sua índole canalha; essa mesma índole a estava favorecendo, privando-a de brios para sustentar a soberba da sua queda. Maria de Nazaré vinha pedir-lhe que entrasse espontaneamente num convento, que era essa a única maneira de aplacar o desgosto do Sr. Trigueiros, e mais tarde alcançar o seu perdão e reconciliar-se. Que ela, apesar de tudo, conhecia que ele lhe queria muito, e do fundo da alma lhe perdoaria já, se o mundo o não obrigasse a ser severo – a dar uma satisfação à sociedade. Que a sua reclusão temporária lhe garantia a felicidade no futuro, porque ela era nova e o Sr. Trigueiros bastante idoso; que quando não fizessem as pazes, ele com certeza lhe daria o melhor da sua grande fortuna; mas que, se ela recusasse recolher-se ao convento, arriscava-se a ficar sem recursos, porque o Sr. Trigueiros saía de Portugal, mostrando que não tinha nada de seu.

Pascoela contestou frouxamente a possibilidade de tal usurpação à sua metade nos bens do marido. José Macário já a tinha prevenido da inutilidade da demanda. Nazaré pediu-lhe que não chamasse a lei em seu auxílio, porque esse passo agravaria mais a situação de ambos, forçando o marido a fugir às questões, e dificultando cada vez mais a congregarem-se. Elogiou-lhe a alegre vida dos conventos, principalmente quando as recolhidas são ricas; que se divertiam muito as seculares, quê iam às grades receber quem queriam, davam merendas e chás tocavam e dançavam, tinham suas assembleias;

e acrescentou:

– Falo-lhe por experiência, minha senhora, porque eu estive cinco anos no Mosteiro de S. Bento, não como secular recolhida, mas como criada de uma religiosa. O meu viver era triste, porque tinha nascido em pior posição, e sofria as impaciências alheias e as minhas; mas vi que as senhoras ricas ou remediadas viviam muito satisfeitas e, quando saíam, levavam saudades. É o que há-de acontecer-lhe, verá, Sr<sup>a</sup> D. Pascoela. Quando o Sr. Trigueiros – e não tardará muito – a quiser tirar do convento, bem pode ser que a senhora não queira sair.

A Pascoela contava com a bondade do marido tanto como, a Nazaré. Disse que sim, que iria para o convento, mas que havia de levar as suas jóias e a sua preta. A outra disse-lhe, com um sorriso de ingénua admiração, que o Sr. Trigueiros era indiferente às jóias; que nunca o ouvira falar nas jóias nem na preta. A Nazaré espantou-se da estouvance de uma mulher que em tamanho revés da sua vida se preocupava com as jóias e com a negra; e não se espantara menos quando o Trigueiros, naquele dia, depois de chorar copiosamente o seu infortúnio e amaldiçoar a riqueza que lhe não servia de nada, mandou chamar o Lopes alquilador para lhe comprar a parelha e a sege. Achava entre os dois esposos analogias que explicavam a atracção e repulsão recíproca em que tinham levado a vida cheia de, perfídias e indignidades.

A Nazaré consultara o seu marido para aquela visita com tal intuito benfazejo. Trigueiros não a encarregara de semelhante missão, e até rejeitou o alvitre proposto por Mota Prego. – Que não, que não lhe dava um vintém, ainda que a visse arreganhar os dentes com fome. E, vociferada esta figura, em que ele também arreganhava os dentes para afear a imagem, punha-se a chorar por ela com uns trejeitos quase tão hediondos como os imaginados na esposa faminta. O Mota Prego definia-o sempre em sua consciência uma desgraçada besta. A Nazaré continuava a chamar-lhe um enfermo digno de dó.

Autorizada pelo marido, a boa senhora foi propor-lhe o convento, cuidando que a salvava do último abismo, porque o marido lhe dissera que a Pascoela desceria à escaleira final das perdas quando lhe faltasse o prestígio da beleza. Os recursos para o convento supri-los-ia o Mota Prego, conforme ela os reclamasse; e, dado este passo, esperava que o Trigueiros o embolsasse das despesas e as continuasse satisfatoriamente. Bem é de ver que o marido de Nazaré, brasileiro de profissão, não se punha agora a cultivar na estufa dum mosteiro aquela flor do mal, só pelo prazer de a roubar às garras dos futuros prostíbulos. Se o Trigueiros, para cúmulo de infortúnio, fosse também pobre, o Mota Prego vazaria no regaço de Pascoela a sua alma cheia de bons conselhos, mas não poria o seu porta-moedas à disposição da virtude regeneratriz. Isto é o que o bom critério manda conjecturar com ressalva das intenções de D. Maria de Nazaré. Segundo o convencionalismo dos processos modernos, estas percepções deixam-se a quem lê; mas desta vez, sem exemplo, ajuda-se o leitor a perceber – sim, isto não é a subjectividade, a interpretação imposta: é simplesmente um modo de ver o tecido grosseiro dos lindos gobelins, examinados ao invés.

## IX

Pascoela entrou no Convento de Santa Clara, no Porto, com as jóias e a preta, muitos baús, malas, caixas de licores e mobília. Cenas de amor vertiginosas precederam a entrada, que por pouco não malograram os esforços da Nazaré. José Macário pedia-lhe que não entrasse; que esperasse algum tempo que ele se separasse da *outra* com metade do dote, e depois saíam para o estrangeiro ou ficariam no Porto, ali às barbas daqueles cafres. Ela duvidava que a fortuna do Macário lhe permitisse afrontar pomposamente as barbas dos cafres. O Fístula afirmava-lhe que a sua metade passaria de quinze contos, e Pascoela, sem o dizer, lembrava-se com admirável bom senso que quinze contos tinha ela gasto em cinco anos nas ourivesarias e nas modistas. Dizia-lhe Macário, adivinhando-lhe as hesitações, que iriam viver modestamente, embebidos na natureza, numa casinha branca entre arvoredos à beira dum rio. A sua paixão pusera-lhe no espírito esta tolice – o ideal mais ridículo que ele tinha encontrado nas novelas chinfrins e no amantes garraios. E a Pascoela sorria tristemente. Ela tinha ri do muito e mais ele das casinhas brancas e da alimentação dos vegetais e lacticínios, quando comiam os pastéis de ostras na maior apojadura do seu idílio apaixonado.

Este diálogo epistolar retardou a entrada; mas a Nazaré instava, incutia-lhe o medo da saída do marido irritado, rogava-lhe que não destruísse o seu futuro, e delicadamente fazia resvalar a conversação quando a outra, esquecida das conveniências, alardeava a protecção de José Macário. Até que, por último, a melindrosa senhora, com vergonha, se viu forçada a replicar-lhe que se D. Felícia pudesse fazer o que fez o Sr. Trigueiros à sua fortuna, o tal Macário ficaria tão necessitado de recursos como ela. Isto calou-lhe, esfriou-a até às medulas. Deu-se pressa em encaixotar a despensa, a garrafeira, um grande cuidado com as jóias, com os cartões dos bucles postigos, entrou em Santa Clara.

O cónego triunfara, sem transpor os limites do decoro. Ele sem dar raia na religião do Estado, tinha restabelecido a honra dum marido difamado – avisara-o; abrira as portas sagradas do mosteiro à regeneração claustral duma mundana; arrancara aos braços de Macário a sua querida devassa e cúmplice; enfim, pusera na evidência a justiça de Felícia em se desquitar do algoz de duas famílias. O cónego Veloso dizia-lhe, a sorrir, muito velhaco – que sim e mais que também. Ele, muito sisudo, não fez alarde da sua obra a Felícia: era arriscar-se à glória de denunciante anónimo – nada de bazófias jactanciosas; aquela boa acção da sua mão direita queria ele escondê-la evangelicamente da esquerda. A esposa traída é que lhe participou que o mano barão mandara dizer que o Trigueiros deixara a mulher por causa de José Macário; e que o seu mano ia tratar da separação, quanto antes, com medo que ele se safasse e mais Pascoela com os dinheiros.

O Fístula não impugnava o divórcio; desejava-o, promovia-o ardentemente desde que o seu advogado lhe certificou que os títulos da fortuna comum dos cônjuges não podiam ser retirados nem levantados pela esposa queixosa; o que ele queria era a sua metade e sacudir a carga da mulher que aborrecia de morte.

Quanto a Pascoela, essa, desde que entrou no Convento de Santa Clara, caiu de chofre, do alto das esperanças que a Nazaré lhe incutira, a um tenebroso arrependimento. O mosteiro era muito triste, muito velho, os soalhos esburacados, nos vigamentos havia órgãos que sibilavam tragicamente, as freiras fanhosas com muito rapé nos rebordos do nariz, umas seresmas, muito flatulentas, a darem arrotos pelos dormitórios e a olharem para ela espavoridos. As seculares eram abeatadas, umas

pobretonas, falavam muito baixinho, à surdina, arrastavam chinelos de liga, ouviam duas missas, e passavam as tardes na grade com uns parentes, tipos safados que comiam manjares de Santa Clara. Não achava viva alma com quem se entendesse. Havia lá duas da sua espécie pecadora; mas essas esquivavam-se a relacionarem-se; estavam em via de regeneração; não queriam cavacos com a Trigueiros. Cá de fora iam informações péssimas da recolhida. O capelão chamava-lhe Lucrecia Bórgia e um doutor em Cânones, irmão da escritã, afirmava que ela era a Messalina moderna. As religiosas antigas, na cela da priora, diziam que o bispo do Porto metia em Santa Clara criaturas estragadas que deviam ir para o Ferro, ou para as convertidas. Tal era a sociedade de Pascoela Trigueiros.

A preta não cessava de chorar – que queria ir para o Brasil, que as moças das freiras andavam sempre a espirrar-lhe e que, se a viam vir da portaria com alguma franga, punham-se a cantar:

*Quem tem carapinha  
Não come galinha.*

A ama pedia-lhe que a não deixasse; dava-lhe muita coisa de vestir, tratava-a com muita intimidade, e nunca mais lhe bateu com um chicote, conforme o hábito que trouxera do Rio e conservava disciplinarmente no Porto.

As cartas de Pascoela e José Macário, diárias e infinitas, eram o desafio ineficaz da sua desesperação. Atribuía-lhe a sua desgraça incomparável, a perdição da sua alegria e da sua fortuna. Dizia que nenhum outro homem a entregaria à vingança dos seus verdugos. Bramia injúrias contra a Nazaré; que fora ela, a intrujona, a mosquinha morta, que a enganara a pintar-lhe muito alegre a vida daquele inferno onde se via presa, abandonada, e onde se mataria brevemente, se a não resgatassem de tamanho tormento. Pedia-lhe que a salvasse, fosse como fosse; que ela bem sabia que podia sair quando quisesse; que a fizeram assinar um requerimento que ela podia destruir com outro; mas que precisava de amparar-se a um braço amigo que a protegesse, a ela, pobre mulher sem experiência do mundo. Que estava resolvida, se ele não pudesse ser dela, visto que era casado, a sair do convento, vender os seus brilhantes, fugir de Portugal, e acabar com a vida, despedaçá-la com o veneno dos prazeres. E citava textos, sentenças da *Lélia*, de George Sand, em abono do seu programa. Também escrevia à Nazaré umas cartas comoventes, supondo que ela as mostraria ao Trigueiros, e que ele, cheio de compaixão, a mandaria sair. Qualquer dos dois, o marido ou o amante, lhe serviam para o efeito; mas optaria primeiro pelo marido, se a deixassem escolher; e depois, na amplitude do seu coração, por ambos, ou mais.

O Trigueiros não queria que se talasse dela; se estava à mesa do Mota e ouvia palavra, alusão que lha lembrasse, sentia-se engasgado, e com os dedos nos gorgomilos: – O bocado não me passa daqui. – E fazia esforço para engolir, com o jeito de um peru que gruguleja. Às vezes, a Nazaré animava-se vencendo a sua relutância em patrocinar-lhe a esposa e dizia-lhe:

– Quem sabe se a pobre senhora está sinceramente arrependida!... Talvez esteja... Diz-me o coração que sim... Se visse as cartas que ela me escreve...

– Não quero ver nada, nada, pela palavra nada! – gritava com veemência; e, passados momentos: – Que diabo terá que dizer ela? – A Nazaré, pressurosa, dizia que ia trazer-lhe as cartas, que as lesse de seu vagar. O Trigueiros fugia à tentação diabólica de as ler, e metia-se no quarto a contemplar o retrato de Pascoela daguerreotipado em Paris, muito bonita, de caracóis, decotada, com um sulco de sombra entre as duas pomas e um ramalhete de violetas. Em noites muito frias, envolto na capa, com um cachene e

as orelhas abafadas num barrete de retrós, Trigueiros ia encostar-se à esquina da casa do Teixeira Pinto, defronte do Convento de Santa Clara, e mergulhava os olhos nos dois andares de janelas gradeadas que alvejavam escassamente de entre a escuridão. Às vezes lampejava uma luz azulada como a flama do santelmo através duma vidraça; depois uma coruja piava nas ruínas do mirante; michelas cantando fados ali perto ouviam-se, e estudantes magros, friorentos, com xales-mantas encodeados, zangarreando banzas, saíam dos lupanares, entoando trovas obscenas. Patrulhas passavam vagarosas como as avejões duma balada, chupando cigarros, encostavam-se às portas das meretrizes e trocavam chalaças sórdidas; depois continuavam o giro, movendo-se solenes debaixo do peso da sua missão municipal, até acharem taberna tresnoitada com genebra e figos secos.

Trigueiros não atendia às coisas picarescas que se moviam no seio negro daquelas noites de saudade, de desolação. Ia para casa, para o leito solitário. O amor e a vergonha, cada coisa de seu lado, a espancar-lhe o sono, davam-lhe vigílias acerbadas.

Desistira de sair do reino; dizia que estava muito doente, que não se tinha nas pernas. A medicina aconselhava-lhe distrações, longos passeios campestres e pílulas de família. Continuou as obras interrompidas de Rio Tinto, demorava-se dias por lá, entretinha-se com os operários; o mestre-de-obras, o Casca da Rechousa, era seu parente; tinham andado ambos na escola do José dos Grelos, recordavam garotices, riam-se. O jantar vinha-lhe de casa do mestre, cozinhava-lho a filha, uma rapariga de saias cor-de-rosa, apanhadas até às buxas das pernas, com um garbo esquadrihado de maiata, feições duras, trigueiras, muito pestanuda, dentes sem mácula, e um riso aberto para a natureza inteira com a sua alegria exuberante dos vinte anos. O Trigueiros chamava-lhe parenta e dava-lhe dois pintos para alfinetes quando ela lhe cozinhava nabos com orelheira e arroz de bacalhau. O Mota Prego achava-o com melhor donaire, melhores cores, quando voltava, mais conformidade com a sua sorte, menos irritável quando ouvia falar de Pascoela à Nazaré, compadecida das lástimas da reclusa.

A Nazaré dizia que o achava mais brando; e o Mota Prego, dado a chistes, emendava que o achava mais duro; que se ele assim continuasse a abrandar com os passeios e pílulas de família, deveria esperar-se que os laxantes o limpassem das lombrigas da saudade.

O Mota acompanhou-o, um dia, a Rio Tinto; e, quando viu a rica mocetona, e lhe viu na cara dele um riso babado, alvar, compreendeu que ele se curava à brasileira, homeopaticamente: *as semelhantes com as semelhantes*. Quanto às doses, não calculou nada. Numa entreaberta de gracejo, gabou-lhe de bonita e bem feita a prima; e o Trigueiros, muito circunspecto, ponderou que se tivesse casado assim com uma moça da aldeia, havia de ser bem mais afortunado; que a Luísa Casca era uma rapariga muito bem comportada, que não tinha rabichos<sup>2</sup>, que se desvelava por ele e que já lhe tinha dito que o seu primo era digno de melhor sorte.

Na Primavera, o Trigueiros foi habitar a sua casa em Rio Tinto, prometendo voltar ao Porto raras vezes. Pagou todas as mesadas que o Mota enviara à Pascoela; autorizou quaisquer despesas necessárias, tudo quanto quisessem, menos reconciliar-se com a mulher. – Que se tinha apegado com a alma de sua mãe, uma santa, que o curasse daquela paixão; e que estava curado, graças ao Altíssimo. – E olhava com uma grande compostura devota para o firmamento, pondo as mãos muito abertas em forma de mitra.

Semanas arrastaram-se sem que a Pascoela transigisse pacientemente com o seu violento destino; mas, ao mesmo tempo que o marido ganhava forças em Rio Tinto, preluzia-lhe a ela no convento uma estrela de salvação. As visitas de José Macário à

---

<sup>2</sup> No *argot* brasileiro, *rabichos* são *afeições*. Um homem que se afeiçoa, enrabicha-se. Nota para filólogos vernáculos, puristas, castiços.

grade eram diárias. Ele tinha rompido com as conveniências. Vivia no Hotel de Águia e esperava a sentença final do divórcio e metade dos trinta contos liquidados em papéis do Estado. O barão chicanara a repartição dos bens; mas a poderosa opinião pública improperava-lhe que ele tivesse dotado uma irmã abarregada com um padre para a casar com o irmão de sua mulher e viesse agora ratinhar o preço por que comprara a infâmia de José Macário. Os seus amigos, o discreto Aguiar e o judicioso barão de S. Torcato, admoestaram-no a retirar chicanas desairosas que davam azo a falar-se de sua irmã com pouco elogio; e que demais a mais toda a gente sabia que o cónego Justino era esse abade que – *tal et caetera*, concluía o comendador Aguiar formando reticências com as expectorações cavernosas dum pigarro crónico. Mas depois, a sós com o barão de S. Torcato, dizia-lhe:

– Você percebeu o meu *tal et caetera*?

Que não.

– Não? Então você não sabe meia missa. Eu estou informado pela minha polícia secreta que o cónego Justino já vai de noite a casa de D. Felícia.

– Homem, essa!

– Pois você que cuidava, barão? Quando eu lhe disser que a burra é preta, olhe-me para o cabelo. Eu não lhe dizia que entre o Macário e a Felícia que viesse o Diabo e escolhesse? Isto é tudo uma corja. Tão bom é o Diabo como sua mãe. E lá vai uma profecia: a baronesa, se o marido lhe tirar o olho de cima, dá com as canastras na água. Por ora vai indo tem-te não caias, porque o barão, quando ela se entorta duma banda, desanda-lhe uma bofetada da outra; percebe você? Mas, se se descuida, assevero-lhe que a Custódia há-de pagar bem bom burro ao dízimo. Lembre-se que lho digo hoje, 10 de Abril de 1852, aqui na Praça Nova, às três horas e vinte e cinco minutos da tarde.

E mostrava o relógio.

## X

Nazaré recebeu a última carta intimativa de Pascoela: que se o marido a não retirava no prazo de quarenta e oito horas do convento, saía ela sem consentimento desse algoz.

Trigueiros leu estas linhas, enviadas por Mota Prego, que impediu que Nazaré fosse a Santa Clara conter a doida; não queria que sua mulher tivesse de esperar que José Macário saísse da grade. Trigueiros respondeu serenamente pelo portador:

*Amigo Mota*

*Se ela sair, nem mais um pataco, o que se chama um pataco, o amigo entende? Quem der-lhe dinheiro perde ele. Tenho tudo seguro; que me custou a ganhar. Se ela vier em minha casa, não abro-lhe a porta a essa bandalheira!!!!*

– Ele mesmo está muito admirado de não lhe abrir a porta – observou o Mota a sorrir.

– Porquê? – disse a consternada senhora.

– Não vê? – Pôs cinco pontos de admiração. Cinco!

D. Maria escreveu-lhe muitas exortações de paciência: que esperasse algum tempo, que tivesse compaixão de si própria. Que destino havia de ser o seu? Se não estava contente naquele mosteiro, que iria para S. Bento, onde acharia exacta a pintura que lhe fizera, muitas senhoras divertidas, a casa muito asseada, uma rua de muita passagem, enfim, que mudasse; ela se encarregava de obter as licenças para a mudança. Ultimamente, sentia muito comunicar-lhe que o senhor seu esposo, saindo ela do convento, lhe retirava as mesadas; porém, se tal acontecesse, o que Deus não permitisse, podia contar com a sua estima, dando-lhe o prazer de a ocupar em tudo e por tudo.

Não replicou a Pascoela. Mandou a carta ao José Macário, que exultou. Era enfim sua, exclusivamente sua, aquela adorável mártir do seu amor! Era ele o redentor da mulher amada. E que mulher! Ele tinha quinze contos em soberanos, em notas do Banco de Portugal e em peças. Levantara-os naquela manhã; ganhara aquele dinheiro barato, ao mesmo tempo que se descartava para todo sempre da bisca da Felícia. Achava-se assim mais honrado diante da sua consciência, no tribunal da opinião pública, e, por cima de tudo, com quinze contos.

Eusébio Macário interrompera o ditoso monólogo. Sabia que o filho recebera a sua parte. Vinha propor-lhe um negócio muito vantajoso e ao mesmo tempo obstar ao esbanjamento dos quinze contos. Eusébio era então, na roda dos homens sérios, considerado bastante como sogro do barão do Rabaçal, e não menos pela sua pessoa. Ouviam-no com atenção no *Palheiro* da Assembleia, de que ele era director, sobre assuntos políticos, municipais, industriais e higiénicos. Com os dedos carregados de meio-grosso, punha nos seus dizeres uns tons conspícuos de muito efeito. Citava muito o *Manual Enciclopédico*, o seu grande autor. Escutava os seus interlocutores com o lenço aberto, suspenso debaixo do nariz, enconchando o beijo superior herpético, gretado pela nicotina, para estancar as destilações do muco amoniacal. Depois, recolhidas as ideias alheias, com uma grande atenção, assoava-se trombeteando, expunha as suas réplicas e escorvava de novo os dedos. Além de director da Assembleia, era definidor da Celestial Ordem Terceira da Santíssima Trindade, vogal do Asilo das Raparigas Abandonadas, síndico da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco e mordomo do Hospital dos Entrevados. Dinheiros não os tinha. Possuía umas poucas de acções da Fidelidade, que lhe dera o genro em dia de anos; o José, o

filho ingrato, nunca lhe dera cheta; a Custódia, ainda que quisesse, não dispunha de fundos, além dos precisos para as despesas mensais. Ora Eusébio Macário, conquanto bem vestido, bem alimentado e estimado, não podia realizar o seu sonho sem representar uma qualquer propriedade de comércio ou indústria: ele ambicionava ardentemente entrar na Câmara Municipal; todas as suas práticas sobre pelouros, impostos, posturas, polícia, melhoramentos morais e materiais, convergiam para esse alvo luminoso das suas aspirações. No *Palheiro*, o seu claro auditório dizia-lhe:

– Vossa Senhoria dava um bom camarista. Veja se entra para endireitar o Porto. – Estes gabos sinceros recrudesciam-lhe a ânsia de endireitar o Porto! Mas não podia apresentar-se aos eleitores como simples Eusébio Macário, orador do *Palheiro* e mordomo dos Entrevados.

Nesse tempo estabelecia-se em Lordelo uma fábrica de panos. O fundador procurava um sócio capitalista com dez contos e garantia seguríssimos e prospérrimos resultados. Falou-se disto na Assembleia, quando José Macário estava a ponto de receber os quinze contos da Felícia. Eusébio lembrou-se de fundar os alicerces da sua posição de industrial com o dinheiro do filho. Procurou-o no Águia quando ele começava a espanar as malas para acomodar a bagagem.

– Com que então, recebeste hoje os quinze, hem? – perguntou-lhe risonho, participante do seu triunfo.

– Recebi; é o que faltava, não receber. Desonrado e pobre, era de mais.

– Anda lá, quinze contos... Pechincha. E agora que fazes a esse dinheirame?

– Gasto-o; creio que o dinheiro não tem outra serventia.

– Gastá-lo? Deves pô-lo a render, rapaz – redarguiu Eusébio com mansidão velhaca.

Que não pensava nisso.

– Penso eu, que sou teu pai, e tenho obrigação de te aconselhar.

– Perde o seu tempo. Eu vou viajar, detesto o Porto.

– Não sejas asno, José. Põe o teu dinheiro a juro, e depois vai para onde queiras comer-lhe o rendimento. Oferece-se um bom negócio. Dez contos a oito por cento. Tomo-tos eu, e ficamos sócios da fábrica de panos de Lordelo.

– Não quero saber de fábricas, nem posso emprestar dinheiro. Vou para França ou para Inglaterra. Não volto mais a esta cavalaria de Portugal.

– Então, não emprestas a teu pai dez contos? – reguingou Eusébio com a voz trémula, declamatória, postura teatral, com a pitada suspensa, sob o nariz rubro de cólera. – A teu pai, que foi quem te arranjou esse capital?, quem te arranjou a mulher?

E o Fístula com desabrimento:

– Arranjou-me boa peça, não tem dúvida.

Eusébio, irado:

– Bem sei, mariola! Queres gastar o dinheiro da Felícia com a porca da Pascoela!

– Acertou. É mesmo. Que lhe importa? Que tem com a minha vida? – redarguiu o Fístula com altivo desdém.

– Não te faças fino, que te dou com esta bengala! – refilou Eusébio, minacíssimo, com um grande estilizadão de rapé, assoando-se à pressa, resolvido a bater.

E o filho, cruzando os braços:

– Em filhos da minha idade não se bate, ouviu? Quando os pais se esquecem da idade dos filhos, os filhos também se não lembram se são os pais que lhe batem.

– Sempre duvidei.., que fosses... meu filho! – vozeou Eusébio, recuando com umas pausas cavas, cheias de drama e de maldições. – Sempre duvidei!

– Não posso esclarecê-lo a esse respeito, nem me interessa muito em averiguá-lo.

– E começou a vestir-se para sair, a escovar o paletó, a fechar gavetas.

Eusébio fitou-o sinistramente; ia-lhe na alma um torvelinho de coisas dilacerantes; não podia conjecturar-se quais vocábulos frementes de execrando anátema ia dardejar por derradeiro sobre a cabeça amaldiçoada do filho; seria até muito óbvio antes supor que a maldição fosse um sarilho de bengaladas, quando após dois rugidos convulsos de cólera, por entre um ringir de dentes, vociferou: – Pedaco de ladrão! – E saiu.

Eusébio Macário considerava-se roubado na quantia de dez contos e na predestinação de camarista.

Na ausência do pai, José Macário continuou a vestir-se num grande esmero de *toilette* e foi para Santa Clara, muito jubiloso, com atitudes modestas de anjo redentor da mártir. Ela vestira-se de gala para arreliar as freiras e as farraponas das seculares, escandalizadas da sua alegria; pusera muito carmim e despeitorara-se como se a grade, com um aroma de centenares de extintas santas, fosse uma sucursal do *bouquet* do Carvalhido ou do pavilhão da Flora.

A preta, rutilante de risos e dentes muito alvos, entrou com a bandeja dos licores e manjar branco. Cálices opalinos dos cremes bebidos de meias e manjares encetados pelos dentes da Pascoela passavam-se na roda. Ela, balouçando-se na velha cadeira de assento de palhinha rota, esfiampada, punha o pé na rexa da grade, calçado de cetim preto com meia de seda cor de pérola e fitas cruzadas sobre o tornozelo descoberto. O Fístula punha-lhe beijos ideais na macieza da meia, e ela, sofraldando a barra do roupão de seda até à liga, mostrava, dizia morbidamente que tinha emagrecido muito no convento. E ele, a sacudir a juba leonina em crispações sensuais, pedia-lhe que escondesse a perna, que o não abrasasse, que o matava.

Depois, planeavam pela vigésima vez o seu itinerário. Iriam ao outro dia no *Duque do Porto* para Lisboa, e de lá para França no primeiro paquete. Iam residir em Paris. Ele, assim que os Cabrais tornassem ao poder, tencionava fazer-se nomear adido à Legação Portuguesa. – Era uma carreira bonita; podia chegar a ministro, a embaixador, e tinha bastantes meios para poder esperar a restauração da Carta. A Pascoela achava a carreira bonita, muito elegante. Lembrava-se, em silêncio, do chanceler fardado no baile dado à rainha; muito galante, a cintura muito fina. Perguntava o que faria o capadócio quando soubesse que ela se escapulira do convento? O capadócio era o marido. Apostava que ele rebentava de raiva e de paixão por ela. O Macário afirmava que sim, que rebentava. Tocou a sineta a sair. Despediram-se muito contentes. Era a última grade que ela lhe dava, e dizia-lhe: – Amanhã ti dou, meu Juca, a grade di meus braços. – Era escuro no recinto do palatório; já não se viam; e, à despedida, boquejavam idealmente muito chilreados uns beijos aromatizados de *chartreuse*.

O *Duque do Porto* saíra às três da tarde. A Trigueiros entrara a bordo pelo braço de José Macário, muito radiosa, numa desenvoltura de atriz boémia, falando francês, enchendo o peito do ar salino do mar e farejando com apetite os perfumes do jantar. O Fístula escondia o ferro de uma visão que o assaltara ao entrar. no bote. Vira em Cima do Muro, encostado ao parapeito, o cónego Justino, a olhar para ele com um riso sarcástico, uma cerebrina exultação vingativa. Um seu amigo anónimo tinha-lhe escrito que a sua esposa era visitada a horas pouco canónicas por um cónego da Sé que. foi abade duma freguesia de Basto. Este aviso afrontoso, extemporâneo, resvalou-lhe no arnês da filosofia; mas a cara soez, celerada, do cónego indignou-o fortemente.

Ao mesmo tempo, a prioresa e outras freiras entravam nos aposentos da Pascoela, muito sujos de lixo e nódoas. Viram caixotes e muitas garrafas vazias com letreiros em rótulos de cores, dourados. Não sabiam ler, mas cheiravam as vasilhas, e achavam que eram bebidas espirituosas.

E a prioresa, aspirando com delícia uma garrafa de vermute, dizia:

– Vede vós que grande bêbada aquela!

E a escrivã:

– Bem me disse o mano doutor que ela era a Messalina moderna!

Havia montes de cartas rasgadas, muitas em língua desconhecida às freiras, outras com a assinatura *Maria da Nazaré*. Escolheram alguns fragmentos maiores das estrangeiras e mostraram-nos ao capelão, que desconfiou serem em francês ou inglês. Levou-os ao Soto, dono dum colégio à Batalha, para que lhos traduzisse. O intérprete declarou que era um francês qualquer a dizer a uma qualquer pecadora que lhe havia de morder os peitos até lhe sorver por eles o coração, como quem sorve os bagos rubros duma romã, etc. O capelão horrorizou-se e foi dizer à priora que as cartas tratavam de deboches. Ai!, a santa senhora, no meio de um mundo corrompido, não ignorava a existência daquele galicismo. Benzeu-se.

## XI

A Nazaré chorou quando o marido lhe deu a notícia da ida de Pascoela com o Macário. Ninguém mais chorou no Porto. A maior parte da gente ria-se. Felícia, quando o cônego lhe levou a novidade, depois das onze da noite, disse palavras de resignação: – Que o leve o Diabo! – Trigueiros, quando um amigo certo se lhe apresentou na hora incerta, contando o escândalo, a entrada no *Duque do Porto* pelo braço do amante, estendeu o braço na direcção do mar e exclamou: – Afogado sejam eles! – Frases augustas que parecem copiadas de uma selecta de ditos célebres.

O barão, sabido o caso, resolveu trazer a irmã para a sua companhia; mas a Custódia, em risco de apanhar, declarou que não vivia com ela; que mais fácil seria fugir, mudar de nome e ir sem criada de servir. Vinham-lhe da raça estas decentes e heróicas resoluções. O marido exigia imperiosamente a explicação deste rancor. Com que razão odiava a pobre mulher, que seu irmão enchera de maus tratos e desprezos? Que a esposa de José Macário era uma casada exemplar...

A baronesa sorria-se, e o Eusébio Macário, que estivera calado, provido de razão e rapé, disse:

– Ora vamos lá, vamos lá, Sr. Barão. O José não era bom; mas ela também não era melhor – e queira perdoar, se nisto ofendo a sua pessoa. Aqui que ninguém nos ouve: a senhora sua irmã tem feito asneiras que farte...

– Quê qual! – interrompeu o barão com os olhos acesos. em faúlhas da sua dignidade muito combustível.

E o Macário, solene, pitadeando, no seu intemerato aprumo oratório – que o José era um rapaz de vinte e cinco anos, na flor da mocidade; a Felícia devia roçar pelos seus quarenta e tantos bons, porque havia, de andar nos vinte e tantos quando veio de Barroso para Basto. Já podia ter juízo, a falar a verdade, já podia ter assento, e deixar-se de arolas com homens. – E batendo no peito: – Eusébio Macário o que tem aqui é para o dizer. Minha filha, se não quer contrato com a Felícia, é porque é honrada, de cujo eu muito a louvo.

O barão ficou atónito, muito abalado. O transporte final<sup>1</sup> do sogro, com o braço estendido para a filha imaculada, confundiu-o, chamou-o à compreensão da honestidade de Custódia. Exigiu que lhe falassem com clareza. Quem era o tal homem? Como se chamava o homem? Que lhe dissessem o nome do homem! – Eusébio olhava para a filha e ela para o pai; o barão insistia, começava a suspeitar que lhe caluniassem a irmã. – Que desembuchassem, com dez milhões de diabos! – O sogro então, vencida a relutância, expectorou:

– É o abade, é o abade; o barão bem sabe que ele está cônego no Porto. Aí tem o que é. Uma indecência dela a mais deles, cuja...

O barão não deixou arredondar, fechar-se o pensamento austero do sogro. Faíscas de cólera coriscavam-lhe os olhos circunvagos em cata duma bengala forte que trouxera de Petrópolis. Queria bater na mana e no cônego, moê-los, muita pancada.

A esposa, muito ordeira – que não lhes batesse; que não remediava nada, porque eram amores velhos; e que havia falatório, escândalo – não valia a pena. O pai apoiava: que sim, que uma família respeitável não podia andar em desordens à conta do mulhério; que as pessoas de bem, Fulano, Sicrano, etc., não faziam caso das irmãs mal comportadas, e citava tantos exemplos que o genro desistiu da bengala e limitou-se a transpirar explosindo a sua vergonha iracunda em assopros que fumegavam. Além dos argumentos sociais, dera-lhe o caso de Eusébio ter contado ao barão façanhas do abade de Santiago. – Que ele com um vergueiro nas unhas era uma barra, da pele do Diabo:

que uma noite, mascarado, varrera um arraial na Senhora dos Remédios, e que nas eleições de 45 dera em sete eleitores como se fossem um só homem. – O barão não se julgava certamente mais invulnerável que os lobos das alturas de Barroso. Ele, no secreto das sua consciência, receava que o cônego lhe batesse – palpitava-lhe isso. Quanto à irmã, mandou dizer-lhe que nunca mais lhe pusesse o pé em casa, nem dissesse que era sua irmã; que a esborrachava se ela lhe subisse a escada – que era a vergonha da sua cara.

O cônego Justino leu a carta com uma grande pacatez retrincada e disse: – O corpo de teu irmão está-lhe a pedir cana-da-índia. – A Felícia dizia que eram intrigas da Custódia e que não se salvava se não se vingasse dela. Contava o que lhe tinha sofrido em Lisboa: desprezos, remoques e escárnios diante de gente; que a cunhada não queria andar com ela; que ia para os bailes com José Macário e que a deixavam sozinha no quarto do Hotel Central, a olhar para o Tejo, a chorar com saudade da sua vida passada com o seu Justino. Então o cônego, com uma explosão de ternura: – Pobre Felícia, minha adorada Felícia! – e aconchegava-a do peito, muito amimada, entre chorosa e risonha. Quanto a vingar-se, dizia-lhe muito sarcástico. – Não te há-de faltar ocasião, deixa estar, que eu trago-os debaixo de olho; a Custodinha da botica tem mau diabo à perna;, ela não sabe com quem se meteu.

Não se ajeitavam, porém, à espionagem do cônego vingador as coisas domésticas do barão. Havia paz honrada na família; os créditos da baronesa intactos; janotas audazes, de projectos perversos, sofriam desfeitas; e ela, de uma nutrição dura e sã, estava cada vez melhor; os espartilhos do colete impavam premidos pela turgidez dos peitos; alaranjavam-se-lhe as faces na fadiga do passeio; tinha uns arquejos de gansa amorosa, um pisar de peneirado com balouços de quadris e muito arranque. Quando saía da missa dos Congregados para o Jardim de S. Lázaro, com um grande rugido de gorgorões caros, muito estrelada de jóias rutilantes, pela Rua de Santo António acima, os janotas, agrupados às portas das luveiras, descobriam-se, curveteavam cortesias: « Sr<sup>a</sup> Baronesa, criado de Vossa Excelência; Sr<sup>a</sup> Baronesa, minha senhora», e depois, remirando-a pelas costas, diziam obscenidades inferidas das curvas sensuais. O barão, além da experiência interna, recebia do exterior, pelos jornais, notícias, esclarecimentos a respeito da mulher. O *Periódico dos Pobres*, a cada passo: a *virtuosa e formosa* Ex.ma Baronesa do Rabaçal; a *caritativa e virtuosa* esposa do Ex.mo Barão do Rabaçal. O Eusébio dizia-lhe: «Regala-se-me o coração quando vejo que chamam a minha filha virtuosa em letra redonda» – e, com o seu hábito das comparações, apontava as senhoras a quem os jornais chamavam formosas, elegantes, filantrópicas, mas, a respeito de *virtuosas*, pois não chamaste! – e dizia que a imprensa era uma grande instituição de moral,, ideia dele, pouco repetida, e que talvez seja do *Manual Enciclopédico*.

A baronesa, muito aplicada na sua paixão pelo piano, conseguira, em dois anos, tocar com muita robustez e furor incorrecto trechos da *Lúcia*, de *I due Foscari* e do *Nabuco*. Frequentava a Filarmónica assiduamente prestava uma atenção muito lisonjeira aos músicos curiosos daquela assembleia, aplaudia com palmas sonoras ambos os sexos, muito entusiasmada. As Sr.<sup>as</sup> Lacerdas, umas meninas anémicas, muito engoiadas, imagens vivas de noivados no sepulcro, diziam que a baronesa, quando batia as palmas, parecia uma lavadeira de São Mamede a bater a roupa no lavadouro – uma matraca.

O barão, inopinadamente, fez-se filarmónico. Descobriram-lhe que ele tinha voz de baixo profundo, um dia, que se pôs a cantar uma ária do *Nabuco*, quando a baronesa tocava. Descobrira isto o Mota Prego – aquele desfrutador, e foi aplaudido por Eusébio Macário – que sim, que tinha voz de baixo profundo. Dai por diante berrava todas as noites a ária do *Nabuco*, soletrava os versos do libreto com auxílio do sogro e convidava

amigos para o ouvirem. O comendador Aguiar achava-o um barítono muito regular e dizia à orelha do barão de S. Torcato que o seu desgraçado amigo, se não estava doido, era um asno acabado.

O salão dos Rabaçais principiava a ser muito concorrido de amadores: via-se o Félix Borges, de Medeiros, grande barítono, Joaquim Mendonça e o Dr. Basílio Alberto, ambos notáveis baixos, Gonçalves, excelente tenor, os Mirandas, instrumentistas distintos, o Dr. Domingos Pinto de Faria, violoncelista estremado, o portentoso Francisco Eduardo, o pequeno Artur Napoleão com seu pai, estimado professor, as cantoras mais famigeradas da Filarmónica, a Sr<sup>a</sup> Ribas e a Sr<sup>a</sup> Calainhos, bastante afinada.

Da companhia lírica, a Giordani, o Bisaccia, um tenor deplorável, o Segri e o Bartolucci, que cantava árias do *Rigoletto* e se ofereceu ao barão para o leccionar no canto, depois de o ouvir particularmente, mais pasmado que condoído da audácia do homem.

A baronesa admirava-o muito no teatro na parte do *Rigoletto*. A tragédia do infeliz histrião do duque de Mântua comoveu-a até umas profundidades novas e nunca exploradas na sua natureza. O Bartolucci, um sujeito bem apessoado, muito apresentável, com reputação de conde pobre – que renunciara à coroa ao pisar o palco –, entrara-lhe no coração incauto de envolta com as sentimentalidades do libreto do Gandra, que Eusébio Macário ia comunicando ao ouvido da filha. Quando o viu, sem a corcunda truanesca, na sua sala, de casaca e luva branca, com o hábito de S. Maurício e o donaire gentil de cortêsão, fez-se-lhe no espírito uma claridade súbita como o deu uma lanterna de furta-fogo que fulgura imprevista, instantaneamente, num recinto de treva.

Era o amor que nascia duma alma inconsciente da sua prenhez. Era a Custódia abolida, desabada do seu pedestal de virtude. Ele dirigiu-se a ela, curvado fidalgamente, com os sapatos de polimento juntos, ambos os braços pendentes, e o chapéu de pasta numa das mãos. Falou-lhe em francês; ela, muito encarnada, não o percebia; disse-lhe que não falava francês; ele, mudando de língua para várias línguas disse-lhe que *mucho piacere complimentarla, eccellenza, signora baronesa* – o que ela percebeu e agradeceu com muitos balouços de cabeça, sorrisos canhestros e derrengues de cintura. O italiano cantou, mui to festejado; sentia-se-lhe o que quer que fosse no timbre gemente da voz. Procurava-a, entre as demais, com uma ternura petulante, pasmava-se a contemplar-lhe o colo escultural, e baixava os olhos com humildade seráfica se ela, num relance de vista, o surpreendia lisonjeada desses êxtases.

Desde o dia seguinte, o barítono deu-se ao estudo da língua portuguesa com o Alba, o velho empresário que sabia linguagem portuguesa suficiente para um namoro em que se dispensasse um grande dispêndio de retórica e de sintaxe. Ao cabo de oito dias, Bartolucci falava a língua lusitana tão correctamente como os tradutores portugueses das novelas francesas, com vantagem de adocicar pela pronúncia italiana os galicismos que os outros azedavam com as desinências fanhosas daquele apêndice ingrato à Sr.<sup>a</sup> Princesa Rattazzi.

*Soirées* cantantes regularizaram-se às segundas-feiras em casa dos Rabaçais. Bartolucci em todas as noites feridas concorria; um dia por outro, ia disciplinar a voz selvagem do barão, abemolando-lhe as notas, ensinando-lhe artifícios da garganta com, uma paciência só comparável à indocilidade do discípulo. O barão trovoava alguns trinados. *Ad libitum*, que só tinham da voz humana o que ela tem de mais pavoroso. As notas ululadas rolavam repercutidas nos espaços aéreos do palacete sonoro e chegavam farfalhando em catadupas ao pátio. Transeuntes quedavam-se espantados e suspeitavam que houvesse doido na casa.

A baronesa assistia àquelas orgias glóticas do marido. Um lirismo macabro.

## XII

O amor indiscreto cegara a baronesa e desvairara o barítono. No teatro, entre a frisa 3 e o proscénio, havia correntes magnéticas que evidenciavam o namoro da Rabaçal com o Bartolucci. Ele nas árias de amor, se não punha os olhos na batuta, era nela. A baronesa, nesses transportes de paixão, inclinava-se no peitoral da frisa, com muito despejo sentimental, num descaramento de ternura. Binóculos dos camarotes e da superior assestavam-se nos dois; havia risos, cochichava-se ao ouvido; senhoras casadas, cheias de virtudes antigas, espreitavam a baronesa, de esguelha, pelos rendilhados dos leques.

O comendador Aguiar já não podia tolerar o escândalo. Amigos comuns diziam-lhe: – Você avise o barão, aconselhe o barão, abra os olhos àquela cavalgada.

O Aguiar procurou-o na Bolsa, levou-o para o adro de S. Francisco, e começou: – Como o outro que diz: amigo que não presta, faça que não corta, que os leve o Diabo pouco importa. Barão, eu sou seu amigo, e como tal sou a dizer-lhe que você não vai bem com a sua vida. É preciso reformar os seus costumes domésticos. Há umas tantas coisas que se devem dizer aos amigos. Deixe-se de música e de músicos, deixe-se de asneiras... E não me interrompa... Bem sei que gosta de música; também eu; mas uma coisa é gostarmos de música e outra coisa é os músicos gostarem de nossas famílias. Faz diferença.

– Famílias, quê?! – interrompeu o barão, com as mãos nas algibeiras das calças, que subiam e desciam ventre acima e abaixo, como se desse uma fricção –, um modo esquisito dele quando se agoniava. E o outro:

–Aí está já você a esfregar a barriga! Não ferva em pouca água, barão. Eu não venho armar desordens, venho evitá-las; c ouça lá o que lhe digo, que isto é sério: nada de partidas às segundas-feiras, nada de cantorias em sua casa. Você, se gosta de cantar, não lho levo a mal; cante lá para si, em família; mas, a falar-lhe com o coração na boca, eu achava que você devia deixar lá isso das cantilenas aos cómicos e a outros sujeitórios da vadiagem que não têm que fazer e andam por ai de goelas abertas a fazerem triste figura pelas casas. Você está numa posição muito séria, é um dos homens mais respeitáveis do Porto, e não lhe vai bem, na sua idade, ter mestre de música. Cheguei ao ponto, sim, é do barítono que se trata. Dos ruges-ruges se fazem os cascavéis, amigo barão. Por ai rosna-se. O borra-botas do Bartolucci, quando canta, prega os olhos no seu camarote, e a Sr<sup>a</sup> Baronesa também prega os olhos nele. Isto pode ser inocente da parte de sua senhora, acho que é, porque naturalmente a gente olha para o comediante que está a cantar, mas o comediante é que não deve espetar os olhos atrevidos na cara das senhoras que estão nos camarotes, excepto quando elas lhe permitem isso e agradecem com olhadelas suspeitas.

– Você está mal enganado, amigo Aguiar – atalhou o barão muito pacificamente, risonho. – O barítono tanto olha à ela como à mim, hem? Si você não mi conta mais nada, temos conversado. Quê mais sabe você? somentes isso?

– Sei isto, e não é pouco – respondeu grave, ressentido, o Aguiar. – Sei que a melhor sociedade do Porto pensa como eu; mas, se o barão pensa de outro modo, lá se avenha. Ao frigir dos ovos veremos. Eu lavo as minhas mãos.

– De maneiras quê – replicou o barão –, você quer dizer nà sua quê não frèquente a Ópera? Quê mi dê por cangado, hem? Estou na tinta.

– Essa é de rabo, barão! Você não me percebe. Mau!, o caldo entorna-se...

O Aguiar, encalmado pelo ardor zeloso da honra do seu amigo, suave, impava e sustinha a custo as frases severas, e os anexins frisantes que nunca o desamparavam, já

na alta oratória das eleições bancárias, já no diálogo familiar. Ele sentia vontade de lhe dizer: – Valha-te um burro aos coices. – Mas entrou, de bom rosto, em reflexões, com grandes pausas formalizadas, muito judicioso. Bem conhecia que era um pouco tarde para desfazer a impressão desagradável, a calúnia; alvitrava expedientes que pelo menos, com boas aparências, amordaçassem as línguas do mundo. Lembrava ao seu amigo que se lhe ajeitava um meio muito decente de ir a Lisboa e demorar-se por lá com a esposa até ao fim da estação teatral; que iria na comissão de directores de bancos por causa do ágio das notas; que assim, nem dava partidas, nem recebia em casa o marmanjo italiano, nem ia ao teatro; e ao mesmo tempo que ficava sossegado na honra e na consciência: tapava as bocas do mundo.

O Aguiar, muito palavroso, estendera estas ideias, sem paragem, com recheio de máximas e anexins. O barão escutava-o com gestos de impaciência, e, quando o outro lhe deu uma vaga, disse depressa:

– Quê àrgel você faz pára nada, amigo Aguiar!

E desfez-lhe os argumentos com uma ou duas réplicas sensatas: que tinha toda a confiança em sua esposa; que tudo quanto o amigo Aguiar dissera não adiantava nada ao que ele já sabia, porque ele bem via que o barítono olhava para o seu camarote, e estava no seu direito de olhar para onde quisesse. Que, finalmente, não se importava com o mundo – que mandava o mundo beber trinta réis.

O Aguiar levantou os ombros repetidas vezes à altura das orelhas e disse:

– Já aqui não está quem falou, amigo barão, já aqui não está quem falou. Arranje-se.

Ele não era a excepção dos maridos avisados. A perlenga do Aguiar pouco depois principiou a incomodá-lo, como se a sua confiança na esposa deixasse alguma coisa a desejar. Depois, passo a passo, fez-se-lhe no espírito a reminiscência ingrata dos primeiros bofetões que lhe dera em Lisboa, por causa do baixo. Já o mordiam desconfianças de actos, gestos, bagatelas que até então lhe pareciam inocentes. Sobrevieram hipérboles, as monstruosidades que avultam, examinadas pela lente traiçoeira do ciúme. O namoro do barítono já não se lhe apresentava como um fenómeno absurdo, um caso inexplicável pelas leis da natureza. Ele mesmo, num transporte subtil de compreensão rara, julgava-se capaz de perceber que a mulher correspondesse ao cantor.

A baronesa estranhou-o, muito seco, carrancudo, pouco alimento e nem uma nota de música, fechado no escritório. Nessa manhã devia vir o Bartolucci. O guarda-portão, quando ele entrava: – O Sr. Barão não recebe; está incomodado.

Custódia, como visse através da vidraça retirar-se o barítono, mandou indagar o que era. O guarda-portão respondeu que eram ordens do Sr. Barão. Ela não tinha a briosa coragem das esposas caluniadas. Não tinha isso – não ousou interrogar o marido, sondá-lo. Teve medo, e um calafrio, presságio de pancada. Nos seus sustos havia sempre a previsão da catástrofe material, pesada e contundente, do murro e da bengala. As dores da alma eram-lhe incomodidades subalternas – era a sua fisiologia.

O barão sabia que Bartolucci nunca entrara em sua casa estando ausente; de noite era impossível a perfídia. Recolhiam juntos, fechavam-se no seu quarto, e havia um só leito. Fora de casa, podia ser. A baronesa algumas vezes saía a visitar a Maria de Nazeré, e a baronesa de S. Cucufate ou a da Corujeira; mas só agora lhe ocorria que as duas baronesas estavam desacreditadas, e qualquer delas seria capaz de proteger o encontro. Atormentava-o a lógica infernal do ciúme; e ele, implacável num velho propósito de vingar-se da mulher se o traísse, não queria desabafar por vias de facto antes de ter bem planejada e segura a vingança.

Assistiu ao jantar e comeu melhor que ao almoço. Disfarçou-se quanto pôde, respondendo de melhor catadura à mulher e ao sogro. Disse que não recebera o barítono porque estava um pouco encatarroado. Depois saiu e foi por ali abaixo, até Cima do Muro, conversar com os seus velhos correspondentes e amigos Araújo & Filhos, que não vira havia muito tempo. Precisava distrair-se, deixar passar aquela nuvem negra que o Aguiar lhe pusera no coração. O Araújo falou do José Macário, da Pascoela, das patifarias que iam por esse Porto. Que ele estava muito ao facto da vida de Trigueiros com o cunhado do seu amigo, mas não lho contara, porque seria isso afligi-lo sem remediar nada. Então denunciou, muito em segredo, que a sua quintarola do Carvalhido estava arrendada havia cinco anos à baronesa de S. Cucufate, e quem figurava no arrendamento era a mulher dum brigadas de veteranos que lá vivia para certos fins, arranjos no quarto, abrir e fechar portas, avisos, recadinhos, etc. – que ele barão bem entendia. Não era sem repugnância que Araújo alugava a casa para tais ameijoadas; mas enfim pagavam-lha bem, e ele não podia endireitar a sociedade. – Que se governem, não acha, barão? – perguntava. E o barão: – Pois já se entende; você faz seu negócio; mas estou atêrrado, amigo Araújo! Eu não cuidava isso da baronesa di Cucufate... – Uma grande bêbada – afirmou Araújo, e disse que eram os tunantes que a visitavam na quintarola. O cirurgião do Carvalhido, o seu compadre Cruz, era amante da mulher do brigadas, ainda fresca, que tinha sido criada da baronesa. Ela contava-lhe tudo, e o seu compadre contava-lho a ele. Particularizou miudezas que a mulher do veterano espreitava e o Cruz cirurgião lhe dissera. Que não tinha notícia de um deboche semelhante; que até pedira ao seu compadre que não contasse aquilo aos seus rapazes. Depois acrescentou que a baronesa de Cucufate fora para Lisboa passar alguns meses com o barão e deixara ordem à do veterano para receber a Pascoela Trigueiros como se fosse a própria. Que isso então com a Pascoela e mais o José Macário a pândega é que fora de foz em fora! Tocavam banza, cantavam ambos o fado e bebiam como dois odres, tal e qual como se estivessem no botequim do seu vizinho Pepino. Que às vezes a ele Araújo, homem de bem, lhe davam guinas de avisar o Cucufate e o Trigueiros; mas que o mundo não se endireita, e que muitas vezes com estes avisos o mais que se ganha é ficar a gente malvista pelos maridos, pelos amantes e pelas mulheres. Tinha experiência de casos semelhantes e outros diversos. Que lá se aviessem, que não queria saber de desgraças. Prosseguindo, foi contando que a baronesa de Cucufate logo que chegou de Lisboa foi ao Carvalhido com outro conhecimento novo; e, segundo lhe dizia o seu compadre, sabia que entrava lá um comediante da Ópera Italiana.

– Veja, Sr. Barão, veja o meu amigo ao que desceu aquela mulher!, até os cómicos lhe servem! ... Já é força de destino!

O do Rabaçal exprimia no semblante as alternativas que o agitavam, uma confusão perturbadora. Não sabia como esclarecer-se, como interrogar o Araújo sobre se não podia duvidar-se que o barítono fosse amante da Cucufate, se era com efeito a Cucufate que ia à quinta, se poderia ser outra mulher, a quem ela cedia a casa como fizera à Trigueiros.

– Seu compadre viu eles nà quinta, hem? – perguntou o barão com pausas atrapalhadas, muito ofegantes. – Sabe quê são?, quê é ela quê vai falar?, e viu ele mesmo? Não seria outra? Veja lá.

Araújo, muito de espaço, explicou que o seu compadre Cruz sabia que o cómico ia lá de vez em quando, pelo ver passar e sumir-se no quinchoso; mas não por lho contar a mulher do brigadas; que as relações ilícitas do cirurgião tinham acabado em consequência do brigadas ter aviso da pouca-vergonha, e um belo dia dera sobre ele com uma espingarda e por pouco que lhe não espeta uma bala nas costas. – Mas que dúvida tinha o barão em acreditar que o cómico ia para a baronesa de Cucufate? –

perguntou Araújo. – Quem havia de ser senão ela? Que lhe dava a sua palavra de honra que a tal baronesa era a rainha das marafonas, que não havia outra no Porto capaz de se abandalhar com um cómico, e que o barão, aquele cara estanhada, se tivesse alguma casta de brio, há muito que lhe devia ter metido uma faca à barriga como quem rasga uma cabra.

O proprietário honesto da quintarola fazia trejeitos carnicheiros como quem estripa adúlteras. O barão estava lívido como se assistisse ao espectáculo vivo daquele suplício bárbaro.

## XIII

O Rabaçal, quando chegou ao Largo de S. Domingos, tremiam-lhe as pernas e sentia vágados. Sentou-se na loja do José Gaspar da Graça e pediu um copo de água. O dono da casa, muito afável, achava-o descorado, oferecia-lhe chá, um copinho de cana, que dispusesse da sua casa. Entrou neste comenos o comendador Trigueiros, secreto inimigo do barão, tanto porque era cunhado do Macário, como porque se ria dele quando fez as pazes com a Pascoela, e lhe chamara nomes injuriosos na loja do Pinto Leite. – Que folgava muito de o ver; que o não via há meses, que o achava mais magro. – O barão rosnavia monossílabos, e o Trigueiros, retirando-se para a porta, segredava ao José Gaspar da Graça: – Aquilo são desgostos muito sérios por causa da mulher e do cómico. – E o capitalista com sentimento: – Desgraças, desgraças. – Diga-mo a mim... – tornava o Trigueiros batendo com o ferrão da bengala na soleira – eu é que sei o que isso é; mas... – e chamava fora o interlocutor – ele, o barão, está a pagar pela língua; para ele mulher honrada no Porto havia só a dele; ninguém as calça que as não borre, amigo Gaspar da Graça – isto é das Escrituras.

O barão saía e despediu-se dos dois. O Trigueiros disse que também ia para a Assembleia, que o acompanhava.

Tinha um mau fundo o Trigueiros. Regozijava-se quando via um sócio de infortúnio entrar nas troças dos botequins e na tortura do *Palheiro* – uma corja de celerados que descosiam mistérios da vida íntima e esfarrapavam créditos. Sabia que o Eusébio Macário atribuía à Pascoela a perdição do filho, culpava o Trigueiros da devassidão da mulher; e era ridículo quando dizia que a sua filha, a baronesa, tinha tido uma educação muito religiosa, muito austera, e pouco antes de casar tão inocentinha era que perguntava de onde vinham os meninos às mulheres grávidas. O Dr. Videira, um padre cheio de ratices, dava grandes gargalhadas e dizia chalaças de uma frescura de carapinhada. Por isso o marido da Pascoela odiava o barão, de quem tinha sido muito amigo e até padrinho do casamento, e desejava vê-lo nas mesmas entalas. Sabia o que se dizia do namoro do barítono; contava a desgraça do *seu amigo* a toda a gente; e repetia sempre o dito das Escrituras: ninguém as calça que as não borre – era um anexam do uso do comendador Aguiar que o Trigueiros achava digno de algum Evangelho apócrifo.

Quando chegaram à Praça Nova, o barão ia desafogando, involuntariamente a sua angústia em termos vagos: – Quê um homem quê cãsava lhe era melhor deitar-se em um poço de cabeça à baixo. – Esta sentença, boa e indiscutível, abriu a represa à maldade do Trigueiros vingativo. Foi-lhe com a esponja de fel direita aos beiços: que sim, que tinha razão em o dizer, porque a baronesa era uma ingrata, que ele tirara do reles casebre do boticário da aldeia. Que ele quando ouvira contar o desconchavo de amar o cómico, ficara estarecido e apoquentado como se ela fosse sua parenta. Que o ser ela irmã do malvado não lhe fazia perder a amizade que lhe tinha por se esposa de quem era...

O barão ouvia-o, queria interrompê-lo, mas sentia-se estrangulado; e o Trigueiros continuava espremendo a esponja:

– Meu amigo, você sabe a minha vida – sabe-a tão bem como eu. Aquela mulher que eu fui buscar atrás do balcão dum botequim de carroceiros e soldados, que fiz minha esposa, e que por um triz não era baronesa – porque já me tinham oferecido o título quando me fez a última maroteira –, aquela fúria do Inferno, ia dando comigo na cova ou em Rilhafoles. Vi-me entre a cruz e a água benta. Pois aqui onde me vê estou como se nunca a conhecesse, por acaso me lembro dela; e patacos meus só se os comer em resolgar. Nem uma de cinco, o que se chama uma de cinco, percebe? Ela cá virá,

quando o bigorrilhas do amante der cabo dos contos que apanhou à infeliz irmã. Sabe como eu me curei, barão? Arranjei outra, uma rapariga da aldeia, papa muito fina, que me governa a casa muita bem, coisas e tal *et caetera*, e que, se Deus quiser, me há-de comer o que eu tenho. E sabe que mais? Se o Diabo levar a outra, e oxalá que seja hoje em vez de ser amanhã, caso com a minha Luísa Casca, tão certo como estar no Céu aquela Lua que nos alumia. E você, amigo barão, faça o mesmo. Nada de paixões. Rua com ela. Fortuna na carteira. Que o vá ganhar. Arre, bêbadas! A Pascoela saiu-lhe a porca mal capada. Nem vintém! Cuidam que o dinheiro do Brasil é roupa de franceses? Os amantes que as sustentem, não é assim, meu amigo? Rua com ela, e outra para dentro, à minha moda. Não lhe sirvo? Também o meu dinheiro lhe não serve. – E dando-lhe no ombro palmadas confortadoras: – Ande-me assim, ande-me assim. Tudo que cheirar a Macários, rua, rua com eles; mas cuidado com o Eusébio, que aquilo é maroto muito fino, entende? Antes de pôr em seguro a sua fortuna, nem um triste pio; que não vá o ladrão aconselhar a filha a requerer o divórcio, e roubar-lhe metade da fortuna. Eu estou aqui pronto para tudo, hem? Tenho casa na Rua Direita e em Rio Tinto. Se você quiser ir para a minha companhia, faça de conta que está em sua casa.

O barão, duas vezes, durante o discurso insultante à sua dor, sentiu ímpetos sanguíneos de pegar no Trigueiros e fracturá-lo contra um dos frades de pedra da Praça Nova. Noutros lances, a confissão aviltante do marido de Pascoela tocava-lhe na alma uma corda que gemia a mesma toada, uma compaixão comum dos enfermos da mesma doença. Por fim, como o Trigueiros lhe ventilou o assunto da sua antiga preocupação – coser-se com a fortuna –, começou a ouvi-lo com tal qual interesse e a considerá-lo até necessário como praxista experimentado no processo dos contratos fraudulentos que reduziram a uma esmola a Pascoela, devendo ela ser meeira no melhor de trezentos contos fortes.

Entretanto, nada disse do seu infortúnio; despediu-se quase amigo como dantes do Trigueiros, e foi para casa.

A baronesa estava com o pai. Tinham conferenciado largamente acerca de dinheiros. Custódia receava que o marido tivesse aviso de caluniadores que a odiavam pela sua virtude; que a intrigassem por causa do Bartolucci, e temia que o barão imitasse o Trigueiros e a deixasse pobre como a Pascoela. O pai, em primeiro lugar, apostava que o genro, ainda que lhe dissessem tal mentira, não acreditaria que a filha de Eusébio Macário fosse capaz de semelhante crime; em segundo lugar, se ele requeresse o divórcio, havia de pôr para ali metade do que tinha; em terceiro lugar, se desse a perceber que tratava de se safar com tudo, ele Eusébio mexeria os pauzinhos, porque já estava aconselhado pelo Dr. Bruschy desde que o genro em Lisboa, por dá cá aquela palha, esbofeteara a esposa. Nesta ocorrência entrou o barão com um bonançoso aspecto, dizendo que um passeio à margem do rio por Miragaia, com o Araújo, lhe fizera grande bem e lhe abria o apetite. Ceou copiosamente, cantou a ária dilecta do *Nabuco*, conversou muito amável com., o sogro; disse à esposa que fizesse os convites para a partida de segunda-feira, visto que ele, quando se sentira doente, mandara publicar no *Pobres* – que Suas Excelências os Srs. Barões do Rabaçal, por incómodo de saúde, não recebiam na próxima segunda-feira. Depois, foi deitar-se. O Eusébio dizia à filha:

– Eu não to disse? Está como dantes.

E a Custódia, desconfiada:

– Olhe que ele é muito macanjo, meu pai!

– Deixa-o ser, que deu com o seu homem; mas está descansada, por minha conta.

Eu leio-lhe por fora e por dentro. Vai-te deitar, vai-te deitar.

A baronesa madrugou alegre. O marido dormira com a serenidade e confiança dos esposos mais garantidos. Ressonara como de costume; pedira de manhã o semicúpio habitual, fizera a barba, cantarolara algumas frases do *Rigoletto*, almoçara, acendera a sua bebra e saíra de carruagem. Ele estava tão bom para ela, tão cuidadoso, que lhe perguntara se queria o trem para fazer alguma visita. Ela disse que esperava a S. Cucufate para jantar com eles. O barão voltou o rosto rapidamente para que a mulher não visse nele o efeito daquele nome.

A carruagem parou à porta do Aguiar. O barão entrou e daí a pouco tempo saiu um criado com cartas. Sujeitos de presença grave, um por cada vez, entraram pressurosos, com aspectos consternados e os narizes rubros de frio, com as calças apanhadas nos calcanhares e sapatos de borracha muito lustrosos. Eram dois titulares, e mais dois negociantes de grosso trato, o Mendes bacalhoeiro, Araújo & Filhos. A conferência durou duas horas. Depois entrou um tabelião e um rapaz com nota num saco de damasco amarelo com borlas. Saíram carta para Lisboa. Compraram-se letras no estanco da Praça Nova. Escreveram-se muitos algarismos e datas falsificadas. Às três da tarde, tinham todos saído, excepto o barão de S. Torcato, a quem o dono da casa dizia: – A baronesa Custódia não tem dez-réis para mandar tocar um cego - Você lembra-se do que eu lhe profetizei na Praça Nova há dez meses, em 10 de Abril de 1852, às três horas e vinte e cinco minutos da tarde?

Que sim, que se lembrava.

– E então?, que me diz? Vejo longe ou não vejo?

– Você é o Diabo, não é homem!

– Vejo longe ou não vejo? Diga lá, Sr. Barão! – E estava muito envaidecido, muito jubiloso, porque vira realizada a sua profecia na pessoa de um seu amigo, marido infamado de uma mulher desonrada.

Na conferência, o Mendes, muito prudente, opinara que, pelas informações de Araújo, não estava apurado que a baronesa fosse a pessoa que ia ao Carvalhido encontrar-se com o cantor; que era mais natural acreditar-se que a amante do cantor era a outra baronesa que alugara a casa. Portanto, que o amigo barão, embora estivesse preparado para se apartar da senhora sendo ela culpada, não devia dar tal passo sem ter a certeza do que por enquanto era apenas uma suspeita. Concordaram todos, e ficaram nisso. Pela alma escurentada do barão ainda lampejavam esperanças de que sua mulher estivesse inocente.

Mas havia outro colaborador mais destro no processo de Custódia: era o cónego Justino. Ele espiava os passos da baronesa, com a pertinácia de duas vinganças – a sua e a de Felícia, por causa da cunhada expulsa de casa do irmão, e por sua boca difamada como amante dum padre, e desprezada de todas as famílias suas conhecidas. O cónego soube que a Custódia cultivava com assiduidade duas relações de baronesas libertinas: a S. Cucufate e a Corujeira. Enquanto não podia agenciar em casa da segunda uma espia segura, moveu o escudeiro, seu confidente, e irmão da governanta do cónego Veloso, a ir oferecer-se ao serviço da baronesa de S. Cucufate, de quem já tinha sido criado e mediano em duas das suas tramóias. Ele prometia ao criado fazê-lo nomear cobrador da mitra, se ele andasse esperto na sua empresa de espreitar o que pudesse servir de prova contra a baronesa do Rabaçal. O escudeiro aceitou a missão; e a sua antiga ama, reconhecida às suas tretas e manhas, admitiu-o como escudeiro.

A do Rabaçal, à primeira vez que o viu e de pronto o reconheceu, disse muito assustada que ele tinha sido o escudeiro da Felícia, que era preciso muita cautela. A sua amiga abonou a fidelidade do criado; que a boca dele era sagrada – contou a história da mantilha e as finas astúcias com que ele a servira em duas das suas brincadeiras. Ela,

quando arranjava um amante novo, chamava à coisa «outra brincadeira». Demais a mais, para a tranquilizar, dizia-lhe que o criado, pelo sim pelo não, havia de ignorar sempre as coisas que não precisasse saber.

Tratavam então de planear o *rendez-vous* da baronesa com o Bartolucci. Liam-se as cartas apaixonadas do *conde* – chamavam-lhe conde. A do Rabaçal contava que ele inventara um meio magnífico de lhe entregar as cartas: deixava-as escorrer pelas costas do sofá enquanto ela acompanhava no piano o marido; e que ela lhe passava as dela dentro dum livro de musica que ele ia folhear para a janela.

– Sabes mais do que eu te ensinei, querida – disse-lhe a S. Cucufate, compondo-lhe os bandós e dando-lhe beijos nas rijas polpas do colo como se se tratasse do pescoço do Polca ou do Leitão.

Traçaram o plano. A S. Cucufate emprestava-lhe a casinha de campo.

– Às quintas-feiras, não posso, bem sabes, ceder-te a minha chácara das brincadeiras. – A *chácara das brincadeiras* era o pseudónimo idílico da quintarola do Carvalhido. Emprestava-lha todos os dias da semana, excepto às quintas-feiras. A Rabaçal viria de visita demorada a casa dela e mandaria embora o trem; depois saíam ambas na carruagem de S. Cucufate. O boleiro, a respeito de língua, era pedra que caiu num poço. Nos campos de Cedofeita, à entrada duma bar roca que ia rente com a quinta, a do Rabaçal apeava, e entrava por uma portinha escusa que abria para o pomar; ninguém veria entrar; a outra não sairia da carruagem, e esperaria por ela. O conde Bartolucci estaria, no primeiro encontro, no adro da igreja de Cedofeita, iria seguindo o trem; e, depois que visse parar, tomaria pelo caminho que levava à porta da casa solitária, fácil de encontrar. A inquilina estaria prevenida par o receber e introduzir.

Assim se fez propiciamente às quartas-feiras, nas duas primeiras semanas; depois às quartas e sábados – a mesma prosperidade, uma grande sorte. A Custódia, ao principio, quando transpunha a soleira da porta, punha de propósito supersticiosamente o pé direito; depois era-lhe indiferente pôr o esquerdo. parecia-lhe primeiro que o seu crime, ou brincadeira, segundo a outra, criaria à volta de si uma qualquer coisa nova, estranha e incómoda ao seu sossego interior; mas, olhando para dentro de si e para fora, viu uma grande indiferença na consciência, nas coisas e nas pessoas – uma espécie de cumplicidade no movimento monótono inalterável do universo físico e moral.

Ela assumiu de pronto bestialmente uma filosofia idiota que outras atingem com um grande trabalho de critica dos costumes comparados, modalidades, enfim, resultados de processos que abrangem a grande obra de Sand, de Balzac e toda a literatura das *Pérolas* e *Camélias* de Dumas. A Custódia sentia-se muito devassa sem leitura; e tão tranquila de consciência como se possuísse os ideais avançados da mulher moderna, novas orientações mentais em via de emancipação.

## XIV

Mas, um dia, na consciência cristalina da baronesa fez-se uma pisadura em resultado de um beliscão de susto. Quando voltava da «chácara das brincadeiras» e entrava no cupé, disse-lhe, um pouquinho alvoroçada, a sua amiga, que, estando a ler a *Mademoiselle de Maupin*, ouvira passos no caminho, do lado da quinta do Vanzeler; e, quando ia deitar a cabeça fora da portinhola para ver quem era, quase que esbarrara na cabeça de um homem desconhecido, cara rapada, assim a modo de padre, que decerto ia espreitar quem estava no trem; porque, assim que a viu, levava a mão ao chapéu e dissera: – Queira desculpar; cuidei que era a Sr<sup>a</sup> Baronesa do Rabaçal –, e fora seguindo pelo caminho da quinta do Araújo.

– Ó diabo! – exclamou a Custódia. – Queres tu ver Leontina, que era o abade?!

– Quem é esse abade? – perguntou a S. Cucufate.

– O cónego, o amante da Felícia.

A outra, que tinha depois espreitado pelo óculo do espaldar do cupé, deu informações muito consoantes à pessoa do cónego: baixo, costas largas, com uma bengala muito grossa de castão, a fumar cigarro, homem de meia-idade, cara de alarve, com os beiços grandes, muitas bochechas, com uma barbelha vermelhaça, um feio diabo.

– Ai que estou perdida, se é o cónego! – tornou ela.

– Ó tola! – acudiu discretamente a S. Cucufate. – Se tu, que não estavas no cupé, te assustas, então que faria se lá estivesses?

– Isso é assim – obtemperou a outra –, tens razão. O cónego não fala comigo, e decerto não vinha procurar-me à carruagem.

E convieram em que fosse pessoa das suas relações que confundira a libré do cocheiro, porque os criados das duas baronesas trajavam da mesma cor, casacos alvadios, botas de canhão, chapéu preto e roseta branca. A nuvem desfez-se, como todas as nuvens quando sopra a brisa forte da felicidade.

A mesma brisa servia ao cónego Justino. Ele tinha saído à descoberta vendo que o escudeiro, futuro cobrador da mitra, não dava solução satisfatória. Dissera-lhe somente que sua ama ainda conservava a quinta do Carvalhido: que às quintas-feiras ia ela sozinha; e às quartas e sábados ia com a do Rabaçal; e, coisa de duas horas depois, entravam ambas. Sabia onde o cupé parava, ali por perto do mirante do Vanzeler; mas não podia averiguar mais nada, sem mover desconfiança, porque a sua ama já lhe não confiava segredos como antigamente.

O cónego escondera-se atrás de um cômodo das várzeas de Cedofeita; vira passar e parar o trem; vira saltar uma mulher, muito agasalhada em peliça e regalo branco, encapuzada; não distinguia qual fosse das duas; e entendeu com lógica indefectível que vendo ao perto a que ficara já sabia qual era a que saía. Isto não falhava. Foi o que ele fez. Depois seguiu em direitura à fachada da casa e foi sair ao Largo da Prelada. Viu um cavalo por mão de um garoto passeando ao sol. Coligiu que o cavalo devia pertencer aos personagens mudos do drama infando que corria no lendário prostíbulo do Carvalhido. Acolheu-se a um recanto e esperou. Era-lhe já notório o boato do barítono. Ele mesmo, do camarote dos Chamiços, onde também havia um cónego seu amigo, presenciara o derriço, e de vez em quando saía a fumar e dizia:

– Anda-me assim, Custodinha, anda-me assim! – Com efeito, uma hora depois, chegava o Bartolucci, cavalgava o cavalo alugado no Carneiro do Bonjardim, e partia às curvetas, com as esporas fitas, com um grande ar de alegria, muito glorioso.

A Felícia, sabido o caso, senhora do segredo da cunhada, teve momentos de índole generosa, uns abalos de compaixão do mano. Chegou a pedir ao cónego que não

dissesse nada ao mano; que o ia atormentar e matá-lo com paixão. E o cónego: que, pelo contrário, a maior prova de amizade que Felícia podia dar ao mano era avisá-lo – tirá-lhe de casa e fazer arruar aquela rameira de cómicos. Felícia com brandos rogos pôde alguns dias conter a explosão da vingança do Justino; mas um incidente violento abrasou o combustível daquele rancor inexorável. No *Pobres*, numa coluna de folhetim, apareceu uma chacota a um prebendado regenerador façanhudo que virara a batina por não ter consciência que pôr do carnoz; que o tal prebendado sem jus nem *tino* era tão virtuoso em tudo, tinha tanta sorte na Igreja e nas alcovas, que bem podia dizer-se dele o que o calão conimbricense se dizia dos jogadores felizes – que andava com *a felícia*. E que jogava tanto pelo seguro este Eurico chulo que as suas Hermengardas eram matronas abastadas, que pelos apelidos lembravam as heroínas das aventuras do Roberto *Macário*. Etc. Alusões duma nitidez de luz eléctrica, muito lidas e saboreadas no *Palheiro* e no Guichard.

O cónego pôde facilmente descobrir que os apontamentos enviados ao Joaquim Torcato os dera Eusébio Macário; e, vacilando entre moê-lo ou reduzi-lo a mais a filha a uma provável pobreza, preferiu a sova para segundo lugar um acto que requeria mais espaço e pachorra. Assim, sucedeu que, ao mesmo passo que em casa do Aguiar se forjava a vingança briosa do esposo traído, o cónego Justino escrevia um bilhete com a mão esquerda, encarregava o leal sineiro da Sé de o entregar ao barão, quando ele recolhesse a jantar.

Por volta das cinco da tarde, chegava o barão; a carruagem viera mais cedo, com recado à baronesa que jantassem, se ele não estivesse às quatro. Ele experimentara uns ímpetos indomáveis de escavar a mulher; parecia-lhe perigosa a situação da outra baronesa; talvez lhe batesse achando-as juntas; e, sem ter a certeza de qual das duas era a amante do barítono, uma cena de pancadaria geral poderia ser por mais de um motivo injusta. Por isso, preferia entrar em casa quando a S. Cucufate tivesse saído.

Perto da casa, recebeu a carta. O sineiro safou-se – que não tinha resposta. O barão cuidou que fosse alguma súplica de viúva de desembargador realista ou filha de general convencionado de Évora Monte que apontava à caridade notória de Sua Excelência a mansarda onde a fome e o frio atormentavam as vítimas inocentes da desgraça, filha das guerras civis. Entrou no pátio já alumiado, rasgou a obreia vermelha com arremesso do enfado e leu:

*Se o amigo barão quiser assistir a um dueto de barítono e prima-dona de fados e caninha verde da quinta do Araújo, no Carvalhido, vá até lá às quartas-feiras e aos sábados, entre a uma e duas da tarde; e leve o Eusébio Macário para dar esse alegrão ao pai de Custódia.*

Releu, amarfanhou e meteu na algibeira do sobretudo.

Quando subia a passo rápido, vacilante, numa cegueira de vertigem, risadas estrídulas ouviam-se, por entre trechos soltos do lundum da Figueira, tocado no piano.

Entrou, se súbito, alucinado, com os olhos muito assanhados, na sala. A baronesa de Cucufate estava reclinada na otomana, desapertada, com uma perna descoberta até à liga, às cavaleiras de um dos recostos laterais, em forma de triângulo. Fumava. A Custódia, no mocho do piano, um pouco de lado, tocava distraída com a mão direita, com uma perna cruzada sobre a coxa da outra a bamboar-se. Quando ambas, a um tempo, o viram assomar, correndo com estridor o reposteiro, houve um grito uníssono das duas. A de S. Cucufate recolhia a perna e o charuto, dois escândalos, ambos excelentes de cheiro e de feitio. A do Rabaçal erguera-se, estupefacta, tartamudeando, engasgada, idiota, sem prática nenhuma do mundo, uma lorpa, a vergonha das mulheres

em crise de finos pecados.

O barão fez dois largos passos, ponderosos, abafados no tapete, e disse em altos berros:

– Isto aqui é a viela da Neta?

A baronesa hóspeda erguera-se espavorida; a esposa, recuando com a mão apoiada no piano, disse:

– Que disparate é este?

– Prègunto às senhoras se minha casa é viela de merètrizes, hem? Si pàrece-lhe, mandem chàmbar gaios e batam fàdinhos, suas devassas!

–Sr. Barão – interrompeu a de S. Cucufate –, V. Ex.<sup>a</sup> perdeu o juízo ou está embriagado?

– Bébeda é você, sua bandalhona, quê mi perdeu a mulher. Você até tem no Cãrvãlhido alcouce por sua conta onde dá cama às amigas dos cómicos. Seu màrido há-de saber quê bêstinha é você, hem?, e ponha-se já em o olho da rua si não vai a pontapés a rèbolir atrás desta caipora.

Neste conflito entrou Eusébio Macário e perguntou que gritos eram aqueles.

– Não é gritos nem nada – respondeu o barão –, é que sua filha e mais você ponham-se fora di minha casa em continente; nada de paròleira. Rua! Rua!

Eusébio, aflito, lívido, perguntava a Custódia o que era aquilo. E ela com o rosto entre as mãos, prostrada numa *chaise-longue*, soluçante:

– Não sei, meu pai. Entrou nestes gritos pela sala dentro.

– O Sr. Barão queira fazer o favor de se explicar ... – suplicava Eusébio.

– Não tenho que expèlicar. Ponham-se fora, e ela lá que lhe expèlique. A sua filha tem casa no Cãrvãlhido e mais àquela amiga. Vão para lá convèrsar à vontade. Rua – E floreava a bengala.

– Mas, Sr. Barão – replicava Eusébio recobrando a integridade da sua razão apanhada numa surpresa perturbadora. – Mas...

– Mas quê?, quê qual? Dèsembuche

– Um marido não pode pôr assim de noite a sua esposa no meio da rua.

– Não pode, hem? Quer ver você?

E avançava com a bengala erguida para a consorte aterrada.

E ela, a fugir para o peitoril de uma sacada:

– Se me bater, grito aqui d’el-rei!

Eusébio abraçou-se nele, exclamando:

– Isso não são maneiras; Sr. Barão, isso não são maneiras!

E ele, a escabujar, furioso:

– Eu lhi bato si mi não larga, Seu Macário!

A baronesa já tinha abertas as portadas envidraçadas para gritar. Ouvia-se um rodar de carruagem num catrapós fidalgo. A de S. Cucufate reconheceu o estrépito da sua parelha. Saiu da sala para pôr o chapéu e as peliças que estavam na *toilette*. A baronesa foi atrás dela a pedir-lhe que a levasse consigo, que a levasse consigo, senão que ele a matava – que sabia tudo.

E a outra – que sim, que fugisse. E enquanto o barão, numa poltrona, arquejava, com uma rubidez apopléctica, articulando vozes insultadoras, desbragadas, contra as duas, a esposa abria as gavetinhas dum toucador, embolsava as jóias, colares, broches, pulseiras, arrecadas, anéis que faiscavam os seus brilhantes facetados. Depois, com o pescoço muito aconchegado numa platina preta, passou por entre as criadas, que choravam num grande terror, levava um lenço nos olhos, desceu ao pátio e entrou na carruagem.

Quando o trem largou, o barão ergueu-se de salto e perguntou se o trem que

rodava era o seu. Eusébio disse que era a carruagem da baronesa.

– E não levou ela?

– Minha filha também foi – respondeu Macário com aprumo, cruzando os braços, armando-se para discorrer. –Faz-me agora o obséquio de se explicar?

O barão explicou, verboso e às vezes eloquente, a perfídia de Custódia, mostrou a carta anónima que recebera confirmada pelas revelações do Araújo; que todos os seus amigos sabiam da sua desonra; só ele tinha tido a simplicidade de considerar honesta a mulher que fizera rica e baronesa, tendo ela nascido para se vender barata na sua aldeia. Esta era a essência da sua declamação, que Eusébio Macário ouviu silencioso, numa estrangulação em que era maior o terror da queda que o pungir da vergonha. O barão concluiu, declarando que a Custódia nada tinha de seu; que a sua fortuna estava hipotecada; que, se o José Macário lhe roubara quinze contos, a irmã não se havia de abotoar com quinze réis. Enfim, que no próximo paquete ia viajar; e, quanto a ele, Eusébio, que tratasse da sua vida, porque, desde o dia seguinte, não tinha casa que lhe oferecesse.

O Macário, enquanto o ouvia, pensava em recorrer aos juriconsultos, às leis, para obrigar o barão ao divórcio e à divisão dos bens, provando as alienações fraudulentas. Era tempo. Não hesitou em sair; mas prudentemente foi ao seu quarto, e levou umas acções bancárias, uns dois contos e tanto em papéis, dádivas do genro, e lucros de pequenos negócios de fundos. As suas roupas brancas e o mais de seu uso disse ao escudeiro que os mandaria buscar no dia seguinte.

Assim que Eusébio Macário saiu, o barão foi à *toilette* da mulher; e, como não achasse as jóias, exclamou: – Ah!, grande ladra!

Chamou a despenseira: que lhe servisse o jantar. Sentou-se em frente dos assados; queria comer, mas não podia engolir. Bebia grandes goles de vinho velho e mastigava compotas, que revessava no prato. Não podia encarar a cadeira onde a esposa se sentara. Um gato de Angora, muito estimado da baronesa, soltou-lhe ao colo, trepou-lhe pelo peito, e roçava a sua cara flácida pela dele. Teve então vontade de chorar. O gato, que nunca o festejara, parecia compadecido da sua desgraça. Noutra conjuntura, cuidaria simplesmente que o angora tinha fome. Levantou-se, quis entrar no seu quarto, e recuou quando viu o leito conjugal.

Mandou pôr a parelha e saiu para casa do comendador Aguiar. Fez o relatório dos sucessos, mostrou a carta anónima, acusou o roubo das jóias, que valiam doze contos fortes. Somou parcela por parcela com prodigiosa memória e uma grande correcção aritmética: doze contos e seiscentos e cinquenta mil-réis fortes – emendou. Como havia de apanhar as jóias? Aguiar despensou-o da tentativa inútil; que fizesse de conta que a dotara e lhe entregara o dote; que não lhe ia bem questionar uma ridicularia quando as suas dores eram de um tamanho tal que não podiam confundir-se com a ninharia de umas jóias. Recalcitrava, protestando que havia de reduzi-la à fome; o amigo disse-lhe que uma mulher bonita como a baronesa nunca tinha fome; e acrescentava: – Não lhe é airoso a você obrigá-la a vender-se para se sustentar. Lembre-se que ela há-de ser sempre a baronesa do Rabaçal.

Saiu descontente. Havia um homem que ele respeitava, que poucas vezes via, e lhe dera a secreta mágoa de nunca levar a esposa às suas *soirées* cantantes: era o Mota Prego. Quisera: convidá-lo para o conciliábulo daquele dia, mas contava com a recusa. Tinha-lhe ouvido dizer, com referência ao Trigueiros:

– Se minha mulher me traísse, eu só incomodaria os meus amigos para lhe assistirem ao enterro. – Procurou-o: estava a fazer paciências com dois baralhos; a Nazaré punha uns folhos de renda numa camisa de criança. Chamou-o de parte, muito

desvairado, e foi conduzido ao escritório. Mota Prego segredou à mulher: – Trigueiros nº2, queres ver? Estamos bem aviados. Vou aplicar-lhe a receita do Trigueiros nº1.

Referiu miudamente os casos; mostrou a carta anónima. j O Mota reparou na letra, muito atento, e disse:

– É singular! Quem escreveu esta carta escreveu também a que o Trigueiros recebeu! E mais singular ainda é que lá figura na carta do Trigueiros esta quinta do Carvalhido!

No decurso da história, por vezes, o Mota Prego esteve perdido com riso. A descrição frescal da baronesa de S. Cucufatei na otomana, a descompostura que levou, desde bêbada até dona de alcoice, a promessa dos pontapés, tudo isto lhe fazia negaças de originalidade cómica, e precisava de invocar o revés da medalha – a desgraça e a torpeza de tudo aquilo – para que a represa da hilaridade lhe não fizesse aneurismas.

Concluída a narração, perguntou-lhe em que poderia ser-lhe prestável no seu infortúnio. O barão respondeu, num grande desalento, que viera desabafar; que o remédio da sua desgraça era sair de Portugal para sempre, não tinha outro –que vinha despedir-se da sua madrinha de casamento, a Sr<sup>a</sup> D. Maria de Nazaré. E entrou a chorar, e soluçar, abraçado no Mota Prego. Desceu ao escritório D. Maria. Viu o barão a chorar. Compreendeu que o marido não se enganara. Contemplou-o silenciosa – não ousava interrogá-lo.

– O Sr. Barão vai viajar e quer despedir-se de ti, Maria. O nosso amigo dá-nos esta prova de estima.

O barão abraçou-a, balbuciou poucas palavras, e ia sair quando Nazaré disse ao marido:

– Ó Mota, acompanha o Sr. Barão a casa e faz-lhe companhia até tarde, que eu tenho que fazer até à meia-noite e espero-te com o chá.

O barão beijou-lhe a mão e saíram juntos.

## XV

Fernando Pais, barão de S. Cucufate, era um calvo, magro, de bigode branco, à beira dos sessenta anos, grande viajante, com distintas maneiras assimiladas no estrangeiro, na convivência dos diplomáticos. Casara-se à volta dos cinquenta anos com uma órfã, filha do seu guarda-livros no Pará, menina educada nas Salésias em Lisboa, para onde viera aos sete anos com o seu protector. Como a defunta mãe de Leontina houvesse sido muito formosa, dizia-se que a educanda era filha do barão, e naturalmente sua herdeira – trezentos contos seguros em moeda portuguesa.

Depois de uma longa viagem, o barão recolheu a Lisboa. Leontina perfizera dezoito anos, sofria relutante a violência do colégio, onde já não tinha que aprender, e principiava a ensinar uma corrupção que adquirira e outra que lhe ensinava a sua natureza forte, de uma masculinidade pletórica, brutal.

O barão de S. Cucufate estabeleceu residência em Lisboa e tirou das Salésias a educanda, que as mestras alegremente viram sair. No meio século daquele homem reflexivo, discreto e cavalheiroso, houve apenas um desatino: foi o casar-se com a sua pupila, sem paixão, sem os acicates picantes do sangue, oferecendo-lhe a mão de esposo e coração de pai. A baronesa definiu tanto à letra a sua nova situação que apenas concedia a seu marido a escassa e pouco lisonjeira consideração de filha. Com seis meses de noiva, era amante de um oficial de lanceiros, a quem dava o coração doidamente, e concederia a mão e fortuna logo que o barão adormecesse ali pelos Prazeres o sono dos inúteis.

Mas o barão, se não adormecia de vez, também se não gastava em vigílias doentias. Incutiram-lhe desconfianças da lealdade da esposa: mudou de terra. Ele experimentava resultados maravilhosos nos seus achaques de alma e de corpo, variando de clima; cuidava que as nevroses cupidíneas da esposa se calmariam no Porto, onde não havia lanceiros – a arma devastadora, fulminante, das lisboetas de raça. A mudança deu resultados sedativos de pouca dura. A cidade da Virgem não era, por esse tempo de fermentação, das mais dignas de tão imaculada padroeira. Se não havia oficiais de lanceiros cheios de galões, bandeirolas e feitiços, havia os leões de juba e luneta sem grau, os bacharéis formados vadios, os bardos sentimentais que uma vez por outra depunham a lira e içavam às janelas os ganchos da escada de corda.

A baronesa de S. Cucufate conheceu de tudo isso, um grande lote de paixões muito variado, sortido; mas o mais duradouro, o mais tenaz, foi o Polca, inventor da «chácara das brincadeiras» entre os arvoredos do Carvalhido, um major legionário da Junta Suprema, em 3ª secção, jogador ladino. O barão vivia muito recolhido no seu gabinete de leitura; lia os viajantes célebres e escrevia apontamentos das suas peregrinações na Palestina. Sessenta anos, amor a livros, dispepsia, mulher nova – uma desgraça, quatro desgraças.

Quando as duas baronesas apeavam, ainda pálidas, aterradas, entrava o barão de S. Cucufate no pátio do seu palacete em Vilar.

– A esta hora, Sr<sup>a</sup> Baronesa! Isto é extraordinário! – disse o velho palaciano.

– Venha ouvir o maior disparate que tem ouvido – respondeu a baronesa ao marido. – Venho espantada ... Há coisas que só vistas, Fernando!

Entraram no *boudoir* da baronesa. Os seios da Rabaçal arfavam como o papo da pomba quando arrulha, numa ansiada fadiga.

– Queres ouvir, Fernando? Acabámos de jantar sozinhas e fomos para a sala esperar o trem. Nisto entra o barão num despropósito furioso insultando a nossa amiga com injúrias de um perfeito lacaios; depois vai a querer bater-lhe com a bengala, acode o

pai da baronesa, e ela fugiu atrás de mim. Aqui tens o sucedido. Ó menina, teu marido tem tido ataques de doido?

– Não, que eu saiba, não.

– E beber? Sabes se ele bebe muito?

– Sim, ele às vezes bebe bastante.

– Então estava borracho – concluiu a Leontina.

– Que infausto sucesso! – observou o barão. – Conheço bastante seu marido, minha senhora, nestes dois anos das nossas relações, e nunca o vi ligeiramente toldado. Não seria antes alguma intriga de inimigo oculto?, alguma carta anónima como algumas que eu tenho recebido no Porto, onde esse mau costume é endémico? Seria bom averiguar. Talvez que o meu amigo Sr. Barão andasse precipitadamente. Eu poderia, com os ditames de experimentado e com o sangue-frio de amigo, colocar o Sr. Barão num ponto de vista mais desembaraçado das nuvens ilusórias que ocultam a verdade.

Falava sempre assim num estilo pausado, redondo, garrafal.

Leontina, de um lance de reflexão, compreendeu a inconveniência de se encontrarem os dois maridos em explicações. A Custódia também lhe dava de olho, expressando igual receio. Acharam-se um momento sozinhas quando tomavam chá. Comunicaram os seus recíprocos terrores, e a de Cucufate prometeu dissuadir o Fernando de falar ao barão. Era preciso a todo o transe evitar que entre os dois se tratasse de inquilinas associadas da «chácara das brincadeiras». Este é que era o osso. Leontina, a sós com o esposo, confidenciou-lhe que a

Custódia não estava inocente quanto era para desejar; que ela, casada sem amor e pelo engodo da fortuna, claudicara com desculpável fragilidade no meio de uma sociedade estragada; que o marido tivera uma denúncia e procedera com o rigor indigno dum homem polido. Ela esperava que ele se arrependesse do excesso e lhe perdoasse. Que não convinha por enquanto bulir na ferida que era agravá-la, por isso lhe pedia que esperasse os acontecimentos. O barão achou judiciosa a esposa, o alvitre excelente, e até natural o lapso da baronesa, dizia ele, num terreno cavado de abismos abertos pelo enxurro da desmoralização.

O escudeiro confidente do cónego, logo que pôde desembaraçar-se, foi a casa de Felícia, à hora em que era pontual a assistência do padre mais ou menos convizinho dos braços dela. Contou que a baronesa ficara em casa de seu amo, que a vira entrar aflita e vestida de modo que bem se via ter fugido como andava em casa. Não sabia mais nada.

– Não to disse eu? – perguntava o cónego com a sua vaidade de demolidor feliz –, não te disse eu, Felícia, que as duas bandoleiras faziam vasa? Ora, trata-se agora de pôr a Custódia à disposição do cómico. É a maneira de ela se ir juntar ao mano José Macário lá por esses remos fora. Isto vai bem.

Felícia pediu-lhe que os deixasse; que a Custódia estava bem castigada, e mais os Macários; que o seu pobre irmão devia estar muito apoquentado – muitas lágrimas generosas e boas. Quando ela esperava resposta, o cónego começava a ressonar espumando borbotões de saliva, no seu dormir sereno, como se tivesse exercitado numa exuberância de predestinado e de um ardente amor do próximo, as três virtudes cardeais e mais as outras. Felícia compôs-lhe a dobra do lençol, acendeu a lamparina, fez as suas orações sentada na cama, escorregou pelos lençóis tépidos e adormeceu.

O cónego saiu de madrugada, muito cauteloso contra o frio e contra a opinião pública – muito embuçado no seu capote azul abandado de veludo. Recolhido a sua casa na Rua Chã, mandou chamar o sineiro, e no entanto escreveu algumas linhas, que dobrou em carta, sobrescritou e entregou ao seu fiel mediano.

Quando o barão de S. Cucufate, também madrugador, descia do seu quarto para o gabinete de leitura, recebeu da mão do escudeiro estes «bons-dias» epistolares:

*Amigo barão!*

*Como tem em casa as duas baronesas, mande chamar o Polca e mais o Bartolucci, e escusa de pagar a renda da Quinta do Araújo, no Carvalhido. Economias, economias, amigo barão.*

Cartas anónimas, por via de regra, não o inquietavam. Tinha uma grande força de carácter metódico, um grande egoísmo do seu sossego, e ideias patológicas muito sensatas acerca da funesta influência da alma inquieta nas dispepsias. Desta vez, porém, semelhante revelação abalou-o. Esta alcunha de *Polca* não lhe era nova. Ele tinha lido aquele nome em outros avisos menos peremptórios. Quanto à *Quinta do Araújo* não percebia, e a ingerência do barítono na intriga também lhe era uma novidade. Precisava esclarecer-se; e o mais óbvio foco de luz nestas pesquisas pareceu-lhe que deveria ser o barão do Rabaçal. Vestiu-se à pressa e saiu.

O barão do Rabaçal e mais os criados emalavam a bagagem para sair, quando o outro se anunciou. Fecharam-se no escritório e conversaram largo tempo. O marido de Custódia expendeu o depoimento do Araújo quanto à sua inquilina da quinta do Carvalhido. Inundou-o de luz até ao excesso de lhe dizer o de S. Cucufate que estava satisfeito. Perguntou-lhe o de Rabaçal:

– E o amigo quê vai fazer agora?

– Eu lhe digo, Sr. Barão e meu prezado amigo. Como não sou marido da Sr<sup>a</sup> Baronesa do Rabaçal, vou delicadamente, e com muito pesar meu, dizer-lhe que me não convém a sua companhia; Sua Excelência seguirá o destino que lhe convier, e eu muito folgarei saber que seguiu o mais acertado. Quanto à outra, que tem o meu nome, procurarei defendê-la dos aliás justíssimos insultos da sociedade; e defendo-a porque vai nisso a defesa do meu nome. A lama que lhe atirarem à cara também me há-de salpicar a minha. Sairei amanhã com ela para Lisboa; e de lá para Paris, sem dizer a razão por que o faço – o que seria uma superfluidade banal. Parece que está espantado a ouvir-me, amigo e Sr. Barão!

– Sim, eu mi èspanto!

– Vou responder à sua admiração. Um homem rico que compra, com os efeitos legais do sétimo sacramento, o corpo, de uma senhora pobre, desconhece que esse corpo vendido tem um contrapeso venenoso que se chama o coração. Esse contrapeso é o que faz depois os desequilíbrios. Se a mulher vendidas ao luxo e às invejas sociais tem a rara virtude de devorar em si a peçonha do coração, o marido está salvo da desonra; porém, se ela é vulgar e sucumbe às tentações que as mesmas pompas, lhe facilitam, é o marido quem traga o amargor desse veneno que comprou como contrapeso. Minha mulher está no caso das segundas, das vulgares. Ela era pobre e tinha dezoito anos, eu era rico e tinha cinquenta. Propus-lhe a compra, vendeu-se: não pode resgatar-se; vingasse sem querer talvez vingar-se – é uma desgraçada. Não sei se a Sr<sup>a</sup> Baronesa do Rabaçal está nas mesmas condições. O Sr. Barão decerto não, porque é novo e forte; mas, quanto a Sua Excelência, lamento-a. Seja como for, se nesta triste conjuntura os meus serviços podem ser de utilidade para o Sr. Barão e de muita honra para mim, queira mandar-me.

O do Rabaçal, quando o excêntrico marido já ia longe, estava ainda num espasmo, a digerir como um ruminante aquelas ideias mentecaptas, idiotas; e orientado por um bom senso, o comum, concluiu, em paz e com a sua consciência e com a razão universal que o barão de S. Cucufate era um asno incomparável.

Entretanto, as duas baronesas estavam assustadas. Sabiam que às oito horas da manhã viera uma carta e o barão imediatamente saíra. Custódia conjecturou que era do

marido a carta; Leontina, menos receosa, muito familiarizada com o sistema do Fernando, esperançava a sua amiga; Custódia, de uma vez emergia das suas preocupações inquietadoras e disse: – Assim como assim, não me importa. Se sair de tua casa, vou-me embora com o Bartolucci. Adeus, regalar! Arrumou! E destino. – E fez uma pirueta. Era nos gestos, na palavra e no sangue a Custódia da botica – uma expansão incoercível, triunfal, da raça e da natureza.

O barão entrara serenamente e cumprimentara a sua hóspeda com a risonha cortesia usual.

## XVI

Araújo & Filhos, quando souberam que a baronesa do Rabaçal habitava a casa do Carvalhido e francamente recebia o cómico, à meia-noite e ao meio-dia, e passeava com ele, às escâncaras, nos pinheirais vizinhos, aconselharam-se no sentido de expulsá-la, dar uma satisfação ao Porto e purificar a sua casa infamada. O código protegia o escândalo. A mulher do brigadas tinha alugado até ao S. Miguel, e os sentimentos honrados de Araújo rebentavam temporões de mais, em Março’.

A estação lírica estava a terminar. O barítono tinha sofrido algumas pateadas demonstrativas da indignação de uma parte da plateia, não pelos defeitos da garganta – que ele cantava cada noite mais afinado – mas por outras causas sujeitas à alçada da moral das torrinhas e da inferior.

Dizia-se que ele deitara a perder duas famílias de primeira ordem; que o barão do Rabaçal fugira envergonhado para Vassouras; que o de S. Cucufate saíra para Paris em virtude de achar a esposa complicada – dizia o desembargador João Elias – nas lupercais gentílicas da Rabaçal no lupanar do Carvalhido. Por isso o pateavam e atiravam-lhe estalos, batatas e alguns patacos.

Eusébio Macário hospedara-se na *Estrela do Norte*. Já não frequentava a Assembleia Portuense. Mortificações, desgostos sérios, agravaram-lhe a hepatite crónica, os incómodos de rins, apertos, areias, sobrevieram. Sabia que a Custódia, quando a Leontina saiu, se aposentara no Carvalhido, e receava que lhe mandasse pedir alguma parte do seu mesquinho capital. Ele ignorava que a filha, na atrapalhação da fuga, se abotoara com as jóias. Meditava em retirar-se para Basto e ir viver na sua casa de Santiago. O boticário que lha tinha arrendado saíra com a farmácia porque não vendia nada, excepto algum óleo de mamona, emplastros de rã e pomada mercurial. Era da escola moderna; tinha muito remédio estrangeiro, e o cirurgião de Cavez, um velho raspalhista, antigo alveitar, desacreditara-o. Eusébio Macário sentira com isso um certo júbilo de orgulho científico.

Custódia encarregou o brigadas de procurar-lhe o pai. Escreveu-lhe, queria vê-lo antes de sair de Portugal e consultá-lo sobre a maneira de vender uma parte das suas jóias e despedir-se enfim. Ela sentia o que quer que fosse de saudade, de piedade filial.

Acusava-se de atirá-lo abaixo da importância que adquirira no Porto. Imaginava-o muito infeliz vendo a sua família, em tão pouco tempo, caída e esbandalhada, cada um para seu lado; Queria vê-lo, dizer-lhe um adeus eterno.

Eusébio ficou admirado quando leu o período a respeito das jóias, que valiam mais de doze contos, trinta e tantos mil cruzados – ele sabia o valor das jóias: vira pagar as mais preciosas em Lisboa. Com esta notícia e soros de leite melhorou do fígado e foi ao Carvalhido de cadeirinha. Quando chegou à porta às nove horas da manhã, sem ter convenientemente avisado, saía o barítono, e a Custódia vinha acompanhá-lo à porta, de penteador de rendas e tranças soltas, com as faces quentes do almoço e dos últimos beijos. O pai entrou pesado, melancólico, carrancudo.

– Podes limpar a mão à parede; fizeste-la boa, Custódia!

– Não me venha afligir, meu pai – interrompeu a baronesa, desabrida. – Agora, acabou-se, não há remédio, é pegar-lhe com um trapo quente. Com que então, o tal Sr. Barão safou-se com tudo?

O pai explicou as tratantadas que ele fizera com os amigos. Que fora consultar o Dr. Almeida e Brito, o Dr. Fiel e o Guimarães e não lhe achavam furo; que o aconselharam a não gastar vinte réis em papel selado; que o barão tinha a faca e o queijo. – Como pudera ela apanhar as jóias? – perguntou abrindo um sorriso

satisfatório, de aplauso. – Que fizera muito bem, porque os brilhantes valiam mais de doze contos, e ela com essa fortunazinha podia viver muito bem, sem mexer no capital. Que, se ela quisesse, entraria como sócia capitalista da fábrica de panos de Lordelo, dez contos podiam render vinte e cinco ou trinta por cento, três contos ao ano, e talvez mais, pondo-se ele à frente do negócio, e de outros bicos-de-obra que podiam dar muito cacau.

A Custódia deixou-o falar e disse secamente que estava resolvida a sair de Portugal, pôr o seu dinheiro a render lá por fora e viver com pouco onde a não conhecessem nem tivessem visto com carruagem e com as suas jóias; que no Porto não estava mais que oito dias; e, logo que realizasse a venda de alguns brilhantes, se ia embora.

– Então vais com o troca-tintas do comediante? – perguntou Eusébio Macário.

– Já se deixa ver. – E, numa grande irritação, repeliu a injúria feita ao Bartolucci; que era um conde; que o troca-tintas era o irmão de Felícia; que se arrependia já de ter mandado chamar o pai; que a deixasse, que não queria saber de desgraças; que tanto ele como o José cuidavam que ela era uma besta de carga, pronta para os servir nos seus interesses, e que não havia de ter coração para amar a quem quisesse. Que estava farta de aturar o Bento, de levar bofetões; que levasse o Diabo a riqueza; que parece que lhe tinham tirado dez arrobas das costas, que nunca fora tão feliz, e que não tinha inveja às mais pintadas.

– Valha-te o Diabo! – resmoneou Eusébio; e muito comovido: – Aqui está para que um pai cria uma filha!

E ela: – Então que quer? São destinos, nem mais nem ontem; mas, se eu lhe estou a dizer que sou feliz, que tem vossemecê com isso? Quando me vir queixar, fará esses engranzéus. E boa!

– Mas podias viver honradamente, empregares o teu dinheiro com juízo, e pode ser que o barão, passados alguns meses, volte para ti.

– O quê? Má peste o lamba. Eu quero cá mais contratos nenhuns com tal ladrão! Casa comigo, faz-me baronesa, muito luxo, muita farófia, e por fim, se eu não tenho habilidade de meter as jóias na algibeira, ficava para aí, eu sei cá?, ia ganhar a vida por casa dos abades, como a Felícia e a Troncha, hem?

– Afinal, estás perdida – concluiu Eusébio.

– Alguém me há-de achar, não se apoquente – refutou a filha, rufando com as unhas nas vidraças e olhando automaticamente para dois cevados que se afocinhavam, mordiam nas calugas e davam guinchos. Os galegos da cadeirinha, sentados num cômodo, apedrejavam os porcos, coçavam as pernas nuas e davam cascalhadas. Nas franças já desabotoadas as acácias e cilindras, passarinhos volitavam à procura das conhecias ramarias dos seus ninhos. Eusébio sorvia pitadas com uma sofreguidão muito sibilada nas fossas nasais obstruídas. A mulher do brigadas abria a porta do pomar e metia no casebre da lenha o cirurgião Cruz. Um gato amarelo, muito magro, escorraçado pelos galegos, passava a fugir arrepiado com a cauda no ar, muito esfolada. Esta visão pôs uma saudade no coração de Custódia; voltou-se de repente para o pai e perguntou:

– É verdade, que fim levaria o meu gato branco? – Eusébio, sacudindo os grânulos do tabaco da lapela: – Eu sei lá que fim levou o gato branco! Levou-o o Diabo como a tudo mais! Enfim – e ergueu-se –, adeus, Custódia. Eu volto para Basto...

Ia dizer algumas coisa tocante, a voz tinha as vibrações soluçadas do adeus derradeiro, quando Custódia viu chegar do lado da Prelada uma cadeirinha, e exclamou:

– Ai!, a Nazaré!... e eu de penteador!...

Saiu a recebê-la no patamar com um certo acanhamento, envergonhada, afrontada

pela mulher honesta, a sua madrinha de casamento, que tantas vezes lhe dissera que a resignação era a felicidade. Eusébio Macário estava a enxugar os olhos e punha-os muito lastimados na Maria de Nazaré, como a suplicar-lhe que salvasse sua filha. Pensava, se o ensejo viesse de molde, em propor de novo a Custódia, com aplauso da outra discreta senhora, o negócio da fábrica de Lordelo, os dez contos com trinta por cento seguros.

A Nazaré, enternecida pelos gestos lastimosos do velho Macário e pela especial natureza da sua triste mensagem, principiou chorando. A Custódia não podia airoosamente esquivar-se ao seu quinhão de lágrimas naquela cena. Compungiu-se a seco; tapava os olhos rebeldes com os punhos do penteador.

– Que infelicidade, Sr<sup>a</sup> Baronesa, que infelicidade! – disse D. Maria.

– Então que quer, minha senhora? – disse a outra com os olhos no regaço. – São destinos

– Não há destinos, Sr<sup>a</sup> Baronesa; o que há são ilusões, enganos, sonhos de felicidade que o mundo não tem. Enfim, não venho mortificá-la com reflexões tardias quanto ao passado; venho pedir-lhe que me ajude a remediar o futuro.

– É isso, é isso, Sr<sup>a</sup> D. Maria – concordou Eusébio, batendo com três dedos na tampa da caixa de rapé –, é o que eu já lhe disse.

– O Sr. Barão – prosseguiu D. Maria –, quando meu marido se foi despedir dele a bordo, disse-lhe que, a bem da Sr<sup>a</sup> Baronesa, o autorizava a fazer o que quisesse, de modo que a sua dignidade ficasse salva. Parece-me que entrando a senhora num convento

– Convento! Credo! Nem de rastos, minha senhora, nem de rastos; escusam de se cansar. Eu antes queria esganar-me se não tivesse outro remédio. Por estes oito dias vou sair de Portugal, estou resolvida.

– Mas, se não pode ou não quer entrar num convento, aceite a minha casa, minha franca amizade, até ver o que seu marido resolve: ele está ainda em Lisboa, e só parte para o Brasil no paquete de Maio. Escreve-se-lhe

– Muito agradecida, minha senhora. Tanto se me dá que ele esteja como que parta. Eu é que vou, e cá lhe deixo tudo; levo as minhas jóias; faço de conta que mas deu um brasileiro com quem estive amigada três anos; ainda assim foi preciso pagar-me pelas minhas mãos como ás moleiros, senão ficava com o vestido do corpo e mais nada. Pôs-me fora de casa com uma bengala, o carreiro! Se cá estivesse meu mano José, quebrava-lhe os ossos. – Berrava, muito inflamada, de pé, pondo às vezes a mão na cintura, conchegando o penteador para o peito quando os gestos largos a descompunham. A Nazaré parecia assombrada, com uma cara de medo, e olhara para aquela mulher, que proferira uma expressão que ela ouvira uma só vez a uma regateira no pátio do Mosteiro de S. Bento. «Amigada» tinha dito a irmã do Fístula. Ai!, que punhalada sofreria a candura daquela incauta senhora, se lesse este livro e outros que naquele tempo as regateiras iam compondo em frases soltas pelo pátio de S. Bento e ali nas barracas da Ribeira!

Toda a piedade de Maria de Nazaré retraiu-se emudeceu. Parecia corrida, envergonhada da sua situação em frente da mulher do penteador, das tranças soltas, saias curtas e sapatos brancos de laço, ejaculando vocábulos piorados pela violência dos gestos. Lembrava-se da outra desgraçada, da Pascoela Trigueiros, que, na sua presença, em circunstâncias análogas, se tornara, pela humildade, tão digna de compaixão.

Ergueu-se, recuando para a porta, com um encolhimento medroso, e disse:

– Sinto vir afligi-la, Sr<sup>a</sup> Baronesa. Cuidei que poderia ser-lhe prestável.

O Macário abriu a porta, ela entrou apressada na cadeirinha; e a Custódia, muito agitada, a passear, esfregando as mãos: – Vinha cá a santinha de pau carunchoso cantar-

me lérias! Anda, que levaste para o teu tabaco! Convento! Toma, que te dou eu! Ela, como foi criada de freira, anda a oferecer a espiga do convento a toda a gente. Para cá vem de carrinho! O mano José dizia-me que foi ela quem meteu o Pascoela em Santa Clara, naquele inferno. Que trate da sua vida, e que não ande feita irmã de caridade pelas casas a converter pecadoras. Valha-te uma figa, impostorona!

Eusébio concordava com a filha – que sim, nada de convento, enterrar-se viva, quando tinha muito que comer cá fora na sua liberdade; mas que a ida para fora do reino com o cantador era a vergonha das vergonhas; que se deixasse estar no Porto, a viver dos seus rendimentos, bem administrados. Que não perdesse de vista o negócio da fábrica de Lordelo.

– E ele a dar-lhe e a burra a fugir! – disse a Custódia, dando aos ombros. – Já lhe disse que me vou embora, que não quero saber se fábricas. Que birra! Queria vossemecê que eu fizesse triste figura no Porto? É o que essa gente espera – essa canalha que tem pateado o Bartolucci porque eu não dei cavaco a nenhum desses pelintras e o dei a ele! Dessa não se hão-de eles gabar. Ele é que é o meu marido, o homem do meu coração. Se casei com o outro, foi o pai e mais o José que me levaram a isso para fazerem figura; mas quem amolou as palanganas fui eu, foi a desgraçada que levava as bofetadas, e afinal, casando muito rica, não tinha nada de seu. Arre com os tais brasileiros, que fazem às mulheres o que fizeram às chinelas e aos barretes que levaram para o Brasil! Corja!

## XVII

A baronesa do Rabaçal saiu para Itália com o barítono e outras partes cantantes. Viram-na embarcar alegre, elegante, desenvolta e formosa, pelo braço do italiano, soberbo da conquista que fizera nos domínios destes barões assinalados da ocidental praia. A porta da Alfândega, no cais do embarque, estava um homem que ria como o Mefistófeles quando entregava a Margarida ao fausto: era o cónego Justino. Ela, que nunca mais o vira desde que saíra para Lisboa, reconheceu-o naquele rir zombeteiro, injurioso; mas não o imaginou a alavanca inflexível de tamanho desabamento.

Eusébio Macário teve um novo ataque benigno de fígado, restabeleceu-se, liquidou as suas acções bancárias e achou-se com um capital de dois contos e oitocentos mil-réis. Fez planos, cálculos, operações matemáticas, e achou que em Cabeceiras de Basto, onde formigavam morgados em via de ruína, poderia obter vinte e cinco a trinta por cento pelo seu dinheiro. Além disso, tinha uns torrões arrendados que lhe davam quatro carros de milho e vinho para casa, afora feijões e batatas. «Não é muito», pensava ele, «mas um filósofo com pouco se arranja.» Ele estava filósofo.

Por esse tempo morrera em Massarelos um boticário muito antigo, o Gaudêncio, que tivera fama como autor de uma *conserva* para doenças secretas, que ele plagiara de uma *Farmacopeia Lusitana* impressa de um frade crúzio antigo. Os herdeiros anunciavam que vendiam a botica com todos os seus acessórios. Ninguém falara ao anúncio. Os farmacêuticos do Porto não a queriam pelo carro, diziam. Eusébio vira o anúncio, tinha conhecido em uso próprio a *conserva* do Gaudêncio, e o abade também se dera bem com ela, posto que o Viegas tratasse de burro o boticário de Massarelos. Não lhe pareceu absurdo nem indecente descer das aspirações de camarista portuense à sua antiga tranquilidade de boticário sertanejo.

Foi examinar a botica. Riam-se-lhe os olhos quando encontrou num garrafão a *água magistral* para dor de pedra, que se faz com trinta e seis limões galegos, folhas de rábãos, e outros ingredientes; a *água para a sarna*, feita de tanchagem e solimão; *leite virginal*, composto de litargírio subtil e vinagre branco; a *conserva magistral para tísicos*, feita de carne de cágados, aljôfar preto e peito de galinha. Lá estava a *triaga de esmeraldas*, antídoto de todos os venenos; *sangue de drago*, que ele nunca tinha visto, e costumava dizer, quando era casado, que havia de sangrar a mulher, a Rosa Canelas, para se fornecer de *sangue de dragão*. Em unguentos, uma riqueza. Havia o *unguento mundificativo de nervos*, que serve para limpar os nervos sujos – uma coisa muito simples feita de mel, de terebintina e favas; o da sarna, o das lombrigas, os três unguentos desopilativos do estômago, do baço e do fígado; à *unguento de fezes de ouro*, muito caro e de grande efeito em infecções adversas ao nariz e à moral. Grande variedade de unturas e trociscos, a começar pelo de *Alipta muscata de Nicolas* e a terminar nos *sublinguais para tísicos*, composto de beldroegas e sementes de marmelos. Achou o *pepino de S. Gregório*, o *Cucumer asininus* de Galeno, uma raridade de que ele duvidava por falta de exemplares do tal pepino. Quanto a pílulas, uma profusão incomparável. De pós, tudo quanto há de melhor: – *pós de João de Vigo*, os do *papa Benedito*, óptimos para flatos, feitos de coentros; uns que corroboram o ventre, outros que secam a sarna; nem lhe faltavam os *pós para estofar barretes*, feitos de macela e cubebas, infalíveis para moléstias de cabeça. Pelo que respeita a óleos, todo o encarecimento seria curto; uma opulência de nababo farmacêutico. O *óleo de marmelos*, de *alcaparras* e de *alacraus*, achavam-se num estado de conservação invejável, superior a todo o elogio, o de *rãs* e de *raposa*, um pouco avelhentados. Eusébio cheirava-os e apalpava-os com dedo científico. Convinha-lhe, óptimo negócio, mas desfazia em tudo

– *que* só tinha a aproveitar as garrafas, que já ninguém usava daquelas moxinifadas revelhas. Tão finamente se houve, que levou por duzentos mil-réis a botica, incluindo um S. Miguel com as balanças, encarnado de novo, com uns olhos escarlates, tão inflamados que pareciam pedir unguentos.

Saiu para Cabeceiras de Basto Eusébio Macário com a botica em três carros de bois. Fez-se um grande espanto quando o viram assistir à descarga dos caixotes. Brasileiros concorreram à porta da botica cheios de ironias e ódios sediços. Perguntavam-lhe pela Ex.ma Baronesa, pelo Ex.mo Genro, pelo ilustre cavalheiro José Macário e por D. Felícia. Como ia o cónego Justino?, que fazia o pândego?, se era certo estar eleito bispo *in partibus*?, perguntava o bacharel a quem a Custódia devolvera a poesia a embrulhar banha do cabelo. Macário começou a afinar com a troça e a fechar-se em casa, muito arreliado, com um grande arrependimento de voltar àquela cafraria. De noite, garotos assalariados iam bater-lhe à porta: – Dá cá a Custódia, 6 Macário; dá cá o Fístula; dá cá uma onça de jalapa e a baronesa do Rabaçal!

Sentia-se seriamente doente; e uma velha criada que levava do Porto, assim que se viu naquele banzé e a não deixavam dormir de noite os pagodistas, despediu-se com medo de endoidecer. Eusébio ficou sozinho. Lembrou-lhe a Troncha. Onde estaria a Troncha? Informaram-no de que ela vivera com o encomendado, o padre João da Eira; mas, quando veio abade novo com criada nova, a Eufémia fora para a sua casa, dali um quarto de légua, onde estava vivendo muito bem da costura e dos juros do seu conto e quinhentos.

Mandou-a chamar. Humilhado pelas afrontas dos seus patrícios, contou-lhe ingenuamente as desgraças da sua família, o seu isolamento, a doença, muito quebrantada de coragem para lutar com a perseguição. Pediu-lhe enternecidamente que viesse para a sua companhia, que lhe administrasse a sua casa e a sua fortuna. Mostrou-lhe o seu dinheiro, seis mil cruzados, que queria empregar a juros, sendo ela a directora desse negócio. A Eufémia animou-o, que sim, que viria para a sua companhia; que não se lembrasse mais da família – uma canalha brava; e tratou logo de matar um frango para lhe fazer um caldo, foi ao Arco comprar géneros, vitualhas, espécies, e encheu aquela casa triste da sua actividade, de bons cheiros culinários, da sua alegria, abstendo-se da prodigalidade trivial dos seus carinhos, funestos às enfermidades viscerais. A hepatite do boticário, não obstante, prolongou-se com os desregramentos da boca. Entretanto a Eufémia era procurada todos os dias por gente limpa, filhos segundos que empenhavam os relógios, morgados que traziam anéis de diamantes das esposas, contratadores de gado que assinavam escritos de dívida, funcionários que descontavam os ordenados, lavradores executados pela fazenda, jornaleiros que empenhavam o seu fato domingueiro e padres que jogavam nas feiras. A banqueira de Eusébio convencera-o de que dentro de dois anos lhe havia de dobrar o dinheiro, ou ela não era a Eufémia. E ajuntava: – Eles dizem que eu tenho quinze contos; mas, aqui que ninguém nos ouve, tenho mais de trinta e cinco e Deus sabe o que eu teria, se o ladrão do Crispim me não comesse quatrocentos mil-réis. – Ela difamava o insolúvel Crispim, sempre que podia, com indelével rancor.

Fez-lhe muito boa companhia. Enquanto ele teve febres nocturnas, pôs o enxergão no tabuado, dormiu no seu quarto para o cobrir, enxugar-lhe os suores e dar-lhe as beberagens tépidas. Depois, quando a convalescença corria regular, retirou a cama, castamente, e tinha toda a cautela em não espertar pensamentos inconvenientes à higiene e restauração sanitária do fígado e rins. Eusébio Macário admirava-lhe a cordura honesta, e reformação de costumes.

Nos projectos velhacos de Eufémia insinuara-se um pensamento digno,

restaurador da sua ruim fama, quando um qualquer patusco lhe disse um dia: – Olha se ele casa contigo para acabares com essa má vida. – Pode ser sem ser milagre – disse ela muito dengosa; e começou a martelar dia e noite nessa ideia. Ele era velho e doente, passava de sessenta bons, tinha seis mil cruzados ao ganho, em bons soberanos; dentro de dois anos, ou três o mais tardar, dobrava os pés com a cabeça. Se os filhos dele viessem a herdar, metade sempre seria da sua viúva. E demais a mais, casada era outra coisa; outro respeito, sempre era madrasta de uma baronesa; talvez lhe dessem *dom*; e metia muitas figas pelos olhos à gentalha de Cabeceiras de Basto. Mas um medo judicioso atravessava-lhe os cálculos – uma desconfiança fisiológica: seria ele invulnerável às flechas de Cupido? A idade pô-lo-ia na linha célebre castidade do teólogo Orígenes e do sábio Newton? Ela formulava estes quesitos em termos mais correntios, sem lardo de história nem de mitos. E fazia experiências cautelosas, delicadas, um tanto infelizes. Eusébio parecia refractário, mau condutor das descargas eléctricas, como o rato molhado de Franclim; não sentia o fluido das duas botelhas de Leide, os peitos altos da Troncha, uma bateria, assentada nas rijas barbas de baleia do colete. Os seus olhos não se pasciam muito tempo naquelas uberidades de carnes moles, flutuantes e tosadas, como montados maninhos. Se alguma vez a lembrança de uma engomadeira do Carregal, sua paixão única no Porto, se associava às saudades do *Palheiro* e às decepções do Município, ele demorava algum tanto a vista suspeita nas ilhargas redondas da Eufémia, mas esfriava-se com reflexões sedativas sobre a sua moral, e o seu fígado e os seus rins. Estas lutas íntimas dos dois *eus* eram raras e passageiras. Ela desviava-se com uma dissimulação pouco menos de virginal quando lhe pescava no quebrado da vista, nos gestos lânguidos, uns tons de volúpia meiga, a pedir ternuras, abraços, desvarios serôdios. Estas ligeiras demonstrações, com o andar do tempo e com as resistências delicadas, com a grande intimidade e com o regresso da perfeita saúde, tornaram-se mais despóticas e por vezes impetuosas. Sentados à lareira nas noites grandes, no mesmo escabelo, tinham umas reclinções casuais, uns contactos em que ele parecia esquecido da postura da mão no quadril da Eufémia, e ela com a perna de muito bojo em cima da trempe do fogão também se descuidava da usual decência; mas, de repente, dava um ai de pejo, recolhia a perna, e com um garboso derrengue de cinta esquivava a anca à pressão dos dedos distraídos de Macário.

Assim que ela julgou maduro o seu projecto, começou a dizer de vez em quando que precisava descansar, cuidar de si, meter-se na sua casinha e cuidar da sua alma, que já era tempo. Eusébio, consternado com esta ameaça ao seu desamparado futuro, pedia-lhe que tomasse criada e não trabalhasse; que tinham muito de que viver, graças ao Céu; o capital dele crescia a olhos vistos, que o não deixasse; quanto à sua alma, tanto podia tratar dela em sua casa como na casa dele. Eufémia insistia: que tinha quarenta anos e desejava passar o resto da vida com honra; que assim é que ela entendia tratar da sua alma –que lá para beatices não tinha embocadura. E contava-lhe que o João da Levada, um lavrador remediado e viúvo, a perseguia para casar; mas que ela fugia com o quer que fosse à seringa porque ele devia um conto e duzentos e era pelo dinheiro que a queria. Esta revelação fermentou no espírito de Eusébio a suspeita de que Eufémia gizara o plano de casar com ele.

O boticário não era mais severo com a sua honra do que tinha sido com a do filho. Os cálculos da sucessora de Felícia na abadia não o indignaram; pelo contrário, sentiu-se lisonjeado na sua individualidade física, que uma mulher ainda fresca, com o necessário para viver abastadamente, a fim de se fazer honesta, o quisesse para marido. Ela continuava a suspirar pela vidinha honrada e lamentava-se, praguejava contra a choldra dos brasileiros que andavam a espalhar que ela era amante do boticário, e só Deus sabia que nunca lhe passara pela cabeça tal ideia.

– Vossemecê bem sabe que não – fez ela quase a chorar.

– Pois, Eufémia – disse Macário, lançando-lhe os braços às almofadas frescas das espáduas –, podes dizer a esses patifes que não és minha amante, mas sim que és brevemente minha esposa, e que hás-de sê-lo logo que se leiam os banhos.

– Ó idolatrado! – exclamou ela; e, dando-lhe nos beijos hilariantes muitos beijos sorvidos: – Ó idolatrado!

O cónego Justino, quando soube que Eusébio Macário tinha casado com a Eufémia Troncha, disse ao cónego Veloso:

– Estes Macários eram cruéis! Vem o filho e casa-se-me com uma, vem o pai e casa-se-me com a outra! Uma guerra implacável! Seja tudo pelo divino amor de Deus!

# HISTÓRIA

## RAÇAS FINAS

### 1

#### *PENA DE TALIÃO*

(SÉCULO XVIII)

#### *ADVERTÊNCIA*

Este opúsculo das «Raças finas» quer significar que ontem foi pior que hoje e que, se vamos ao arrepio na corrente dos dias, cada vez encontramos o género humano pior.

É uma quase puerilidade atestar o progresso moral; mas convém que o lugar-comum se repita, a ver se acabam de nos pregar que os avanços das ciências positivas, das indústrias e das expansões da matéria vieram desacompanhados do sentido da justiça.

Nada de dissertações banais. Tão frívolo é hoje em dia o declamador da necessidade da moral religiosa acrisolada e predominante como o exclusivista das ciências práticas, utilitárias, bastantes às necessidades imediatas. A justiça tem vindo ao de cima das tormentas de indefinidos séculos. Mostrou-se em todos os martírios da ideia. Estava na cicuta de Sócrates, no banho suicida de Séneca, outra vez no fel de Jesus Nazareno, e mil vezes se revelou nos milagres de mártires, uns ilustres, outros obscuros. Foi a transformadora do mundo moral, a pomba esvoaçada por sobre todos os dilúvios, a Justiça. Ela é o Espírito Santo da Trindade divina; é o Verbo que falou no Sinai, nos jardins de Academo, no lago Tiberiade, no Areópago e na consciência de Proudhon. Ela, a imortal, vem rompendo as trevas e preluzindo, desde que à sua luz somente podemos explicar a palavra «Providência».

## I

*PENA DE TALIAO*<sup>3</sup>

D. Fernando de la Cueva veio de Jean militar nas guarnições de Portugal quando aqui dominava Filipe III de Castela. Inculcara-se parente próximo dos la Cuevas, condes de Santo Estêvão del Puerto, descendentes do celebrado marquês de Santa Cruz, que exterminara nos Açores as esperanças do prior do Crato atidas à esquadra do almirante Strozzi. Prezava-se de primo dos duques de Albuquerque e marqueses de Flores de Ávila, o melhor sangue das Espanhas. Ia até D. Beltran de la Cueva, suposto pai da «excelente senhora». Casou com uma portuguesa ilustre, D. Apolónia Coutinho, filha de Luís Atouguia, de Torres Novas, neta materna de Fernão Martins de Sousa, senhor de Baião, representante de Martim Lourenço da Cunha, senhor de Pombeiro e descendente de Leonor Ides. Estes Sousas de Baião, que também eram *Chichorros*, remontavam a sua origem realenga, por bastardia, a um ciclo de gerações hipotéticas!, e o espanhol, que se dotara com os seus predicados fidalgos, era ainda mais fantasista que os avós da sua mulher, como depois se verá.

D. Fernando de la Cueva, em 1640, governava a fortaleza de S. Gião, na barra de Lisboa. Na arte de guerra daquele tempo, esta fortificação era reputada pouco menos de inexpugnável; «uma das mais valentes da Europa» lhe chamou o historiador do *Portugal Restaurado*. Sessenta anos antes, o duque de Alba preferira comprá-la ao governador português Tristão Vaz; os aclamadores de D. João de Bragança em 1640 antes quizeram, igualmente sensatos, mercenciá-la ao governador castelhano. No dia 12 de Dezembro ainda a bandeira espanhola tremulava no torreão da fortaleza. O mestre de campo, Francisco de Sousa, com insuficiente força, levantara um reduto num outeiro próximo que dominava, como padrao, a fortaleza, de onde a varejava inutilizando os pelouros com quatro pequenos canhões. O governador tinha seiscentos soldados, munições para muitos meses e vasto arsenal bem sortido. Além disso, despachara aviso ao duque de Maqueda, general da armada espanhola, pedindo socorro. Devia estar tranquilo e olhar com desdém as ordenanças do improvisado mestre de campo, que «*com menos ciência, diz o conde da Ericeira, principiara um infrutuoso aproche*». D. João IV sabia o caso de Tristão Vaz da Veiga, não se desdourava abrindo o tesouro das

<sup>3</sup> Livros e manuscritos consultados e subsidiários para a formação deste quadro histórico:

*Genealogias* manuscritas de Montarroio, Cabedo, Moniz Castelo Branco, Manuel de Sousa da Silva e outros.

*História de Portugal Restaurado*, pelo conde da Ericeira, t. I, pp. 110 e 111, edição de 1679.

*História da Feliz Aclamação do Senhor Rei D. João IV*, por Roque Ferreira Lobo, p. 206.

*Oeuvres mêlées: ou Discours historiques, politiques, moraux, littéraires et critiques... sous le titre d'Amusement periodique par le chevalier d'Oliveyra*, Londres, 1751, t. II, pp. 147 e segs.

*História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, t. XI, p. 569, e t. XII, parte 2ª, pp. 1071 e segs.

*Papéis vários, Obras Discretas, etc., Oferecidas ao Trabalho e Curiosidade de Quem Diligente os Trasladou*. Lisboa Ocidental. Na Oficina da Ociosidade, com todas as licenças necessárias do bom gosto. Na era de 1773, 4º manuscrito. *Cópia Duma Carta Que Escreveu Um Amigo a Outro para a Índia em 1704*.

*Sexta Parte da História Pontifical*, por D. Juan Baños de Velasco. Madrid, 1678, p. 222.

*Tesouro da Nobreza de Portugal*, por Fr. Manuel de Santo António, reformador do cartório da nobreza em 1745. Manuscrito.

*Mémoires completes et authentiques du duc de Saint-Simon*, Paris, 1865, t. VI, pp. 440 e segs.

*Corografia Portuguesa*, do P.º A. C. da Costa, t. II, cap. XIII.

*Description de la ville de Lisbonne, etc. A Paris*, 1730, p. 76.

*Quadro Elementar das Relações Políticas e Diplomáticas de Portugal com as Diversas Potências do Mundo*, pelo visconde de Santarém, t. IV (2ª parte) e XVIII.

mercês com economia de vidas e mais certeza no bom êxito. A bravura não era decerto a vocação do rei; e, se Maqueda reforçasse a guarnição, as eventualidades seriam mais arriscadas. Alvitrou, portanto, ou aceitou o alvitre de corromper o governador.

Estava preso em S. Gião D. Fernando Mascarenhas por ordem de Filipe IV, privado do título de conde da Torre e de outras mercês que lhe fizeram quando em 1638 saíra a restaurar Pernambuco, comandando a esquadra que os Holandeses e as tempestades derrotaram. Era castigado pela infelicidade, pela ignorância ou pela cobardia. Matias de Albuquerque expiava a mesma culpa no Castelo de S. Jorge.

O conde, se conseguisse convencer o governador da invalidade da defesa, visto que todo o reino aclamara rei português, teria feito ao novo monarca um serviço de grande valia. Mandou sondar o espanhol por um Frei Ambrósio da Conceição da Ordem da Arrábida. O frade não gastaria o melhor da sua eloquência, podendo liberalizar a do erário. Entraram em ajustes de dignidade; trocaram-se recados entre o conde da Torre e o monarca e fechou-se o negócio em poucas horas. D. Fernando de la Cueva tinha afeição à terra de sua esposa, era já velho, com filhos e achaques, queria descansar, enfim. Justou-se por um hábito de Cristo, uma boa quinta confiscada nos bens do português filipista Diogo Soares e a comenda do Pinheiro em três vidas que rendia mil e quinhentos cruzados. Vendera-se muito mais em conta que o seu antecessor Tristão Vaz. Bom negócio fez D. João IV.

Um historiador castelhano, Bafos de Velasco, referindo-se à perfídia do governador, trata de ressalvar a honra espanhola, dando como português o traidor a quem chama *D. José de Meneses*. A história padece; mas o amor pátrio castelhano exulta com a desnaturalização do desleal tenente la Cueva. O mesmo Velasco escreve que *los mismos, que compraron, hizieron justo desprecio del traydor que tan vilmente havia entregado Praça que por armas no se podia ganhar*. Ericeira diz que a resolução do governador foi *mais útil que briosa*. Com certeza, porém, na descendência do traidor, não transluzem os desprezos que Velasco inculca. D. João IV deu-lhe brasão de armas: em campo de ouro dois bastões sanguíneos com uma lapa no contra-chefe da sua cor de que surge uma serpe de verde, orla vermelha, carregada de oito aspas de ouro; timbre de serpe do escudo, nascente, armada de vermelho. Assim se pinta no *Livro de Rei de Armas*. O alvará de mercê diz que la Cueva é da primeira fidalguia de Castela.

Seu filho, D. Juan de la Cueva e Mendoza, comendador do Pinheiro, casou com D. Luísa Maria de Brito, filha de Salvador de Brito Pereira, comendador de Monforte, alcaide-mor de Alter do Chão e governador do Rio de Janeiro, desde o principio de 1649 até 20 de Junho de 1651, data da sua morte. Esta senhora, por falecimento do seu irmão Fernão Pereira de Brito, sucedeu na grande casa de seu pai. É, pois, evidente que o filho do traidor não deixou de encontrar esposa nobre e rica numa sociedade em que as perfídias políticas eram exemplificadas por personagens do padrão do marquês de Vila Real, do conde de Armamar, do arcebispo de Braga e do duque de Caminha.

Deste consórcio surdiram o primogénito D. Francisco de la Cueva e Mendoza, terceiro comendador do Pinheiro, alcaide-mor de Alter, coronel de infantaria; mais um D. João, capitão de infantaria, um frade bernardo, outro tomarista, uma freira em Santarém, e D. Maria de Brito, que casou com João Rebelo de Vasconcelos, do Trocival. Este casamento deu azo a que se divulgassem no reino as ignominias genealógicas dos la Cuevas. O Santo Ofício fizera inquirições em Jean, visto que João Rebelo era seu familiar. Devassou-se que o governador vendido de S. Gião era filho de Martim Peres Mergulhon, músico ordinário do partido da Sé e mestre de solfa de D. Catarina de la Cueva, com quem casara depois que se provou que a discípula de solfa solfejara com o mestre as sabidas músicas de Heloisa. Os pais da menina, que incluía em si o menino Fernando, eram ilustres. D. Juan Cobo de la Cueva era um dos vinte e

quatro de Jean e sua prima e mulher vinha da prosápia *de los Rincones* – está dito tudo – , dos Rincones! Pois, não obstante, consentiram no casamento com o músico, que, volvidos anos, enviuvou e fez-se clérigo. Tudo isto, contado e comentado na corte, não obstou que o neto de Mergulhon, cantor da Sé e professor devasso, casasse em Olivença com D. Catarina Josefa Botelho, filha herdeira de um Méxia, fidalgo, capitão de cavalos; por sua mãe era ela dos Caldeiras e Rodrigues de Matos. Destes nasceu D. Juan de la Cueva e Mendoza, que obtivera mais uma vida na sucessão da comenda. Era aos trinta anos capitão de infantaria e casara, por amores, diz o *argot* genealógico, com D. Maria Leonor Josefa de Albuquerque, irmã do guarda-mor das naus da Índia e armadas reais. Estava viúvo em 1722 e não tinha filhos. Era muito vaidoso da sua pessoa, arrogante, temerário, dava *vossa mercê* aos marqueses, se eles o não tratavam de *senhoria*, e teimava em descender de D. Álvaro de Baçan, marquês de Santa Cruz, com o intuito sarcástico de vexar os Portugueses que o seu avoengo acalcanhara. Era ele, pois, por varonia, bisneto do governador que atraíçara o seu rei. O atrito de oitenta e dois anos safara o seu estigma da perfídia na grande e poderosa família dos la Cuevas, enxertada em troncos muito florentes da fidalguia portuguesa.

## II

Retrocedamos cinquenta e dois anos.

D. António Luís de Sousa, 5º conde do Prado, estava em Viana, na qualidade de general de batalha das províncias do Minho e Trás-os-Montes, em 1666. Neste ano, a 29 de Dezembro, sua esposa, que o acompanhava nas campanhas, deu à luz um menino, que se chamou D. João. Como era segundo génito, foi destinado à vida eclesiástica, ao ofício das grandes prebendas, ao cevo da Igreja, onde os filhos segundos dos fidalgos se vingavam de não serem os primeiros, engordando em medranças mais descansadas que as dos morgados. Ainda estudante, já digeria as rendas de quatro benefícios e era porcionista do Colégio Real de S. Paulo, em Coimbra, aos quinze anos. O irmão mais velho morreu em 1687, no mar, quando vinha da Baía, onde fizera a guerra aos Holandeses. D. João, constituído herdeiro do título de conde do Prado, tratou de casar-se e aceitou a esposa que D. Pedro II lhe indicou, uma francesa, Francisca Madalena de Neufwile, filha do célebre duque marechal Villeroy, descendente de António de Borbom, duque de Vandoma, rei de Navarra. É de presumir que o marquês de Amelot, embaixador de França, preponderasse neste casamento; porque Luís XIV ideara o programa político de dar francesas para os tronos e para as casas principais das nações aliadas. No mesmo ano de 1688 assinava o rei Sol o contrato de casamento de Mademoiselle de la Mote com Duarte de Sousa Coutinho, correio-mor. Demais a mais, a noiva do conde do Prado, e futuro marquês das Minas, era filha do seu valido duque de Villeroy, um bravo canalha inventor dum aforismo, que merece ser repetido na linguagem do inventor: *qu'on devait tenir le pot de chambre aux ministres tant qu'ils étaient en place, et le leur verser sur la tête quand ils n'y son plus*. O espírito da máxima é tão conhecido entre nós que está adoptado como regra geral.

Aos vinte e oito anos, o conde do Prado não tinha ainda a patente militar. Era um fidalgo que se estadeava opulentamente, muito empavesado do seu avô Afonso III; mas não falava da moura, sua avó. Era mau marido. Tinha uma amante entre todas dilectíssima, D. Teresa Travaços, de origem preclara. Não se sabe se a francesa, criada na corte de Luís XIV, se desferrava; pode ser que não; tinha dois filhos: um menino, nascido ao segundo ano do casamento, e uma menina, dois anos depois. Dois filhos para uma esposa honrada e traída são uma segunda virgindade do coração.

O amigo inseparável do conde do Prado era seu primo co-irmão, o conde de Atalaia, D. Pedro Manuel, alguns meses mais velho que ele, e também nascido em Viana do Minho, quando seu pai era nesta província general de cavalaria. D. Pedro Manuel tivera uma juventude mais exercitada em lides militares que o primo porcionista do Colégio de S. Paulo. Aos doze anos assistira com seu pai a um combate com as naus argelinas; aos quinze anos era capitão de infantaria: num ímpeto de brio, despedaçou as dragonas e serviu como soldado voluntário nas armadas que guardavam as praças marítimas. Estivera em Turim com o pai, embaixador extraordinário. Instruíra-se superficialmente; tinha ditos, agudezas celebradas; fazia líricas jocosas e satirizava os sábios do seu tempo, que em verdade não valiam a sátira. Era muito casquilho, muito tufal, valente, educado nas arruaças dos turbulentos bandos de Afonso VI e do infante D. Pedro. A soberbia de *Távora*, que era por seu pai, e de *Manuel*, que era por seu avô D. João – bastardo de el-rei D. Duarte e bispo da Guarda, amante de Justa Rodrigues, que amamentara o rei *Venturoso* –, acrescia o estímulo do seu arrogante primo com quem se dava numa grande intimidade, e nos desfastios viciosos de vida vadia e cansada de prazeres. Casara em 1689, um ano depois do primo Prado, com D. Maria Margarida Coutinho, filha primogénita do primeiro, marquês de Alegrete, de quem teve, em 1691,

um filho, que se chamou D. Luís. Esta criança era ainda feto no ventre materno quando seus pais a destinaram a casar, consoante o sexo, com um filho ou filha do conde do prado – tão cordialmente se amavam as duas famílias. A condessa de Atalaia era esposa ternamente extremosa. Saíra para casar dos aposentos de Maria Sofia, rainha ingénuo e boa. Ainda assistira às torturas expiadoras da outra rainha incestuosa. A corrupção da corte, que era para umas abismo, foi para ela conselho. A tradição e o seu fim de vida divinizaram-lhe a memória.

Estamos em 1694. Os dois condes florescem na plenitude da vida e da riqueza. Nenhum deles ainda tem trinta anos.

## III

D. Pedro II era devotíssimo do santo português, patriarca dos hospitais, o beato João de Deus, de Montemor. Os Jesuítas, por comprazerem com o monarca, festejavam o santo, na sua casa professa, em 1694, no dia 8 de Março, aniversário da sua morte. A porta principal do templo era vedada, sem excepção da nobreza e alto clero, enquanto não entrasse a família real. Hoje em dia, dois soldados municipais bastariam a fazer-se respeitar nas suas baionetas; mas, naquele tempo, a arrogância dos magnates – apesar do régio absolutismo – desarmava a autoridade da soldadesca, que se sentia ínfima plebe ainda enfronhada na libré da milícia. Portanto, a porta-defesa foi entregue à vigilância de um magistrado de beca com as insígnias de corregedor do Bairro Alto, o respeitável ancião Inácio Sanches Góis.

Os condes do Prado e Atalaia apearam do seu cavalo em frente da porta reservada, para a qual se encaminharam por entre a turba da gente meã que esperava a família real, e abriu respeitosa clareira aos dois gentilíssimos condes. O corregedor avançou urbanamente um passo para os fidalgos e preveniu-os de que não podiam entrar por aquela porta antes de chegar el-rei. Responderam que essas ordens não se podiam entender com pessoas da sua qualidade. O magistrado redarguiu que as ordens não exceptuavam ninguém; que Suas Excelências tinham duas portas da igreja francas. O público assistia muito interessado à contenda entre a beca e as armas. Os fidalgos, por isso mesmo vexados, insistiam que se lhes concedesse uma distinção. O corregedor teimava em cumprir rigorosamente as ordens recebidas. Injuriam-no de palavras; e, no ardor crescente da ira, o conde de Atalaia deu-lhe com o chapéu na cara. O do Prado, que já tinha a mão no punho do espadim, arrancou-o no conflito em que o corregedor dava ao ofensor a voz de preso e trespassou-o do peito às costas. O velho magistrado caiu morto; os homicidas cavalgaram os seus ginetes e a multidão, como que empedrada de terror, não teve dois homens que lançassem mão às rédeas dos fogosos cavalos. Daí a minutos chegava ao Rossio o coche do rei; e como aí tivesse notícia da morte do corregedor, desandou para o Paço da Ribeira e encerrou-se por alguns dias.

Os assassinos eram filhos de dois generais que ele reputava os esteios da sua conservação e os simpáticos disciplinadores do exército: o marquês das Minas, pai do conde do Prado, e D. Luís Manuel, quarto conde de Atalaia. O assassinado era a honra da magistratura; fora morto no cumprimento dos seus deveres; havia na corte e no reino um rugido mal abafado dos sacerdotes da lei, num alvoroço das becas afrontadas; o povo bramava a medo; dizia que o rei mandaria pôr uma pedra sobre o processo e os homens passariam daí a pouco em Lisboa com a carta de seguro.

A justiça de Pedro II não podia inspirar confiança. Citavam-se exemplos de espantosa relaxação. Entre os criminosos perdoados, apontava-se D. António de Sousa de Meneses, que em 1676 casara com uma sobrinha do secretário de Estado Pedro Sanches Faria, órfã grandemente dotada e de ilibada fama. Os Mendonças do Rio, parentes dos Meneses, repeliram-no por ter casado com mulher inquinada de sangue hebreu. Ela era neta de João Henriques Flamengo e de .D Maria de Borgonha, ambos suspeitos no tribunal da Fé; o que, porém, admira, é que os descendentes dos Castros do Rio, afidalgados por D. Sebastião, *sem impedimento do defeito do nascimento*<sup>4</sup>, malsinassem as impurezas sanguíneas da esposa do seu parente. O certo é que D. António de Meneses transferiu arditosamente a Castela o grande dote da mulher e, depois de dezasseis meses de casado, em 30 de Agosto de 1677, matou-a a facadas e

---

<sup>4</sup> Veja *História e Sentimentalismo*, t. I, art. «Duarte de Castro».

fugiu. Foi sentenciado à pena última e garrotearam-no em estátua. Volvidos dez anos, passeava em Lisboa com o perdão de Pedro II.

Com os assassinos dos magistrados não era mais inflexível o soberano. Em 1673 ordenou ao corregedor de Coimbra que prendesse o colegial de S. Paulo, D. Luís de Almeida, sobrinho do bispo de Lamego, D. Luís de Sousa, e o encarcerasse no Limoeiro. O corregedor ferrolhou-o na Portagem enquanto se preparava para o conduzir à corte, resistindo aos rogos dos colegiais e do reitor da Universidade, que se responsabilizavam pelo preso. De volta para Coimbra, o magistrado, ao apear da liteira que os esbirros atalaiavam, foi assassinado por um colegial, José de Melo, que lhe desfechou à queima-roupa uma pistola de cima de um cavalo. Foi para Castela o homicida intacto e de lá escreveu ao infante regente, ufanando-se do feito e aceitando a responsabilidade inteira do crime. José de Melo, quando o corregedor do Bairro Alto pereceu, gozava os benefícios reais do perdão.

Conquanto se houvesse de repetir a generosidade do monarca, nem os dois velhos generais, nem o rei, ousariam no momento exacerbar com rogos ou subornos os desembargadores. O processo, todavia, correu tão moroso, tão atravessado de infames estorvos obscuros, que só dois anos depois do crime, em 14 de Abril de 1696, os condes do Prado e Atalaia eram sentenciados pela Relação de Lisboa; o primeiro, que trespassara o corregedor com o espadim, foi condenado à morte; o segundo, que lhe dera com o chapéu no rosto, a dez anos de degredo.

Não se presume que os réus esperavam no Castelo de S. Jorge ou de S. Julião a sentença. Estavam na corte de Luís XIV, hospedados em casa do marechal duque de Villeroy, sogro do conde do Prado. Acompanharam o valido do monarca nas campanhas de Flandres em 1695 e assistiram ao bombardeamento de Bruxelas. Depois, espaireceram as saudades da Pátria, acamaradados com o duque de Saint-Simon, que tão bizarros painéis frescamente realistas nos deixou da alegre vida de Paris. Não se sabe se a condessa do Prado, a filha do duque de Villeroy, se foi juntar ao marido: parece que não. Os dois filhos que existiam em 1694 são os únicos da sua descendência. Quanto à condessa da Atalaia, essa deixou-se morrer de saudade em 16 de Novembro de 1695, vinte meses depois do desastre do marido. O único filho que tinha, de quatro anos, foi recolhido por seu avô.

Foi o conde do Prado degolado em estátua no Rossio, quando a sua garganta provavelmente deglutia em Versalhes um almoço esquisito de iguarias e galanteios com madama de Maintenon, com a princesa de Conti e com madama de Mailly.

Entretanto, Luís XIV e a rainha de Inglaterra, D. Catarina, solicitavam instantemente de Pedro II o perdão dos dois exilados. Dissimulando-se forçado, el-rei perdoou em 1699, sob cláusula de não mais frequentarem a corte os condes. A Relação de Lisboa saiu com embargos ao perdão, na parte que dizia respeito às multas pecuniárias impostas pela sentença. Neste ano, e sobre o assunto, escrevia um fidalgo de Lisboa a outro que estava no Oriente:

*Sua Majestade já deu o perdão ao Atalaia moço e já o tinha dado por intervenção da França ao conde do Prado; porém, dizem que com a cláusula de que não entrariam na corte. Tanto um como outro se detêm por seguirem a mesma fortuna; e a Relação embargou o perdão a respeito da condenação das despesas. Não sei se diga que os desembargadores querem entrar de meias nos negócios desta monarquia, e não lhes vai mal de partido; porque, segundo o que vejo, querem que el-rei nos perdoe as vidas, e eles levarem-nos as fazendas; Sua Majestade perdoa o delito, e eles pretendem que fique em seu vigor a pena; enfim, não querem que se salve a fazenda, e por isso embargaram a indulgência da culpa e pena.*

## IV

No ano de 1700, os dois condes entraram incógnitos em Portugal, depois de estanciarem algum tempo em Badajoz. Tinham alguma vergonha, ao que parecia. Podiam entrar com franqueza, a rosto descoberto, com pajens e lacaios e as armas. em relevo dê trama de ouro e prata nos caparazões dos seus ginetes. Ninguém lhes deitaria a mão nem os denunciaria aos aguazis do corregedor. Se eles quisessem devassar portas-defesas, os magistrados alastrariam a seus pés as becas como estrado. Sabia-se que o rei perdoara: restava apelar para a alçada de Deus; mas este juiz supremo, quando concede recurso de revista, não é precisamente no momento em que é invocado. Neste pleito, logo veremos que apareceu e despachou quando já ninguém o esperava.

O conde do Prado encerrou-se no seu palácio com a mulher e os filhos; o outro, que não tinha tão fortes vínculos domésticos, e era esporeado por um desassossego sem intercadências de paz, meteu-se na esquadra do general conde de S. Vicente, como voluntário, para se remir da cobarde façanha em algum relevante feito naval contra os Ingleses, que ameaçavam as nossas praças marítimas. Não se lhe azou o ensejo. Depois, os dois condes, em 1704, declarada a guerra da grande aliança contra Castela, manifestaram-se sem reboço. O da Atalaia foi juntar-se ao pai, que era general das armas na província de Entre Douro e Minho; e o do Prado foi servir com o marquês das Minas, seu pai, general do exército que operava na Beira. D. Pedro II, visitando esta província quando as duas divisões ali confluíram, deixou-se benignamente beijar as mãos pelos dois filhos dos seus generais, fez-lhes elogios públicos, como se eles viessem de vencer o Hidalcão, e nomeou-os seus ajudantes de ordens com patentes de tenentes-generais de cavalaria.

O conde distinguiu-se na tomada de Alcântara em 1706; foi o portador da nova de estar seu pai acampado às portas de Madrid. D. Pedro II, no auge do seu júbilo por tal notícia., agraciou-o com o marquesado das Minas ainda em vida do pai. Passou a servir no Alentejo como mestre de campo general. Falecido o rei que o enchera de honras, D. João V não foi menos liberal com o assassino do corregedor Sanches Góis. Nomeou-o gentil-homem da sua câmara, conselheiro de guerra e comendador de S. Miguel de Arcozelo. Por morte do marquês velho, em Dezembro de 1721, sucedeu no estado e casa. Estava rico e era soberbo com os grandes porque os achara indiferentes ou hostis ao feito desgraçado da sua juventude. Tinha cinquenta e cinco anos; principiava-lhe a devoção; dava esmolas; frequentava os frades, e particularmente os padres oratonianos de S. Filipe Néri – talvez os discípulos do padre Bartolomeu do Quental e Manuel Bernardes, que floresceram em letras e piedade na casa onde hoje está um grande palácio, com três estalagens, na Rua Nova do Carmo.

No dia 17 de Setembro de 1722 saía o marquês da Congregação do Oratório; um padre descera a acompanhar Sua Excelência até à portaria. O general trazia o seu bastão, distintivo da graduação militar. Á porta estava o coche; e perto do armoreado veículo um cavalo de que apeara naquele momento o capitão de infantaria, D. João de la Cueva e Mendoza.

La Cueva, o comendador do Pinheiro, odiava o general desde que ele em público lhe escumara um *vossemecê*, por entre dentes, com uma entonação sibilada, injuriosa. O marquês desprezava-o, já porque ele era bisneto do castelhano que se vendera a D. João IV, já porque se ufanava de ser parente dos Minas por sua bisavó D. Apolónia Coutinho, descendente do bastardo de Afonso III, Martim Afonso Chichorro. D. João de la Cueva tinha razão, quanto ao parentesco; mas, quanto à pragmática, não podia conscienciosamente reclamar a *senhoria* que o general lhe negava.

Quando o marquês, ao lado do padre, atravessava o peristilo em direcção à porta, entrava na alpendrada o capitão. Ao perpassar pelo general, disse-lhe: «Deus guarde Vossa Excelência». O general respondeu: «Guarde Deus a vossemecê».

D. João disse o que quer que fosse em que se lhe ajeitou dar-lhe *senhoria*. O marquês replicou com ameaças e ergueu o bastão. La Cueva arrancou da espada e passou-o do peito às costas. Assim tinha morrido, vinte e oito anos antes, o corregedor Inácio Sanches. «Quando caiu no lajedo já estava morto», escreveu o cavalheiro de Oliveira. O padre, que era o seu confessor, apenas pôde apertar-lhe a mão; porém, o marquês não correspondeu à pressão: parece que, se correspondesse, teria dado sinal de arrependimento bastante para aquela alma se não perder.

O homicida saiu da portaria, cavalgou e desapareceu. Eram quatro horas da tarde. Lisboa não era melhor policiada que os descampados do Alentejo. El-rei recolheu-se ltuosamente. A rainha soube a funesta nova quando punha o pé na almofada do estribo e recolheu-se também. Foi chamado à real presença o tribunal do desembargo do Paço; afixaram-se editais oferecendo dez mil escudos a quem entregasse o matador.

O matador já estava em Castela. Demorara-se em Valverde em casa de um aduaneiro que tinha consigo D. Maria Feliciano Albrízio, filha de Luís Albrízio, criado de Filipe V e de D. Josefa Blanco, natural de Cidade Rodrigo. D. João requestou a sobrinha do hospedeiro espanhol e foi forçado a casar com ela. Como perdeu tudo o que tinha em Portugal, foi para a Índia, onde estava governador de uma praça um tio materno da sua segunda mulher, e por lá se propagou e afinal se desfez. Não seriam remorsos que o desfizeram, porque ele de si para consigo entenderia que fora um instrumento da Providência quando matou o marquês e não faltaria frade consolador que lhe repetisse o verso de S. Mateus: «Os que mataram à espada, morreram à espada.» Se alguém depois o matou a ele, para não desmentir S. Mateus, não sei.

A esposa do assassinado marquês tinha morrido nove anos antes, em 1713. Os livros portugueses não lhe assinam o ano de óbito. Informou-me uma página das *Mémoires du duc Saint-Simon*, cravejada de erros, que eu, na seguinte versão, ponho em itálico:

*Correu a notícia da morte duma filha do marechal de Villeroy, casada em Lisboa com o conde do Prado em 1688, de quem nós vimos longo tempo o filho, hospedado e tratado nobilissimamente em casa do marechal de Villeroy, com quem ele entrou em algumas campanhas, e muito tempo em Paris, restabelecida a paz. Chamava-se J. de Sousa e era terceiro marquês de Minas, sexto conde do Prado, oitavo senhor de Beriguel (Beringuel), camarista do rei de Portugal, conselheiro de guerra, mestre de campo, general do exército, general de cavalaria, todos os grandes títulos que se adquirem depressa e pouco valem. A mania do rei de Portugal pela grandeza da dignidade do patriarcado de Lisboa que obtivera do papa para a Sé daquele arcebispado que ele constituiu um colosso, deu causa ao desterro do conde do Prado e confiscação do pouco que possuía, e o forçou, para evitar o pior, a fugir de Portugal por não querer parar o seu coche quando encontrava o do patriarca nas ruas de Lisboa. E o que o fez refugiar-se em Paris.*

*Reconciliado com o rei, voltou a Lisboa, onde, pouco depois, foi assassinado à saída de uma igreja em Setembro de 1622 (1722) por D. Juan de la Cueva e Mendoza. Tivera um só filho que havia poucos meses antes perdido ainda solteiro, – e começou então a fruir os seus bens, porque seu pai tinha morrido, não havia ainda um ano.*

*O pai, que era o marquês de Minas e orçava perto dos oitenta anos, foi*

*sempre o general em chefe do exército português contra Filipe V, e tomou de assalto muitas praças de Espanha que pouco tempo sustentou; até entrou em Madrid, que não pode conservar, e comandava uma ala de exército do arquiduque com dezoito regimentos portugueses em Almanza que o duque de Berwich ganhou completamente em 25 de Abril de 1707, e que deu grandes resultados. Minas continuou a servir no generalato até à paz. Havia sido vice-rei do Brasil, presidente do conselho das Índias, quando regressou, e sucessivamente governador de muitas províncias de Portugal. Seu pai exercera um governo provincial, a presidência do conselho das Índias, e a embaixada de Roma. Fora mordomo-mor de D. João IV e Afonso VI. Era a sexta geração directa e por varonia de Rodrigo de Sousa, bastardo de Martim Afonso de Sousa, filho de Pedro Afonso de Sousa, cujo pai Afonso Dinis era bastardo de Afonso III, rei de Portugal, falecido em 1279.*

A fidelidade do duque de Saint-Simon na história de França é muito abonada entre os seus patrícios; como autoridade nas coisas que conta de Portugal é de todo rejeitável. Apontarei os erros essenciais destas páginas das suas *Memórias*. O filho da condessa do Prado que ele diz ter visto em Paris, não era o *filho*, era o *marido* que lá se refugiara em 1694, quando matou o corregedor. Reinava então Pedro II. O Patriarcado da Sé Arquiepiscopal de Lisboa foi solicitado por D. João V e concedido pelo papa Clemente II, vinte e dois anos depois, em 1716. O primeiro patriarca ainda o não era quando a condessa morreu. A história dos coches deu-se com um titular da corte de D. João V; mas não com o marquês das Minas. Saint-Simon ignorava o sucesso do assassínio do corregedor, ou na memória enfraquecida à volta dos oitenta anos se lhe baralharam os dois condes do Prado, pai e filho, e o corregedor se lhe figurou coche. É certo que um filho do marquês assassinado esteve em Paris por 1730; mas o duque escreve que o marquês sobrevivera ao único filho que tivera e lhe morrera poucos meses antes. Uma série de anacronismos, fundados em ignorância supina da história portuguesa. A origem do conde do Prado tem, segundo ele, uns *Rodrigos* e uns *Pedros* que nunca existiram. A exposição dos mais remotos genealógicos é a seguinte: D. Afonso III fez numa mulher moura Martim Afonso Chichorro, pai de Martim Afonso de Sousa, que teve de Aldonsa Anes de Briteiros, Gonçalo Anes de Sousa, etc. – um *autem genuit* de bastardias, incestos e coitos danados.

## V

Direi agora do conde de Atalaia. Era outra casta de espírito. Pesava-lhe o crime e pesava-lhe a glória das armas, entrava nas batalhas com um grande desprezo da vida. Em Almanza, à frente da cavalaria, fez proezas; foi duas vezes ferido no rosto e teve de recuar por ordem de seu tio, o marquês das Minas. Seu primo, o do Prado, a essa hora recebia em Lisboa a coroa de marquês e descansava a fronte laureada no seio da Travaços. Carlos III criou-o grande de Espanha da 1ª classe. Em 1710 militar na batalha de Saragoça ao lado do marechal de Staremberg, que lhe atribuiu o vencimento da batalha de Vila Viçosa. Suspensas as armas em 1713, entregou o seu exército a D. Pedro de Almeida e pretextou uma doença para ficar em Barcelona. Daí, sem mais querer ver a Pátria, despediu-se do filho, um moço de vinte e dois anos, já coronel de cavalaria, e foi para a Alemanha ao serviço do imperador Carlos VI, que o fez general de cavalaria e governador duma fortaleza em Nápoles e mais tarde vice-rei da Sardenha e do seu conselho de Estado.

Desde Outubro de 1716, em que recebeu a notícia de que o seu filho único, D. Luís Manuel, tinha sido assassinado pelos próprios lacaios, quando estava para desposar-se com sua prima, filha do marquês das Minas, nunca mais emergiu de uma abafadora angústia, com intervalos de loucura furiosa. Vivia em Viena de Áustria, rodeado de médicos espantados daquela incógnita doença. Esta situação agravou-se no decorrer de seis anos, até que, em 1722, no dia 19 de Setembro, quando em Azeitão se salmeavam os responsos sobre o cadáver do seu cúmplice, expirava o conde de Atalaia, como se a alma do outro o estivesse esperando para entrarem juntas em alguma transmigração que o progresso da ciência descobrirá; mas, enquanto a ciência vai e vem, imaginemos que as duas almas entraram juntas no Supremo Tribunal da Justiça Divina.

## TRAGÉDIAS DA ÍNDIA

### I

Garcia de Sá, neto do famoso poeta João Rodrigues de Sá Meneses, sobrinho do primeiro conde de Matosinhos e filho do veador de fazenda do Porto, apaixonou-se, à volta dos trinta anos, por uma rapariga de Miragaia, chamada Catarina, de alcunha a *Piró*. Parece que a *mulher ordinária*, como Damião de Góis a malsina em linguagem heráldica no seu *Nobiliário*, não se prestou à mancebia na sua terra, nem o pai de Garcia concederia que o filho se abandonasse em amores tão reles. Tinha o fidalgo amoroso o grande recurso do império índico e o talismã dos seus apelidos. Foi à corte, requereu uma capitania. D. Manuel deu-lhe a de Malaca, uma das somenos rendosas que, ainda assim, orçava por cem mil pardaus no triénio, ou aproximadamente trinta contos de réis, que hoje em dia valeriam cento e cinquenta contos da nossa moeda.

No ano de 1518 saiu para o governo da sua fortaleza e levou consigo a flor de Miragaia, a *Piró*, que devia ser muito bonita, se as duas filhas que teve, tão celebradas na Índia por beleza, se pareceram com sua mãe.

Garcia de Sá, no transcurso de trinta e quatro anos, governou Malaca e Baçaim, assistiu como capitão às espoliações crudelíssimas e particularmente ao enorme e atraído roubo de Bodur, de onde muitos saíram opulentos; atingiu a suprema dignidade governando a Índia como sucessor de D. João de Castro – e nunca chegou a ser rico. Era liberal, bizarramente faustoso, esmoler com os soldados que, em tempos avessos à navegação, mendigavam rotos e famintos; muito caroável de pompas no trajar das filhas gentilíssimas e na profusão dos banquetes. Não era pois a sua pobreza relativa como a sistemática abstinência de D. João de Castro: era o desperdício pródigo, uma fidalga e despreocupada vaidade dissipadora que, ainda assim, não lhe enodoava a fama de honesto e egrégio capitão. Verdade é que por duas vezes, em 1534 e 1536, foi preso à ordem de D. João III, a fim de responder por certas extorsões em Malaca. Da primeira, depositou vinte mil cruzados, e, justificando-se, levantou o depósito; da segunda, sequestraram-lhe quinze mil cruzados, deram-lhe Goa por homenagem na prisão, absolveram-no, e tão imaculado saiu que doze anos depois governava a Índia, sucedendo ao herói de abnegação D. João de Castro. Isto dá a intuscepção do que era o hinduísmo e D. João III. O governador Martim Afonso de Sousa dizia ao rei que lhe não enviava o preso porque precisava dele; e, quando devia estar no Limoeiro, era feito capitão de Baçaim por nomeação do mesmo governador. Mas Garcia de Sá, agravado de el-rei, aceitou sem ordenado a fortaleza; e, não obstante, mantinha com altaneira fidalguia arrogantes pompas, dando mesa opípara a todos os fidalgos. Gaspar Correia explica em três palavras as incoerências de Garcia de Sá: *havia muito dinheiro* – diz o cronista.

Quando ele, aos sessenta e três anos de idade, ouviu ler na Igreja de S. Francisco o seu nome como sucessor do quarto vice-rei, ajoelhou, ergueu as mãos e chorou de júbilo. Depois, mandou franquear quatro mesas diárias a quem quisesse comer. Os famintos eram tantos que se apinhavam aos duzentos em cada mesa; e, como a fome parecia assanhar-se com o hábito readquirido de comer, o governador deu ceia a mais de oitocentos comensais, que, não obstante, se acutilavam nas partilhas e lhes quiseram matar o veador porque os não fartava. O bom Garcia de Sá viu-se obrigado a enforcar o cabecilha da desordem nas ameias da fortaleza. Enforcou só um por se. manso de condição, diz um historiador. Tal era o estado em. que D. João de Castro, o excêntrico idealista de virtudes especulativas, tinha deixado os estômagos, as algibeiras e as almas

dos valorosos e esfarrapados soldados de Diu.

Começou Garcia de Sá a cicatrizar algumas chagas que o seu antecessor cuidou sanear com as eruditas máximas gregas romanas. Pagou com dinheiro emprestado e subtraído do cofre real parte dos soldos que se deviam à soldadesca, não consentindo que se excluíssem os hebreus foragidos do reino. Goa ainda não tinha inquisição. Os frades indignavam-se e acusaram-no a D. João III; mas não saborearam as delícias da piedosa vingança. Garcia de Sá não tinha de viver tempo bastante para sofrer o dissabor da deposição.

Catarina, a mãe de suas filhas, era já morta; mas, na hora extrema, fora legitimada esposa do amante. Era necessário o sacrifício da fidalga prosápia não à moral do oriente português, mas ao casamento bem prosperado das duas filhas.

Leonor, a primogénita, era a mais formosa menina da 1ª dia. Andava em provérbio de gentileza. Uma vez, nos apertos dum naufrágio, os fidalgos aflitos faziam em altos brados, de uma cobardia estúpida, promessas espantosas. Uns prometiam repartir os roubos com os santos; outros iriam de bordão e esclavina a Jerusalém; este prometia aos frades toda a canela e pimenta que se salvasse; aquele fazia voto a S. Francisco das Chagas de vestir a túnica dos arrábidos. No entanto, um soldado obscuro que assistia impassível à tormenta e com um sorriso irónico às promessas, numa intercadência de taciturno pavor, exclamou: – Eu cá por mim prometo casar com D. Leonor, filha do capitão Garcia de Sá.

Houve uma convulsão de riso involuntário. Faria e Sousa dá o realce do gracejo que refere, acrescentando que Leonor era *en beleza ei cuidado unico de toda la India*. O dito foi celebrado como uma *galantaria desafogada quando todos se afogavam*, diz o historiador jovial, jogando de vocábulo com o seu regular mau gosto.

Devia de ser muito querida aquela Leonor de Sá. O mais opulento capitão da Índia, Luís Falcão, pediu-a com certeza de a possuir. Ele já não estava na flor da idade, mas era de ilustríssima linhagem, dos senhores de Pereira, terceiro neto de John Falconet, que viera a Portugal com o duque de Alencastre e casara com uma filha dos Abreus, senhores de Sousel. Era rico em Portugal e riquíssimo na Ásia pelos proventos da capitania de Ormuz e das ladroeiras. O triénio desta capitania dava cerca de trezentos mil pardaús, limpos de desonra, noventa contos de réis, que, conferidos com o valor actual do numerário, orçariam hoje em dia quatrocentos e cinquenta contos.

Falcão, naquela fortaleza do golfo Pérsico, na lasciva Ormuz, onde *as mulheres*, como Tenreiro escreve, *são muito formosas e muito dadas à sensualidade*, houve-se como legítimo português de fina raça – um Falcão às direitas. Não obstante a vigilância do cioso marido persa, teve artes de compartilhar de vários tálamos conjugais. Seduziu, além disso, várias meninas solteiras e houve de uma ou de duas dois filhos que muito amava, mas que o não demoveram de requestrar, com muita infelicidade, a filha de Garcia de Sá, como logo veremos <sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> O viver dos Portugueses na ilha de Ormuz, em 1550, poucos anos depois que Falcão governou a fortaleza, descreve-o o apóstolo jesuíta Gaspar Barzeo numa carta copiada da preciosa crónica *O Oriente Conquistado a Jesus Cristo*, t. I, p. 770. Diz assim:

«Achei neste pais muitos usurpadores da fazenda alheia, e muitas subtilezas de enganos para oprimir e roubar o povo; muitos ódios antigos; contínuos desafios; toda a sorte de blasfémias; dissoluções públicas, especialmente entre os soldados, que me deram muito que fazer; e quanto eu edificava num dia, destruíam eles numa hora, acutilando, ferindo e matando aqueles que se enghavam à vida pacífica. E rogando-lhes eu ao princípio que perdoassem as injúrias, por amor e a imitação de Cristo, me respondiam que Cristã era Deus, e eles homens, e portanto não podiam sofrer nem dissimular as ofensas; e que assim como Deus estimava a sua honra, assim estimavam eles a sua; e que antes queriam ir ao Inferno vingados, que sem tomar vingança ao Paraíso. E na verdade, eles me pareciam gente sem lei, sem rei, sem capitão,

D. João de Castro houvera denúncia clamorosa dos escândalos de Luís Falcão em Ormuz. Findo o governo trienal, repreendeu-lhe particularmente os vícios da carnalidade e da ambição desenfreada; mas proveu-o logo no governo de Diu – mais honroso que lucrativo – em substituição do famigerado D. João de Mascarenhas. Ora Luís Falcão emprestara-lhe dinheiro para pagar à sublevada guarnição daquela fortaleza; e prometera-lhe em desconto dos seus pecados, gastar, se preciso fosse, todos os seus haveres no serviço da pátria. O Castro era forçado a contemporizar com as ribaldarias, com os peculatos e com os pardaus do frascário Falcão.

Eis aqui o que D. João de Castro escrevia a D. João III a respeito do concussionário a quem pedia o dinheiro e dava o governo da fortaleza de Diu:

*Luís Falcão, e um seu sobrinho, e um António Mendes, que foi seu feitor, são culpados na devassa geral que mandei tirar das pessoas que tratam em pimenta e enxofre; e em vez de os castigar e mandar presos a V. A. fiz Luís Falcão capitão de Diu, e os outros culpados mandei estar servindo V. A. na fortaleza. A este estado é chegada esta terra. Porque não achei em toda a Índia fidalgo que quisesse aceitar a capitania desta fortaleza, por estar de guerra; nem Luís Falcão aceitaria, se não fora suspeitar suas culpas, e querer-se remediar com V. A. Por aqui verá V. A. que trabalho será o meu («Notícia preliminar» de Felner aos Subsídios para a História da Índia, p. XXV).*

Jacinto Freire de Andrade, juiz quase sempre suspeito, pretende ressalvar a fama suja de falcão, transgressor das leis e da honra. Ele não valia mais nem menos que os outros capitães das fortalezas que, prevaricando nas clandestinas veniagas das especiarias, roubavam a fazenda real e espremiavam os mercadores levantinos até lhes mungirem o último bazaruco e a última gota de sangue, se encontravam resistência.

A penúria dos recursos era inexorável. Martim Afonso de Sousa, o antecessor do quarto vice-rei, roubara, no Oriente, milhões aos indígenas e aos colonos. Da corte pedia-se instantemente dinheiro para acudir às necessidades do monarca. A rainha D. Catarina, com uma sordícia de merceeira, recomendava a D. João de Castro que lhe vendesse bem a pimenta.

*E o cuidado que dizeis que tendes dos quinhentos quintais de pimenta de que me el-rei meu senhor fez mercê, para mandar a Bengala, se faça o mais proveito que puder ser, estimo muito, e folguei de para a feitoria disso escolherdes Manuel da Gama, etc.*

de todo bárbara, nascida para desprezo de Deus e vitupério dos santos. Uns estavam casados com muitas mulheres juntamente; outros publicamente e sem algum respeito tinham sempre consigo duas ou três concubinas, judias, mouras e gentias, e as levavam para onde quer que iam. Nem faltavam ladrões e assassinos que por dinheiro matassem quem quer que fosse. Eu pedi ao capitão que os lançasse da ilha; mas ele não se atreveu a entender com eles, porque eram muitos.»

Deve-se descontar, na devassidão dos portugueses polígamos, o ardor do clima. Quem conhece alguma coisa da ciência moderna chamada *mesologia* fisiológica e psíquica tem de atender muitíssimo às condições climáticas, quando houver de sentenciar os Portugueses no golfo Pérsico. O calor em Ormuz era tamanho que o veracíssimo padre Sousa, na obra citada, t. I, p. 742, escreve:

«As calmas são incomportáveis, abrasando-se às pedras de sol e acendendo-se as exalações secas que vaporam, e os homens passam as noites nos terrados em que se rematam todas as casas, metidos em grandes gamelas, e refrescando-se continuamente ou a cântaros de água fria, que os criados lhes lançam em cima, ou a um perpétuo movimento de abanos com que suprem a falta de vento fresco.»

Aqueles portugueses transplantados na Noruega talvez fossem continentes, castos, sóbrios e muito menos ladrões. O meio é como a fatalidade – tira o livre arbítrio e exime da responsabilidade.

Que reis e que rainhas! Quando eles e elas – estas curvaturas da espinha dorsal do género humano – cederem ao tempo, ao grande algebrista, o enorme sucesso histórico da rainha de Portugal, recomendando ao vice-rei da Índia que lhe venda a pimenta o melhor que puder ser, no momento em que o Império Índico entrava em paroxismos, deve escorrer galhofas muito apimentadas da pena do historiador!

Luís Falcão, sobre ser argentário, era um pouco afecto as letras amenas. Condão de família, talvez. Seu primo Cristóvão Falcão, o enamorado trovador da esquiva D. Maria Brandão, do Porto, é aquele *Crisfal* que, acolcheteando a primeira sílaba do nome com a primeira do apelido, publicou discretamente os seus conhecidos versos apaixonados que o não impediram de casar duas vezes. O primo Luís era menos poeta em seus amores: não lhe dava para aí o orientalismo. Ia mais para o cravo e a pimenta. Em Ormuz parece que lia na língua pérsica as histórias bastante fabulosas de Alexandre e outras de assuntos menos sérios. D. João de Castro correspondia-se com ele a respeito de livros e pedia-lhos com interesse de bibliófilo, como se lhe sobejasse tempo da lide de governar e escorar a Índia que desabava. Falcão enviava-lhe em 1546 a *Vida de Alexandre* em persa, de cuja autenticidade duvida, e outras histórias muito mundanais que ele considera mais para serem lidas pelo filho que pelo pai, e não se exclui dos mundanos a quem tais leituras competem. Quem quiser ajuizar da ortografia de Luís Falcão, a melhor daquele tempo, leia este fragmento da carta ao governador:

*Alleixos de carualho me dixе da parte de vosa s., que lhe mãodase allixandre hem parsyo: lla lho mãodo, haimdaque has escreturas d'estes mouros, tenho-as por menos autemtes que has nosas. Nese llyvro vam houtras estoryas hafõra as dallyxandre, has quays me parese que foilguará mays com ellas ho senhor dom fernãodo, hou quallquer outro homem do mundo, como heu que vossas.*

Luís Falcão, como se vê, confundia Árabes e Persas com Mouros. Era um erro a que não se eximiram os cronistas mais ilustrados.

A biografia pérsica de Alexandre, que o capitão enviava, era antiquíssima. Já no século XI corria trasladada para grego por Simeão Seth. Os romances lendários de Alexandre, reconstruídos nas canções de gesta por Lambert le Cour, e Alexandre de Bernai, trovistas do século XII, procedem dessa patranhosa biografia. Estes rapazes de hoje que fazem *alexandrinos* talvez não saibam perfeitamente que foi esse o assunto que deu, há sete séculos, a denominação aos versos.

Não tenho noticia de gramática persa anterior à de J. B. Raimundo, de 1614. Chego a suspeitar que Falcão e Castro folgavam de possuir os manuscritos iluminados que não percebiam, ou talvez impressões tabulares de escultura, séculos antes usados no Oriente, primeiro que chegassem ao conhecimento dos Europeus. As dificuldades desta linguagem, hoje compreendida no grupo das línguas indostânicas, adelgaçou-as um grande labor dos Ingleses começado em 1796, com a gramática de Gilchrist, melhorada em 1813 por John Shakespeare. No meado do século XVI, a Companhia de Jesus começava a sua catequese no Oriente, não sabemos com que elementos linguísticos, desde que seguiram as pegadas de S. Francisco Xavier para dentro do golfo Pérsico. D. João de Castro, a meu ver, possuía livros persas como eu já possuí uns hebraicos sem perceber sequer os caracteres. Dei-os ao Sr. Saraga, que, por sinal, achou que um deles era magnífico e raro – alguma judiaria, cuja posse heterodoxa me deve ser desculpada, porque eu não sabia o que tinha. Ainda agora, quando quero humilhar a minha soberba científica, folheio uma *Grammar of the Industani Language*, do orientalista Shakespeare; leio-a há quinze dias, e ainda me não considero bastantemente indostânico para con-

correr à cadeira que deve brevemente inaugurar-se no Curso Superior.

A Ormuz de Luís Falcão era uma delícia de um grande carácter asiático. Dizia-se no Oriente que, se o mundo todo fosse um anel, Ormuz seria o seu diamante. Os Persas eram *muito trovadores, e dados a ler histórias antigas e a outras boas manhas*, diz António Tenreiro. Havia naquela cidade *muitos desenfadamentos, entre os quais há um para homens curiosos de feitos antigos, e é que num alpendre grande, a certas horas do dia, pela manhã e de tarde, lê um mouro velho crónicas antigas, assim de Alexandre como de outro varões ilustres: isto fa-. zem para os mancebos se costumarem bem*. Compare-se a vidâ intelectual de Ormuz com a de Lisboa no meado do século XVI.

D. João de Castro coligia com muito empenho livros persas, e parece que apreciava grandemente os iluminados. Rui. Gonçalves de Caminha apanhara no roubo duma nau arábica. uns livros em persa *emlumynados, muito lousãos*, que não percebia, e enviou-os ao governador; Simão Botelho, quinhoeiro da mesma presa, também lhe levou dois *muyto bõs* <sup>6</sup>. Este Rui Gonçalves de Caminha foi um ladrão muito celebrado, a quem chamavam por isso mesmo o *conde Galalão*. Conhecia-o de sobra D. João de Castro; mas, como precisasse dum agente sem consciência para haver certos dinheiros dos rajás, não o puniu, antes lhe aceitava as dádivas, e o *nomeava* vedor da fazenda. (Veja a «Notícia preliminar» de Felner aos *Subsídios para a História da Índia Portuguesa*, pp. XVIII e XIX).

Pelo seu dinheiro e pelas suas letras influíra provavelmente Luís Falcão no ânimo umas vezes severo, outras indulgentíssimo do incongruente governador. O certo é que o capitão de Diu ousava aconselhá-lo e fazer-lhe profecias funestas que se realizaram, umas em vida de D. João de Castro, e outras depois. De permeio com os sensatos avisos, realçava os encómios enfáticos, hiperbólicos do cortesão:

*V. S<sup>a</sup> tem havido em seu tempo as maiores vitórias que nestas partes temos vistas, depois que são descobertas, e se disser que muito maiores das que houve Roma depois que a Rómulo fundou, não erraria; como coisa houve no mundo que apresentar batalha a el-rei de Guzarate nos campos de Barocho, e matar-lhe dois capitães, e fazê-lo fugir, sem ousar de pelejar com V. S<sup>a</sup> com vinte soldados que com mais sé não achou na dianteira, pois por menos vitória se deve de haver desbaratar cinco capitães do Hidalcão com vinte e cinco de cavalo, digo que o hei por- muito maior feito, e mais glorioso vencimento que o de el-rei D. Afonso Henriques no campo de Ourique.*

E termina dizendo que sua alteza devia fazer duque ou marquês de Colares <sup>7</sup>.

Em seguida à lisonja cheia de disparates eruditamente romanos, vem a admoestação: vaticina-lhe os trabalhos iminentes por causa da inútil posse de Adem, quando o mais conveniente seria granjear a paz, em tanta míngua de soldados e de protecção dos rajás, *que tem recebido de nós tão boas obras*, dizia ele ironicamente. E conclui: *Deste atrevimento que tomei seja perdoado*. O vaticínio realizara-se. Antes de decorrido um ano, o vice-rei morria retalhado de desgostos. Luís Falcão, que conhecia os homens melhor que o governador, aconselhava-o que presenteasse o rei de Cambaia, e, alvitrando uma parelha de cavalos, dizia: *E se nesse Baçaim os não houver, eu os tenho muito bons*.

Não sustentou esta liberalidade até final. Primeiro dera mesa aos lascarins; depois,

---

<sup>6</sup> Estes extractos são feitos das cartas que D. Francisco de S. Luís publicou, anotando preciosamente a *Vida de D. João de Castro*, de Freire, publicada pela Academia Real das Ciências em 1835 – única benemérita de leitura por causa das notas somente.

<sup>7</sup> Confira com o documento 56 das citadas *Notas*.

cansou-se, e os soldados murmuraram. Por último, quando o vice-rei não tinha um pardau, avisava-o de que os soldados começavam a desertar, e iriam todos, se lhes não pagassem. Por causa desta má nova, o *governador tomou tamanha paixão e sentimento, que adoeceu de umas febres tão rijas que de ninguém se deixava ver*. Ao mesmo tempo os lascarins de Goa revoltados pediam-lhe soldo a toque de caixa. Conteve-os um enviado do governador com o barrete na mão, os soldados transigiram, aquietaram-se; mas D. João de Castro, que descera a parlamentar com os sublevados, logo que os viu quietos, mandou prender o tamborileiro e cortar-lhe a mão direita. Simultaneamente, Luís Falcão usava em Diu o mesmo processo de amputação num dos patifes que exigiam paga do seu serviço. O sistema disciplinar de D. João de Castro era este: se a tua mão me pede o pão que te devo e não posso dar-te, e ela se revolta, corto-ta. De modo que o grande Castro nem foi bom para si nem para os outros. Lia de mais Alexandre fabuloso. Dos antigos impérios derivara à admiração dos Codros e dos Cúrcios; saltara em claro as trevas medievais, e cuidava que a corrupção fizera dique no Baixo Império. Era um homem bom, um filósofo que seria feliz entre as suas árvores da Penha Verde ou nos pacíficos claustros de Alcobaça. Ainda nas guerras cavaleirosas e desambiciosas da África seria um modelo; na Ásia foi um dos governadores que inconscientemente mais impulsionou a queda do Império Índico porque todos os seus panoramas eram ilusões. Façam-ma justiça de supor que eu escrevo estas linhas estranháveis com a *Cartas* de Simão Botelho, e as *Lendas* de Gaspar Correia, à vis ta, por cujos testemunhos eu daria as barbas do vice-rei, se a possuísse.

Garcia de Sá, no seu curto governo, reconstituiu na Índia as boas práticas de administração da justiça que o seu antecessor sobrepusera às coisas militares tão desorganizadas que nunca os soldados tinham sofrido maior desleixo e penúria. Concorreram os dinheiros particulares de Luís Falcão e os da Fazenda Real para as larguezas do novo governador. Simão Botelho acusava a D. João III o capitão de Diu que dos pardaus reais enviara 5000 ao pai de Leonor de Sá. Que admira? Estava tratado o casamento. Falcão, rico e cansado da Índia, queria regressar ao reino. Não vinha requerer comendas nem responder pelas espoliações de que o vice-rei o amnistiara. Vinha re pousar-se nos braços da gentil fidalga em volta da qual se rivalizavam os capitães enriquecidos e os donos aventureiros das mais finas raças.

Mas Luís Falcão tinha contra si o coração de Leonor que não o amava, nem compreendia o dever de sacrificar-se à riqueza do grande valedor de seu pai.

Estremava-se então por feitos valorosos na Ásia outro fidalgo a quem todos os governadores tinham honrado, D. João III considerava grandemente, e Leonor exclusivamente queria. Não ombreava em opulência com o capitão de Diu; mas tinha vinte anos de milícia, na defesa das fortalezas mais de prova, nas mais carniceras lutas, e não deixara nas crónicas de Gaspar Correia nem nas *Cartas* de Simão Botelho um laivo de cobardia ou de ladroeira. Quanto à ferocidade, afidalgada em bravura, foi como todos os heróis pindarizados por Dinis da Cruz.

## II

Era Manuel de Sousa de Sepúlveda, nascido entre 1500 e 1505. Tinha estudado para clérigo e chegara a investir-se numa conezia em Évora. Na flor dos anos seduziu uma senhora de mediana linhagem. Não era Sousa nem Távora como o sedutor, mas tinha irmãos briosos que lhe impunham a ele o casamento à ponta da espada. O cônego honorário despiu a murça e fugiu para a Índia. Dizem os genealógicos que a dama traída o foi seguindo; mas o episódio insignificante esvaece-se entre as gloriosas façanhas de Sepúlveda no Oriente. Se a desditosa por lá se finou, se a finaram, se regressou ao reino, é coisa tão somenos que nem os linhajudos, obscuros analistas de escândalos, lavraram acta dessa augusta paixão de uma mulher desvairada, sozinha, em cata do seu amado nas remotas regiões do Levante.

Ele embarcara em 1528, e dois anos depois capitaneava Diu. As suas proezas militares estão exuberantemente encarecidas nas crónicas; as amorosas são menos divulgadas, porque era preciso, para não desluzir o guerreiro, indulgenciar-lhe as protérvias sensualistas. Uma grande dama goesa, casada, deu-lhe um filho; porém, como os apelidos do filho adulterino eram os do marido de sua mãe desonrada, o moço, cuidando que a salvava, nunca permitiu que o infamador dessa mulher casada se aproximasse dele como amigo, nem sequer como conhecido. Manuel de Sousa, nas intermitências de paz, dava trela ao coração e ceifava as mulheres em flor como cabeças de malabares. Camões não era menos subserviente louvaminheiro do que os cronistas, quando epicamente dizia deste Sepúlveda:

*Outro também virá de honrada fama,  
Liberal, cavaleiro, enamorado.*

Era este o amado de Leonor de Sá e Albuquerque. Orçava então pelos quarenta anos e não tinha granjeado grandes haveres; ao passo que Luís Falcão era opulentíssimo, dez anos mais idoso – uma grande conveniência, embora tivesse dois filhos naturais. Leonor deplorava-se, inventava-se casada clandestinamente com o Sepúlveda a fim de prostrar o enlace odioso; tuas Garcia de Sá, obrigado pela palavra de fidalgo e pelas vantagens da fortuna, foi inexorável.

Numa noite cálida do Verão de 1548, Falcão sentara-se junto à porta da sua casa contígua a um baluarte da fortaleza de Diu. A aragem fresca do mar vasquejava de leve as luzes da quadra em que o capitão conversava com um dos seus filhos, uma criança de nove anos, nascida em Ormuz<sup>8</sup>. Fora, a espaços, ouvia-se o rumor das sentinelas dos baluartes, que, de quarto em quarto, passavam rendidas. De súbito, fez-se fora a

---

<sup>8</sup> Chamavam-se Aires e Gonçalo os dois filhos naturais de Luís Falcão. Aires casou na Índia e lá subsistiram os seus descendentes. Gonçalo Falcão casou em Lisboa com D. Maria de Barros, filha do desembargador João de Barros, autor do *Espelho de Casados*. Tiveram uma filha única, D. Joana de Mendonça, que morreu freira em Monchique, no Porto. O Dr. João de Barros nascera em Vila Real, filho do licenciado Diogo Gonçalves, que casara com D. Briolanja de Barros, da família dos *Machuchos* do Porto, que assistiam na Rua Nova, família muito ilustre. A notícia que precede a 2ª edição do *Espelho de Casados*, publicada no Porto em 1874, está defeituosa de conjecturas assentes sobre falsos dados. O Dr. João de Barros não era do Porto nem de Braga. Casou em segundas núpcias com uma senhora da família de *Mendonças*. A outra sua filha D. Filipa casou com Paio Correia, na comarca de Vila Real, na quinta de Cambres, e me persuado que deste casal descende o Sr. José Augusto Correia de Barros, antigo deputado, notável escritor e vice-presidente da Câmara Municipal do Porto. No *Arquivo Heráldico Genealógico* do Sr. Visconde de Sanches de Baena, p. 276, está a carta pela qual el-rei D. João III concede ao Dr. João de Barros o brasão de seus antepassados, datada em 23 de Junho de 1553. As restantes notícias desta nota são extraídas do *Nobiliário* de Manuel de Sousa da Silva, artigo «Bairros».

rutilação de um relâmpago, e Luís Falcão, levando a mão à frente, escabujou na cadeira e resvalou morto com o crânio aberto por um pelouro. Ergueu-se grande alarido, soldados e servos com tochas procuraram todos os recantos das muralhas em cata de um suspeito assassino. Debalde. De Goa saiu o Mergulhão, um magistrado cruel para devassar; um lascarim foi torturado para confessar o crime. Barbaridade inútil.

Espalhou-se na Índia o boato de ter sido assassinado por mando de Manuel de Sousa Sepúlveda, o noivo de D. Leonor de Sá. Fez-se uma grande indignação muda. O nome do bravo capitão amordaçava os pequenos; quanto aos grandes, esses inventavam coisas estólicas da morte violenta do capitão de Diu. O veador da Índia, Simão Botelho, escrevia a D. João III:

*Da morte de Luís Falcão se não se sabia ainda certeza, o que faz ter-se dela más suspeitas; prazerá a Deus que se saberá, para se fazer a justiça que tão novo caso nestas partes requer: querem dizer que se azou sua morte porque, em saindo o Inverno, mandou Luís Falcão cinco mil pardaus ao governador Garcia de Sá, tanto que se soube que era governador, do dinheiro de Vossa Alteza, e que por isso se deixou de acabar de pagar aos soldados e aos casados. [...].*

Gaspar Correia, nas *Lendas* de 1548, escrevia:

*[...] Era morto Luís Falcão que o mataram à espingarda estando em sua câmara, sentado a uma mesa e pousando sobre ceia; o qual homem o soube tão bem fazer que não foi visto nem nunca achado. E assim pagou Luís Falcão muitas injúrias que tinha feito a muitos homens em Ormuz e em Diu, e foi ele mais mofino que achou quem o matasse; o que não acham os outros, que todos eles são tais e tão dissolutos em males que merecem mil mortes. [...]*

E Diogo do Couto:

*Ao outro dia, depois de Luís Falcão ser enterrado, tiraram grandes inquirições, sem acharem rasto de coisa alguma.*

Há porém um depoimento importante neste crime misterioso. É o poema de um contemporâneo, Jerónimo Corte Real que saía da infância quando Luís Falcão pereceu, e esteve Índia, onde recolheu as tradições já desembaraçadas da pressão do nome pânico do Sepúlveda. Intitula-se o poema: *Naufrágio e Lastimoso Sucesso da Perdição de Manuel de Sousa de Sepúlveda e Leonor de Sá, Sua Mulher e Filhos*. Pelo respiradouro das alegrias, Corte Real desafoga a verdade que lhe trasborda da consciência. As leis do poema permitiam-lhe esse desabafo, o primeiro protesto escrito contra a abjecção dos cronistas. Bem pode ser que no ânimo do poeta mordesse o áspide do ciúme de Camões que exalçara as proezas cavaleirosas do Sepúlveda sem lhe pôr a marca dos delitos. Corte Real era um dos confederados nas hostilidades do cantor do Gama. Andrade Caminha, António Ferreira, D. Jorge de Meneses, Luís Pereira Brandão e Luís Álvares Pereira encarecem Corte Real à primazia de primeiro e único cantor das façanhas lusitanas no Oriente. Em 1572 apareceram *Os Lusíadas* e em 1574 o *Sucesso do Segundo Cerco de Diu* de Corte Real. Devia estar na memória ou na inveja de Luís Álvares Pereira a majestade épica de Camões e esse mesmo ousava imprimir no deslavado poema de Jerónimo Corte Real:

*Este de que o Céu tanto apregoa*

*Jerónimo – só – é que faz evidente  
Quanto ao português por Ásia soa  
E do Levante corre até o Ponente.*

Aquele *só* é uma insinuação vil. E como Camões se prezava de servir à Pátria com a espada e com a pena, o outro, assentando-o por detrás de Corte Real, dizia:

*Nas Musas o estais vendo o mais prudente:  
..... foi-lhe a honra dada:  
Tudo que diz coa língua obrou coa espada.*

Corte Real, encomiando Luís Pereira Brandão, sócio do grupo hostil a Camões, dizia-lhe:

*De quantos. a Castália têm chegado  
Te deu a ti do verso a suavidade,  
E ficas com razão tu só no mundo  
Por único, perfeito, sem segundo.*

Um vivo desejo nos move a ler o poema de Corte Real tão encomiado, quando *Os Lusíadas* conquistavam a universal admiração. Esfria-se o alento no primeiro canto, e um riso consolador nos aquece o desânimo quando, no canto IX, Corte Real nos conta de

*..... Isabel Madeira  
Do Mestre João mulher, formosa e moça  
Que sempre trabalhou, andando prenhe  
Acarretando pedra e pesos grandes.*

Depois, no canto XI, procura insidiosamente fazer-nos chorar quando, referindo-se àquele Mestre, malgrado esposo da emprenhada Isabel Madeira, nos conta que

*Morreu Mestre João, varão prudente,  
De ousado coração, de vivo sprito,  
E muito experimentado em Çirurgia.*

Tem estas fulgurações épicas o rival de Luís de Camões. Isto, ainda assim, não desvalia o seu testemunho no processo do homicídio de Luís Falcão. O *Naufrágio* lê-se como uma velha sentença em córneos endecassílabos, sacudida do lixo mitológico. De um ligeiro trabalho de confrontação entre os factos tradicionais e as alegorias tolas resulta a nítida narrativa dessa catástrofe. Nem o poeta ousaria atribuir aos deuses a morte de Luís Falcão num poema que ele submete ao socorro de Jesus Cristo:

*A vós, ó Redentor, que nas entranhas  
Puríssimas da Virgem sacra e pia  
Vos encerrastes Deus e homem perfeito  
Intervindo em tal obra o Espírito Santo  
.....  
A vós peço, Senhor, alto socorro  
Que o Hélicon não quero, nem que Apolo*

*Levemente me inspire o doce alento  
Dando-me saber novo e claro engenho*

.....  
*Nem que o meu canto faça sonoro.*

Referências inequívocas a frases conhecidas *d'Os Lusíadas*.

Desdenhando pois da bagagem apolínea, Jerónimo Corte Real refere assim o sucesso:

Manuel de Sousa, muito apaixonado por Leonor, sabendo que o pai a dera a Luís Falcão, escreve a Garcia de Sá dizendo-lhe que a filha já é sua esposa canonicamente. O velho despreza o capcioso embaraço e persiste na sua palavra, ameaçando muito furioso matar e enterrar a filha com as próprias mãos. interroga Leonor; ela chora; o velho quer uma resposta sumária: a filha pede-lhe que a mate. Ele, mais enfurecido, aferrolha a rebelde, cerca-a de espias; mas, não obstante, os dois enamorados correspondem-se mediante uma alcaiole, a que o poeta chama epicamente *uma terceira saza*.

Entra em cena o Amor, filho de Vénus, que o aconselha a ir à ilha da Vingança, onde mora uma Ramnúzia que parece ser a Némesis. Esta Ramnúzia concede ao Amor o Ódio, a Ira e a Determinação, personagens sinistras que vão com ele a Pafo, onde Vénus dá ao filho um raio para matar Luís Falcão.

O encarregado de matar o Falcão chama-se Anteros, um sujeito olímpico que

*A seu cargo tem vingar agravos  
E as injúrias d'Amor satisfazê-las.*

Parte de Pafo para Diu; acham Luís Falcão à janela; Anteros dardeja-lhe o raio ao ventre e estira-o morto. O cadáver é sepultado com este epitáfio:

*Se perguntas quem jaz neste aposento  
Escuro, frio, triste, aborrecido,  
Sou quem livre d'Amor e sem tormento  
Fui por Amor sem causa assi ofendido:  
Um cruel, desumano, bruto intento,  
Um cego amor de ciúmes constrangido  
Coa minha triste sorte conjurados  
Anteciparam meus últimos fados.*

O poeta, explicada a morte por um processo tão natural, refere os boatos correntes:

*Uns dizem que tal morte por afronta  
Ou recebida injúria se daria;  
Outros a cobiçosos baixo intento  
E a hirânicos roubos o atribuem.  
Outros que cometeu torpe adultério  
Por onde se tomou justa vingança:  
Mas a palreira fama diz e afirma  
Que o cego Amor só nela teve a culpa.*

Depois, Garcia de Sá deixa casar a filha com Manuel de Sousa, e acabou-se a metáfora. A história do poeta, se ele a contasse em prosa sem o socorro do Redentor, e

com exclusão das ficções apolíneas, teria esta simplicidade: Manuel de Sousa de Sepúlveda para possuir Leonor mandou matar Luís Falcão. Não foram os roubos, as afrontas, os adultérios, que o mataram: foi o amor que teve a culpa; e, em vez de um Anteros a fulminar um raio ao ventre do Falcão, diria que qualquer lascarim assalariado lhe cravou um pelouro na cabeça.

António de Sousa, genro de Jerónimo Corte Real, publicador do poema, tão certo estava de que o seu sogro considerava Manuel de Sousa o indirecto homicida de Luís Falcão que chama o reparo do leitor para a moral do livro, considerado um pregoeiro da justiça de Deus. «E se bem olhares», diz ele, «vereis quão certo está o castigo, ainda que tarde àqueles que por seus delitos cometidos contra a caridade e amor com que devíamos amar nossos próximos o merecem; e que não deve a tardança dele fazer-nos esquecer da certeza com que o devemos temer».

Se o Sepúlveda era inocente na morte do rival, com que justiça seria castigado? Que lucrou o poeta com a alegria dos deuses homicidas, a não querer encobertamente ligar o crime à expiação do naufrágio com um cortejo de horrendíssimas agonias nunca lidas em catástrofe desta natureza?

O depoimento pois de Jerónimo Corte Real, conquanto deteriorado pelos artifícios épicos mais parvinhos, é o único, a meu ver, que encerra o testemunho da verdade que encontrou na Índia, vinte anos depois do crime e da catástrofe. Ele achou em Portugal e no Oriente Aires e Gonçalo Falcão, os dois filhos do assassinado, e encontraria centenas de camaradas de Manuel de Sousa que poderiam duvidar do crime enquanto o não viram castigado na terra do Natal. Se Manuel de Sousa chegasse com esposa, filhos e riquezas à lingueta da Ribeira e D. João III lhe premiasse .os serviços com o governo-geral da Ásia, ninguém se lembraria de pôr o bestial Cupido, filho de Vénus, a convidar a sicário Anteros para matar com um raio de Pafo o noivo de Leonor de Sá Sepúlveda, não teria a honra imperecedoura de uma epopeia, nem Falcão uma tão distinta morte, promovida por deusas de primeira ordem com a restante canalha feroz da casa de Ramnúzia. Demais, no poema, há dois versos que decidem:

*....A morte injusta só no divo peito  
Daquele alto juiz, ficou escrita.*

Deposto agora o poema como inútil na essência dos factos, vamos sem receio de ilusões colher na história os sucessos incontrovertidos.

Garcia de Sá casou no mesmo dia as duas filhas. A outra, D. Joana de Albuquerque, ligou-se a D. António de Noronha, guarda da costa do Malabar, muito fidalgo e de medianos haveres. O governador tinha quarenta mil cruzados de seu: repartiu-os por ambas.

O esplendor das festas bizarras do casamento deu brado em Goa e vêm referidas com minudências muito curiosas no poema de Corte Real. O traje nupcial de Leonor devia ser a maravilha do artifício no prodígio de formosura que os contemporâneos sobrepuseram a todas as belezas orientais. Lançavam-lhe pérolas os cabelos louros e firmiais de. cintilações rutilantes. Roçagava-lhe o vestido, à moda de França, de seda verde-clara, corpete justo com saia de grande roda; mangas foteadas e os golpes acolchetados de botões de pérolas; roscas de brilhantes serpenteavam-lhe no colo nu; um cinto de pedraria cingia-lhe a cintura flexuosa e do ombro esquerdo pendia-lhe um manto de seda verde refogado para não esconder as curvas boleadas. Corte Real encarece-lhe o primor

*Das pomas que em alvura a neve excedem,*

e, bastantemente realista, diz que alguns sujeitos

*.....no pensamento vão medindo  
A proporção igual, maravilhosa  
Das partes perfeitíssimas que a roupa  
A vara de coisa lhe escondia.*

Estas *partes* parecem ser o *véu dos lírios roxos pouco avaro* de Camões. Quanto a avareza, não se confunde a deusa com noiva.

Depois, na manhã seguinte à noite do noivado,

*Desamparado já dos dois amantes  
O leitor sabedor dos seus amores,*

Leonor,

*Nos belíssimos olhos amostrava  
Um certo agravo e queixa com brandura,  
E o rosto em frescas rosas convertidas  
Um afrontado pejo descobria.*

A descrição das cavalhadas é o episódio que mais realça no poema. Não temos outro seiscentista que enquadrasse mais lustrosamente essa espécie de festejos.

Garcia de Sá pouco tempo sobreviveu às festas nupciais das filhas. Morreu em 6 de Julho de 1549. A Índia Portuguesa perdera um dos seus mais discretos governadores. Os frades odiavam-no; mas a morte inesperada poupou-o à mágoa da de posição que já ia mar em fora quando ele expirou. S. Francisco Xavier estimava-o e deplorou-lhe o passamento.

O Sr. Oliveira Marreca (*Panorama*, t. VIII, p. 270) escreve que a carreira de Garcia de Sá fora *pouco ilustre, porque seria difícil a homem ainda mais qualificado do que ele era elevar-se acima da craveira ordinária da mediocridade depois do governo de D. João de Castro, como administrador o primeiro e mais zeloso que teve a Índia*, etc. A crítica ilustrada por documentos modernamente escavados nos arquivos não concorda com o eminente apreciador do vice-reinado do 4º governador da Índia. Já neste ligeiro quadro histórico se deram algumas linhas do perfil de D. João de Castro e o complemento dessa fisionomia está nas *Cartas* de Simão Botelho e nas *Lendas* de Gaspar Correia. Quanto ao Governo de Garcia de Sá, o Sr. Oliveira Marreca discrepa dos historiógrafos mais convizinhos dos dois governadores. O padre João de Lucena escreve, a propósito de S. Francisco Xavier profetizar o breve passamento de Garcia de Sá, que o padre se compadecera da Índia por *perder tão depressa um homem que não havendo um ano que a governava e em tempo que as guerras de Cambaia a tinham em grande falta de dinheiro a armou todavia por mar e por terra como se achara grandes tesouros, fazendo muitos e muito formosos galeões, e provendo todas as fortalezas de munições e mantimentos para qualquer trabalho e cerco que sucedesse. Sobre isso na administração da justiça e paz, que é o fim de todo bom governo, e da mesma guerra, Garcia de Sá se pode e deve contar entre os governadores beneméritos do Estado*. Quando D. João de Castro morreu, não havia dinheiro, nem galeões, nem provimentos nas fortalezas, nem paz, nem justiça – uma grande pobreza. É o que se depreende das necessidades que o seu sucessor remediou e das misérias que o 4º vice-rei expunha a D.

João III. (Veja as cartas publicadas por D. Fr. Francisco de S. Luís, na edição académica da *Vida de D. João de Castro*, por J. Freire de Andrade.) Não obstante, é prudente não prestar crédito absoluto ao jesuíta Lucena, se o não esteam outras autoridades. Ele diz que o sucessor de Garcia de Sá, Jorge Cabral, foi *varão de singular prudência e valor nas armas e a ninguém segundo na piedade e zelo da religião cristã*. Jorge Cabral foi ladrão quanto se infere das *Cartas* de Simão Botelho: e, pelo que respeita a piedade cristã, não a revelou com sua esposa D. Lucrecia Fialho quando a matou a facadas por encontrá-la em adultério com o primo dele D. Francisco de Castro, filho do bispo da Guarda D. Cristóvão de Castro. (*Nobil. de Cabedo*. Ms. tom. IV, p. 317.)

A morte foi benigna com o velho governador. Se vivesse um ano mais, veria sua filha Joana de Sá viúva de António Noronha, morto à porta de um pagode de malabares que incendiara (Outubro de 1550). Este fidalgo era filho do mais celerado vice-rei que fora à Índia, D. Garcia de Noronha, e irmão de D. Álvaro, capitão de Ormuz, notabilíssimo pirata. Quando arguíram este Noronha de entesourar riquezas enormes à custa de espantosas carnificinas, dizia «que um dos capitães passados, sendo *Lima*, levava 140000 pardaus, e passara sem embaraços; e ele, que era um *Noronha*, devia levar mais». Assim se distinguiam na craveira heráldica os Limas dos Noronhas. Parece porém que o genro do governador, deixando pobre a viúva, se esquecerera das obrigações do apelido, ou degenerara.

Maior incomparavelmente seria a angústia de Garcia de Sá se a vida se protraísse mais dois anos.

## III

Manuel de Sousa de Sepúlveda, nomeado capitão-mor dos rios, feriu a sua última batalha vitoriosa contra os malabares de Bardela, oito mil naires ajuramentados para a morte. Sepúlveda matou dois mil e recolheu-se a Cochim a fim de se embarcar para o reino, mas, enquanto se empilhavam os seus 7500 quintais de pimenta no galeão grande *S. João*, foi retemperar a sua espada no sangue dos príncipes índios conjurados contra o samorim. Era uma questão de especiarias; o samorim não queria dar pimenta nas condições ladravazes que lhe impunham os ínclitos heróis da Ásia.

No galeão, capitaneado por Manuel de Sousa, embarcaram duzentos portugueses e trezentos escravos. Nunca saíra da Índia nau tão ricamente fretada. O capitão, a esposa e dois filhos de tenra idade embarcaram ao içar das amarras. Entre os passageiros mais graduados ia um filho natural de Sepúlveda, um menino de nove anos, com a sua corte de escravos. O pai adorava aquele filho, nascido em Diu de uns amores ilícitos e sacrificados à paixão de Leonor.

Não me proponho ir na esteira do galeão, assinalando dia a dia, no percurso de três meses, aquela prolongada agonia. Há difusas particularidades deste naufrágio em crónicas, poemas e relações especiais. A narrativa é de si tão penosa que o contá-la não pode ser grato ao reconhecimento de quem a ler. Luís de Camões, quando ia de Lisboa para a Índia, podia ter visto ainda algumas relíquias do naufrágio sucedido um ano antes. O que o poeta encontrou decerto foi a compaixão inspiradora das três estâncias que ele pôs nos brados atroadores do cabo Tormentório. É a tragédia de Sepúlveda condensada em poucas linhas:

*Outro também virá de honrada fama,  
Liberal, cavaleiro, enamorado,  
E consigo trará a formosa dama  
Que amor por grã mercê lhe fará dado:  
Triste ventura, e negro fado os chama  
Neste terreno meu, que duro e irado,  
Os deixará dum cru naufrágio vivos,  
Para verem trabalhos excessivos.*

*Verão morrer com fome os filhos caros,  
Em tanto amor gerados e nascidos;  
Verão os cafres ásperos, e avaros  
Tirar à linda dama seus vestidos;  
Os cristalinos membros e preclaros,  
À calma, ao frio, ao ar verão despídos;  
Depois de ter pisado longamente  
Coos delicados pés a areia ardente.*

*E verão mais os olhos que escaparem  
De tanto mal, de tanta desventura,  
Os dois amantes, míseros ficarem  
Na férvida e implacável espessura.  
Ali, depois que as pedras abrandarem  
Com lágrimas de dor, de mágoa pura,  
Abraçados, as almas soltarão*

*Da formosa e misérrima prisão.*

Luís de Camões aligeirou os paroxismos de Sepúlveda: parece que lhe escasseavam as cores negras, o trágico alento para o horror do quadro. Antes quis que as duas almas se desatassem a um tempo, do que pintar Manuel de Sousa, o demente, recobrando a razão ante o cadáver da esposa e dos filhos, a cavar-lhes com as mãos a sepultura na areia. Não nos contou o grande poeta a dor que lhe apagara a razão – a morte de seu filho ilegítimo que os escravos abandonaram já nas derradeiras vascas, de cansaço e fome. Outro poeta, Luís Pereira Brandão, o da *Elegíada*, deu umas notas dessa tribulação, estragadas algum tanto pelos trocadilhos:

*Quando menos um filho o Sousa achando,  
Filho em quem memórias se acendiam  
Dum doce bem que foi, e ainda fora,  
Se não fora o que dentro nele mora,  
Que tanto que entendeu que era perdido,  
Porque não entendesse o que perdia,  
Lhe fez perder ali todo o sentido  
A saudosa mágoa que sentia...*

Mas Corte Real, como se a consciência o arguisse de enredar a verdade do crime expiado em ficções metafóricas, oferece no canto penúltimo um quadro de Eurípides, shakespeariano, frouxamente bosquejado. O espectro de Luís Falcão levanta-se e clama:

*.....Senhor, justiça  
Justiça por tal morte, e tão sem culpa.  
.....*

Este gemido vai subindo, subindo através dos mundos, e chega à presença do juiz supremo:

*Fazei-me vós, bom Deus, igual justiça,  
Pois vós vedes, Senhor, que a peço justa,  
E que a morte cruel que me foi dada  
A deu um cego amor, a mim inocente.  
Justiça peço a vós pois que na Terra...  
Aos que querem, dão cores, e ao que querem,  
Sem delito se achar, dão pena injusta.  
A justiça e a razão é lá vencida  
De um querer contumaz, ímpio e danoso.  
Mostram nas aparências. santo zelo,  
Intrínseca a maldade e a tirania.  
Desculpa não na dão, nem causa urgente  
Para os males, agravos e injustiças.  
Vós as vedes, Senhor, vós dai remédio  
Aos que não podem mais que a vós tornar-se.*

Justiça!, clamava o poeta. Ele devia saber que D. João III, quando o marido de Leonor era acusado de homicídio de Luís Falcão, enviava à Índia um governador, cujas acções, por sua real ordem, deviam ser submetidas aos alvitres de Manuel de Sousa de

Sepúlveda.

## IV

O desastre do criminoso, considerado uma expiação da atraçoada morte do inocente noivo de Leonor, fez conversões espantosas na Índia, pondo em evidência a justiça de Deus. Simão Botelho, o veador, correspondente de el-rei, era adverso à fradaria.

*Os religiosos desta terra [escrevia ele em 1552] querem gastar tão largo e dar tantas esmolas à custa da fazenda de Vossa Alteza que se gasta nisso uma boa parte do dinheiro [...]. Alguns querem muitas vezes fazer cristãos por força e vexar tanto os gentios que é causa de se despovoar a terra.*

Noutra parte conta que o confessor o excomungara e parece dar mínima importância à excomunhão. Reprova que os Dominicanos queiram apossar-se da propriedade alheia, metendo na sua cerca uma horta de Pêro Godinho. Enfim, Simão Botelho, a despeito da piedade do rei, ousa malsinar os frades que vão à Ásia e julga-os elementares na ruína do Império Índico. As suas últimas hostilidades às religiões são datadas em 30 de Janeiro de 1552 e o naufrágio de Manuel de Sousa deu-se em 24 de Junho do mesmo ano. Não há mais carta alguma do veador. Demitiu-se do cargo, *quando lhe abriu Deus os olhos para entrar em contas consigo*, no entender de Fr. Luís de Sousa, o historiador da sua conversão. Foi ter com o padre que o excomungara, o espanhol Fr. Diogo Bermudes, e pediu-lhe uma mortalha do hábito de S. Domingos. Vestiram-lhe o hábito de noviço. Abjurou as riquezas que possuía: foi o espanto da Índia e o desprazer do governador D. Pedro de Mascarenhas, que ia do reino atido aos seus conselhos e aos de Manuel de Sousa. Um apodrecia nos cavernosos brejos dos Ancozes; outro tiritava de remordentes pavores num cenóbio de domínicos. O governador fechava-se com ele na cela e governava a Índia sob os seus ditames. D. Constantino de Bragança levou-o consigo à conquista do Jafanapatão. O frade cavaleiro com a cruz alçada rompeu por entre os pelouros da artilharia inimiga e plantou-a nos baluartes escalados. Faltava-lhe este acto de piedade para amordaçar o seu remorso de veador da Fazenda. D. Constantino fez-lhe as despesas da missa nova, por ordem de D. Catarina. Ele não necessitava desta esmola, porque tinha dado de sua algibeira muitos milhares de pardaus para a fábrica do convento. Trabalhava com os operários como se não houvera nascido fidalgo <sup>9</sup>. Depois tratava de cristianizar os operários gentios e baptizava-os por sua mão. Ao cabo de onze anos de frade austero, pediu a extrema-unção, fez um discurso aos seus conventuais e expirou no Senhor.

É estranhável que Rodrigo Felner, sócio de uma academia opulenta de elementos históricos e subsidiado na publicação dos documentos concernentes à monografia da Índia Portuguesa, não indagasse suficientemente a biografia de Simão Bote-lho, a quem denomina «o homem mais ilustrado daquele tempo». Tão à ligeira lhe averiguou a vida que declara ignorar se acabou na Ásia, se foi galardoado pelos serviços que honradamente fez à Pátria, se foi abandonado ao esquecimento. Frouxa paciência indagadora muito desculpável pelo público desamor desdenhoso com que em Portugal se encaram de esconso livros inculcadores de vigílias e bolor de coisas antigas. Eu por mim ponho a trouxa dos estudos rãncidos sobre as largas espáduas de Eusébio Macário, a ver se alguém se anima a ler história nas grandes intermitências de insulsez que tornam tedioso o meu boticário.

---

<sup>9</sup> Era filho de Rui Gago e de D. Guiomar Botelho, filha de Pedro Bote-lho, juiz da Alfândega de Lisboa. Saiu da corte aos vinte e oito anos e serviu vinte e dois na Ásia.

Bem sei que estas miudezas biográficas destoam da superficialidade calaceira com que em Portugal se passa por cima da história. Até creio que já ninguém chama história a estes pormenores contingentes dos grandes quadros. A preguiça evade-se às cavaleiras da ignorância, dizendo que semelhantes miudezas são superfluidades; e eu pendo a crer que se entra muito no espírito do século XVII, estudando as causas que levaram Fernão Mendes Pinto à Companhia de Jesus e Simão Botelho à Ordem Dominicana. Os grandes cabouqueiros da penedia da história pátria acabaram com Alexandre Herculano. Os que mais convizinharam das suas lides eram uns meros curiosos, que faziam da ciência histórica uma diversão entre alegres jantares, palestras de camarins – a doce vida que não se compadece com os azedumes de um trabalho nem compensado, nem glorioso. Assim, tudo que se fez aqui no ventre das academias são fetos imperfeitíssimos que deviam de acabar antes de saírem à luz ao lado das elaborações primorosas, imorredouras dos Thierry, dos Macaulay, Niebuhr e A. Herculano.

## NOTA

Livros e manuscritos consultados para o esboço deste quadro histórico:

- Lendas da Índia*, por Gaspar Correia,  
*Décadas*, de Couto, *Soldado Prático*, do mesmo.  
*Vida de D. Paulo de Lima Pereira*, do mesmo.  
*Ásia Portuguesa*, de Faria e Sousa.  
*Itinerário*, de António Tenreiro.  
*Cartas*, de Simão Botelho.  
*Vida de S. Francisco Xavier*, de Lucena.  
*Memórias de Um Soldado da Índia*, compiladas por A. de S. Costa Lobo.  
*Notas de Fr. Francisco de S. Luís à Vida de D. João de Castro*, por Jacinto Freire.  
*Crónica de D. João III.* por Andrade.  
*História de S. Domingos*, por Fr. Luís de Sousa.  
*Revista Literária do Porto.*  
*Nobiliário*, de Manuel de Sousa da Silva. Ms.  
*Nobiliário*, de Damião de Góis. Ms.  
*Nobiliário*, de José de Cabedo. Ms.  
*História Genealógica da Casa Real.* Ms.  
*História dos Descobrimentos e Conquistas dos Portugueses*, pelo padre Lafittau,  
da Companhia de Jesus. (Versão de Manuel de Sousa.)  
*Agiolégio Lusitano*, por Jorge Cardoso  
*Naufração e Lastimoso Sucesso de Manuel de Sousa de Sepúlveda*, por Jerónimo  
Corte Real.  
*Sucesso do Segundo Cerco de Diu*, do mesmo.  
*Elegiada*, por L. Ferreira Brandão.

## GIL VICENTE

### EMBARGOS Á FANTASIA DO SR. TEÓFILO BRAGA

#### ADVERTÊNCIA

*No periódico Artes e Letras de 1873 publicou o Sr. Doutor Teófilo Braga dois artigos que pretenderam demonstrar, a toda a luz das demonstrações incontestáveis, que o poeta Gil Vicente era o escultor da celebrada custódia que foi dos frades Jerónimos e hoje pertence ao rei. Como nos artigos havia tal qual contextura de probabilidades fundamentadas num trecho genealógico evidentemente falso – mas para muita gente irrefutável –, a opinião do Sr. Braga, aplaudida por uma claqué de ignorantes ou preguiçosos em averiguações enfadonhas, fez prosélitos e passou em julgado na pequena roda de pessoas que sabem da existência e das obras do fundador do teatro português. Sujeitos de regular estudo e bem conceituados em literatura mostraram-se convencidos de que Gil Vicente lavrava custódias e corrigia cruces por ofício na corte de D. Manuel e D. João III; e, por curiosidade, nas horas vagas, fazia comédias e pregava sermões aos frades de Santarém. Alguém, na peugada exploradora do Sr. Doutor Braga, descobrira que Gil Vicente fora mestre de carpintaria em Santarém, porteiro dos contos da comarca de Beja, ourives da rainha D. Leonor –uma série de anacronismos, de ligeirices, de inépcias, que denotam grandes rivalidades de competência entre a ignorância e a ousadia. Isto num tempo em que a joeira do historiador, do biógrafo, dos obreiros da reconstrução, deve ter os orifícios do crivo estreitíssimos para que um bago de farelo não passe com a fina flor da farinha. Enfarinhados como sábios de Carnaval é que eles por aí se estadeiam, os refundidores dos velhos elementos; e, abusando do desleixo e da calaceirice dos seus contemporâneos, metem afoitamente mãos e pés nas trevas do passado de lá história como na Grécia os Hesíodos e Homeros tiravam teogonias do caos primitivo. São uns Bernardos de Brito mais destemidos e menos vernáculos. O de Alcobça escorava-se em autoridades imaginárias; estes, de têmpera positiva, estejam-se em si próprios.*

*Desconfiei sempre de que o Sr. Teófilo Braga sabia tanto do pai de Gil Vicente, como do pai de Luís de Camões, como da mãe de Sá de Miranda. Faltavam-me provas plausíveis para contraditar-lhe a sua biografia de Gil Vicente; mas sobejava-me aquele simples senso comum que só pelo tino palpa os aleijões históricos. Depois deliberei-me a trabalhar pela verdade quanto o incansável professor labutara de fantasia, e pude averiguar bastantes informações para de todo me convencer que um Gil Vicente fazia os autos e outro Gil Vicente as custódias do reinado de D. Manuel e D. João III. Não inculco a valia do meu escrito como inquestionável, porque há aí induções de mera intuição, propriamente minhas; mas submeto ao exame de quem quer que seja os testemunhos escritos que me encaminharam.*

A respeito de Gil Vicente, apenas subsistem opiniões fundamentadas nos fracos alicerces das biografias que precedem as suas obras. Dão-lhe como pátria Lisboa, Guimarães, Barcelos, e já o abade de Castro e Rivara lhe assinaram a vila de Pederneira. Esta última opinião está abaixo da análise: é uma puerilidade fundada uma passagem do *Auto da Lusitânia*, em que o licenciado relator vem dizer à cena:

*Gil Vicente, o autor  
Me fez seu embaixador,  
Mas eu tenho na memória  
Que para tão alta história  
Nasceu mui baixo doutor.*

*Creio que é da Pederneira,  
Neto de um tamborileiro;  
Sua mãe era parteira,  
E seu pai era albardeiro, etc.*

Se Gil Vicente fosse filho do albardeiro, não o mandaria apregoar na sala de comédia a um auditório fidalgo. A graça dessa passagem estava em que o auditório sabia perfeitamente que o poeta não era isso; ou bem pode ser que de, envilecendo-se, quisesse ironicamente amordaçar a maledicência invejosa que o detraia. Fosse o que fosse, a descoberta dos dois literatos é pouco menos de insensata.

Os que fazem Gil Vicente nascido em Lisboa apegam-se à tradição e nada oferecem para a sustentar. Costa e Silva dava como prova uns versos alusivos a D: João II, argumentando que o poeta ainda vira aquele monarca, e por conseguinte nascera em Lisboa. Isto não vale nada. Podia vê-lo aos vinte e cinco anos, se nasceu, como se presume, à volta de 1470, porque aquele rei morreu em 1495. Os que à imitação do Sr. Teófilo Braga, antes das suas últimas reconsiderações a favor de Guimarães, lhe dão Lisboa como sua terra porque ele num auto diz a «*nossa Júlia*», nada justificam, porque o dito de um personagem não nacionaliza o autor, nem um minhoto que diga a «*nossa Lisboa*» deixa presumir que lá nascesse. Diogo Bernardes era inquestionavelmente do Alto Minho e, falando do Tejo, escrevia:

*O triste caso que chorando cantas  
.....  
Ainda espero que farei ouvi-lo,  
Com grande espanto, com inveja grande,  
Dum pólo a outro, do nosso Tejo ao Nilo.*

Seria Bernardes de Lisboa, e não de Ponte de Lima, se o possessivo *nosso* significasse naturalidade.

Quanto à honra que Barcelos reclama – se é que Barcelos pensa em tal coisa –, essa tradição começou a ter uma certa força quando Fr. Pedro de Poiares, num livro publicado em 1672 com o título de *Tratado Panegírico em Louvor da Vila de Barcelos*, etc., disse, no artigo «Homens de Barcelos», p. 28:

*Gil Vicente*, em tempo de D. João o III, poeta célebre, foi natural de Barcelos; e andam algumas coisas suas impressas. Seu modo de dizer era

engraçado e era na qualidade nobilíssimo; Belchior de Góis Rego, homem principal da vida de Barcelos e do hábito de Cristo, comendador da casa de Bragança, era o seu neto ou bisneto.

Logo direi a causa desta errada suposição.

Pelo que respeita a Guimarães, a tradição mais corrente concorda com os poucos nobiliários em que apareceram Gil Vicente e os seus descendentes; e, se uma soma de probabilidades colhidas fora da tradição podem aproximar-nos da aparente verdade, assim mesmo, eu não ousarei afirmar que ele nascesse em Guimarães, pois que não juro cegamente nas afirmativas dos linhagistas.

Não se deve dar algum valor ao que escrevi numa das *Novelas do Minho* a respeito de Gil Vicente. Fiei-me na *Sedatura*, de Cristóvão Alão de Morais, a quem retirei as minhas crenças quando, com um pouco mais de estudo, conheci que este genealogista era às vezes ignorante e outras vezes mal-intencionado nas suas fraudulentas origens de famílias. Depois darei a razão da minha descrença.

Eram concordes as notícias, posto que vagas e não assentes, em dar nascimento nobre a Gil Vicente, quer ele houvesse nascido em Guimarães, Barcelos ou Lisboa. Quem primeiro o fez filho de um ourives de prata foi Alão de Morais. E o Sr. Teófilo Braga, que o dera fidalgo na *História da Literatura Portuguesa*, fê-lo depois plebeu, à conta do citado Alão, quando a procedência popular lhe conveio à profissão mecânica do escultor e poeta. Tal foi o assunto dos seus dois, aliás menos desordenados, artigos nas *Artes e Letras*; e tal é o motivo desta aborrecida nota com que pretendo desfazer a preocupação talvez contagiosa do professor do Curso Superior de Letras.

O nome *Gil* inçava Portugal no século XV, e os *Gis* e os *Vicentes* em Guimarães eram nomes comuns da alta, da média e da ínfima classe. Posuo um códice de 1455 em que os foreiros de casais dados à Igreja de Santa Maria por D. Afonso V são pela maior parte *Gis* e *Vicentes*.

Entre estes está o avô, segundo a filiação arbitrária de Alão de Morais, de um certo Gil Vicente, que poderia ser o escultor, mas com certeza não era o poeta.

Por esse tempo existia em Guimarães a família Cantos, procedente da Galiza. D. Maria Anes do Canto foi dama da rainha D. Filipa, mulher de D. João I. Em 1402, João Gonçalves do Canto, feito cavaleiro por aquele rei, vivia em Guimarães. Esta família saiu do Minho no reinado de D. Manuel e passou às ilhas em tempo de D. João III, onde adquiriu grandes casas que subsistem. Em Lisboa ficou uma vergôntea menos favorecida desse tronco ilustre, quer por bastardia, quer por capricho da fortuna bastarda. O desembargador Pedro da Silva do Canto, casando em Leiria na nobilíssima casa de Ataídes, continuou na metrópole a estirpe ilustre.

A essa família, em que também se vulgarizara o nome *Gil*, pertencia o poeta, bem como outro Gil Fernandes do Canto e seu filho Marcos Gil, moradores da casa de el-rei D. João III. (*Provas da História Genealógica*, t. VI, p. 585.) Pedro Anes do Canto, que instituiu um dos morgadios da ilha Terceira, era filho de Maria *Gil*. Jácome Carvalho do Canto, natural de Guimarães e autor de muitos livros místicos, era sobrinho de Gil Vicente, poeta cómico, diz Diogo Barbosa Machado, na *Biblioteca Lusitana*. Morreu em Lisboa em idade avançadíssima. Creio que fosse parente; mas, tendo morrido em 1623, não poderia ser sobrinho em primeiro grau do poeta falecido oitenta e tantos anos antes proximamente. Gil Vicente não se apelidava *do Canto*, é isto verdade; mas nenhum outro apelido usara; idêntica omissão guardou o seu parente Marcos Gil, filho de Gil do Canto.

A Universidade estava então em Lisboa. Gil Vicente seguiu o curso de Jurisprudência; não se sabe porém se o concluiu, se o interrompeu. Nada há persuasivo

de que o affecto às trovas implicasse a frequência do Direito. Não conheceu interiormente a corte de D. João II, como se tem dito, nem granjeou a estima da rainha, antes de viúva, com as suas composições.

Como tenho de escrever espécies ignoradas, ou pelo menos ainda não impressas, acerca de Gil Vicente, considero-me no dever de expor as velhas fontes de onde derivam novidades um tanto estranhas.

Possuo um corpo de nobiliarquia manuscrita em dez tomos in-fólio. No primeiro tomo, a modo de prefácio, lê-se o seguinte:

A quem ler, breve satisfação apologética da ordinária censura com que muitos costumam caluniar a quem, meramente curioso, gasta o seu tempo no emprego de semelhante trabalho. Com o leitor cândido falo; que o malévolo é indigno da minha satisfação. Nos penúltimos anos da minha vida, toda cheia de contínuos achaques, chegaram à minha mão uns livros genealógicos, escritos por José de Cabedo de Vasconcelos, natural e morador na vila de Setúbal, e juntamente uns outros papéis que Manuel Moniz Castelo Branco, natural da vila de Fronteira, deixou escritos dessa mesma matéria. De ambos estes, por saber que foram sujeitos de prendas e dignos de crédito, e por me constar fizeram particular estudo e exame para escrever com acerto, e verdade, nesta mesma matéria, mandei copiar e transcrever fielmente o que neles achei, nem me cansei nunca na averiguação de antiguidades. O principal fim que moveu a minha curiosidade a empreender este trabalho foi o achar nele curioso divertimento em tempo que não podia lograr outros, entendendo também não ser este tão ocioso e inútil que se não pudessem seguir dele algumas conveniências, não sendo a menor deixar estas memórias à minha posteridade, advertindo-lhe a cada qual em particular que faça o conceito delas que mais verosímil lhe parecer, porque em toda a lição que consta da variedade de opiniões dificultosamente se pode achar infalível certeza: maiormente no apuramento de tradições antigas. O segundo motivo que despertou a minha curiosidade foi ter-me ensinado a minha experiência que em muitas ocasiões se andam mendigando estas noticias frustradas muitas vezes (pela falta destes escritos) e com dano de muitos negócios importantes a quem as procura, como sucede nas oposições de algumas heranças e nas dispensações para casamentos. Nem obsta uma razão que escrupulosamente me podia divertir deste trabalho, que é o poder-me alguém objectar que destas noticias escritas pode casualmente resultar algum desdouro de família particular. Esta objecção facilmente se desvanece com duas razões mais nervosas e eficazes, sendo a primeira que se não lerá nestes escritos coisa alguma que possa macular o lustre de alguma geração, porque nisso pus grande cuidado; a segunda razão, porque é maior sem dúvida o crédito e abono que resulta a muitas famílias, pela injúria e mudança dos tempos, escurecidas do seu primeiro esplendor, fazendo-se lembrado este com a lição destas memórias. Se, ultimamente, neste trabalho achar quem o ler que mereço algum louvor, dê-o todo a Deus; e, se repreensão, benignamente lhe peço dissimule as minhas faltas.

Elvas, 7 de Julho de 1706.

AFONSO DA GAMA PALHA

Vejam os créditos que merece Afonso da Gama Palha na opinião de D. António Caetano de Sousa, e bem assim José de Cabedo e Vasconcelos e Manuel Moniz de Castelo Branco:

«O bacharel Moniz de Castelo Branco escreveu das famílias deste reino e especialmente das de Fronteira e Monforte. Os seus escritos copiou Afonso da Gama Palha e estão em poder de seu genro D. João de Aguiar Méxia, morador em Elvas. (*Aparato à História Genealógica*, t. I, p. CXXVII.)

Estes manuscritos são os que possuo. Quanto a José de Cabedo, diz D. António Caetano de Sousa:

José de Cabedo de Vasconcelos, filho de Jorge Cabedo de Vasconcelos e de D. Ana de Castelo Branco, natural de Setúbal, ao qual em 17 de Março de 1645 se lhe passou alvará de moço fidalgo, foi juiz de Tábola daquela vila, da família de seu apelido. Escreveu um nobiliário em cinco volumes que ficou a seu filho Jorge de Cabedo; teve grande trato com José de Faria e Diogo Gomes de Figueiredo, e assim os seus livros são estimáveis, e entram no número dos exactos, e de reputação, os quais eu vi. (*Idem*, p. CXXX.)

Indicada, tanto quanto é possível, a exactidão dos meus expositores, neles declino a responsabilidade que possa advir-me pela estranheza das notícias que vou transcrever a respeito de Gil Vicente.

Quer interrompesse, quer concluísse, a carreira jurídica, Gil Vicente foi honrado com a missão de ensinar Retórica ao duque de Beja, D. Manuel, que sucedeu no trono por morte de D. João II. D. Manuel era instruído, conversava muito jovialmente, tinha agudezas e era epigramático: denunciava a convivência do mestre que devia exercitar, nas prelecções, mais facécias de Plauto que sentenças de Quintiliano. O educando ficou muito afeiçoado à história, que lia assiduamente, e às palestras agradáveis *inter pocula*, posto que não bebesse vinho. Apraziam-lhe mais os bons conversadores à mesa de que os bons cozinheiros. (*De Rebus Emanuelis*, de J. Osório, *in fine*.) Os eruditos e os viajantes eram-lhe predilectos. Conhecia a preceito a língua latina; e nesta prenda, rara em monarcas, ser-lhe-ia grande auxiliar o latinista Gil Vicente. Enfim, tinha sido educado, no dizer do bispo de Silves, *como quem não fora criado na esperança de subir ao trono*. Aprendera Humanidades com D. Francisco Fernandes, bispo de anel em Évora; e não era hóspede na Astronomia, em que o leccionara o seu astrónomo Diogo Mendes.

A eloquência foi muito estimada em Portugal desde o reinado de Afonso V. A Retórica entre nós tem uma antiguidade que as outras nações devem invejar-nos. Ensinar-na em Lisboa Cataldo Sículo e Diogo Sigeo. D. João II admirava tanto o primeiro que, numa explosão de prodigalidade, lhe mandou dar um *mantão, pelote, calças de menim, jubão de cetim e um barrete*.

Nesse mesmo dia, mandava dar a André Fernandes, moço da cavalaria, um *capuz, pelote, calças e carapuça de antona, jubão de fustão com mangas e colar de veludo preto*<sup>10</sup>. A andaina de roupa de eguariço era melhor. Não se admire a gente da

---

<sup>10</sup> J. Pedro Ribeiro, *Dissert. Cronol.*, t. V, p. 308.

sovina remuneração do que D. Manuel deu ao seu mestre de Retórica. Todos os reis portugueses reunidos e espremidos não deram aos seus poetas tanto como el-rei actual a um que lhe pôs na rampa e à sua vista a bruta ferocidade de seu avô, que matou a sua avó a punhaladas e fez matar o suspeito adúltero com a faca de cozinha – a das almôndegas. Espostejava-se um Alcoforado como quem retalhava um veado de Vila Viçosa! E, neste caso, se alguém dava ares de veado, era ele.

O certo é que D. Manuel teve uma educação literária não comum para o tempo e quis que seu filho e os fidalgos a tivessem. A sua corte era um alfofre de erudição, cujas tradições a infanta D. Maria sustentou com as suas Sigeias e Hortênsias.

Aclamado D. Manuel, Gil Vicente seguiu a corte, sem todavia ter nela a nobilitação dos matriculados nas moradias da casa real. Deixou de professar a Retórica, visto que o real discípulo o dispensava, e abriu carreira nova criando o teatro. O ofício de fazer rir a corte não se distanciava muito da profissão dos truões, até mesmo na liberdade com que o faziam, a despeito da decência e das coisas respeitáveis.

Eram *pasquins*, como dizia Sá de Miranda, grandemente satirizado por Gil Vicente, como demonstrarei no estudo seguinte a este. Se D. João II, uma vez, dera o hábito de Sant'Iago a um negrinho que o fazia rir, D. Manuel houve-se briosamente não dando isso, nem o foro de escudeiro, ao seu artífice de comédias. Dava-lhe, ao que parece, o urgente para a vida.

Gil Vicente casou cedo com Branca Bezerra. Costa e Silva, com a sua usual superficialidade crítica, diz que o apelido da mulher indica pessoa ordinária. É certo que esta família decaíra por motivos de perfídias a D. Sancho II, acusadas pelo conde de Barcelos, no *Nobiliário*; mas no Alto Minho havia *Bezerras* fidalgos; e os de Branca, domiciliados em Lisboa, também eram ilustres. O chantre da Sé, Paulo Bezerra, conhecido de Miguel Leitão de Andrade, era dessa família, talvez sobrinho de Branca.

Esta senhora faleceu e foi enterrada em Évora com o epitáfio conhecido, que o viúvo lhe fizera:

*Aqui jaz a mui prudente  
Senhora Branca Becerra  
Mulher de Gil Vicente  
Feita terra.*

Não se sabe o ano da sua morte; mas eu, quando leio o tom magoado com que o poeta faz carpir-se um seu personagem na *Comédia do Viúvo*, representada em 1514, imagino que Gil Vicente desafogava a sua dor nos dizeres do viúvo, que sem essa personalidade seriam descabidos na comédia.

*Esta desterrada vida  
Que perdiera yo en perdella  
Quando al mundo fue venida?  
.....  
Que perdi mujer tan bella  
Como estrella.  
Y pues triste me dejó,  
Muriera mesquino yo,  
Y no ella.  
Plugiera a Dios que cupiera  
La suerte suya por mia;  
Pues quedé, que no debiera,*

*Robada mi companera,  
Consumida mi alegria.*

.....  
*Alegre com mi alegria;  
Con mi tristeza lloraba;  
Pronta à quanto yo decia  
Queria lo que yo queria;  
Amaba lo que yo amaba.*

A mesma frase do epitáfio:

*No fue mujer mas prudente  
En las prudentes.*

Uma das filhas do viúvo da comédia é *Paula*. Paula era também uma filha de Gil Vicente.

O falecimento de Branca seria repentino, porque Paula, deplorando-a:

*Ahora que mi madre estaba  
Mas alegre e descansada,  
Quando mucho sana andaba,  
Y mas recia se halíaba  
Cuan presto fue salteada!*

Quem ler as primeiras cenas da comédia sem lhes ligar a intenção dolorosa e pessoal do autor que compreenderá as demasias sentimentais do viúvo e dos filhos, que choram a boa esposa e mãe, não havendo, na estrutura da composição, cena alguma enlaçada com esse facto. Gil Vicente e sua filha Paula, sem mudança de nome, vinham a público carpir-se em sua orfandade e viuvez. Quando amarga seria ao poeta a obrigação de fazer rir nas cenas subsequentes!

A este tempo, Gil Vicente tinha três filhos: Paula Vicente, Gil Vicente e Luís Vicente. Gil deveria orçar pelos vinte e cinco anos; e ou estava na Índia, por onde tinha andado com Afonso de Albuquerque, ou regressara à Pátria depois da morte do capitão-general, falecido em 1515. Nos *Comentários do Grande Afonso de Albuquerque* encontramos a p. 422, edição de 1576, noticias deste filho de Gil Vicente, na qualidade de escrivão da embaixada:

Despachado este embaixador, mandou Affonso Dalboquerq em sua cõpanhia, pera assentar paz, Diogo Fernandez adail de Goa, e o filho de Gil Vicente por seu escrivão e João Nauarro por lingua [...]

Brás de Albuquerque, o historiador, quis ressalvar o equívoco que se daria, pondo o nome do pai, que era o mesmo do filho; ou teria de repetir nomes contra a beleza da redacção em que primou. Gil Vicente devia ser um dos seis ou sete escrivães que Afonso de Albuquerque usava trazer consigo, um dos quais foi Gaspar Correia, o das *Lendas*, que explica o seu officio a p. 46 da parte I do t. II das *Lendas da Índia*.

Gil Vicente, voltando da Índia, casou com uma senhora da família de Almadás e Meneses, ramo ilegítimo do tronco de Cantanhede e escasso de bens de fortuna.

Paula Vicente, foi recebida como moça da câmara de D. Maria e mais tarde na

corte de D. Catarina, como *tangedora* (música) e não «mestra de donzelas», segundo inculca o Sr. Teófilo Braga na *História do Teatro Português*, não sendo curial que as donzelas precisassem de ser *tangidas*.

Luís Vicente, em 1562, já muito na velhice, nos dá sinais de existir ainda, escrevendo o prólogo da edição das obras de seu pai.

Enviudara Gil Vicente, ao que parece, à volta dos quarenta e poucos mais anos.

Tinha enviuvado por esse tempo em Lisboa, do comendador de Cristo Gaspar de Góis Rego, D. Maria Tavares. Era natural de Barcelos o comendador, e ela de Ponte de Lima, lavares por seu pai e Borges por sua mãe. Gil Vicente contraiu segundas núpcias com esta senhora e teve dela uma filha que se chamou Valéria Borges. E aqui se vê como teve origem a tradição da naturalidade de Gil Vicente em Barcelos. Fr. Pedro de Poiães, que escrevia o seu livro, o *Tratado Panegírico*, século e meio distante do facto, disse que Belchior de Góis Rego era neto ou bisneto de Gil Vicente, sendo certo que o referido Belchior era apenas um dos enteados de Gil Vicente, porque D. Maria lavares teve de seu primeiro marido quatro filhos, cujas descendências não vêm aqui a ponto.

D. Valéria Borges casou na mesma família (onde casara seu meio-irmão Gil Vicente) com D. António de Almada e Meneses, quarto neto por bastardia de Cantanhede, e tiveram os seguintes filhos: D. Luís, D. Pedro, D. João, D. Constantino, que governou Chul, e três filhas religiosas, Brites, Helena e Maria.

O mais velho, D. Luís, que vencera o litígio do morgadio da Tamugem, casou com D. António de Almada, filha de seu primo co-irmão Gil Vicente. Desta homonímia infere-se que Gil Vicente dera o nome de seu pai a um filho que se casou com uma bisneta do poeta. Esta senhora, enviuvando, *se casou com um homem baixo*, diz José de Cabedo. A descendência de D. Valéria Borges some-se nos seus bisnetos D. António de Meneses, morgado da Tamugem, que casou em Setúbal, D. João, que não casou, D. Juliana, mulher de Manuel de Andrade, D. Maria, de António Garcês, e D. Helena, do corregedor Manuel de Brito Meneses.

Tenho dito o que pude averiguar; não se cuide todavia que os genealógicos deram alguma importância à pessoa de Gil Vicente. Ele entra nas páginas obscuras da costaneira porque teve um filho e uma filha ligados a Almadadas e Meneses. Pelo que respeita ao grande vulto literário do seu século, chamam-lhe «bom poeta e mestre de Retórica de D. Manuel».

O que nenhum deles lhe chama é lavrante da rainha D. Leonor, nem artífice da custódia de Belém.

Quem induziu o Sr. Teófilo Braga à hipótese, se não à certeza, de que o Gil Vicente poeta era o Gil Vicente lavrante foi a *Sedatura*, de Cristóvão Alão de Morais, que diz isto:

Martim Vicente foi um homem natural de Guimarães; dizem que era ourives de prata; não podemos saber com quem casou; só se sabe de certo que teve a GIL VICENTE, filho único deste Martim Vicente, foi homem muito discreto e galante, e por tal foi sempre muito estimado dos príncipes e senhores do seu tempo. Foi o que fez os autos que em seu nome se imprimiram, e por sua muita graça foram sempre celebrados pelos melhores que se fizeram naquele género. Está sepultado em Évora.

Não duvido que Cristóvão Alão de Morais se equivocasse com a origem dos homónimos Gis Vicentes de Guimarães; porque, de feito, houve dois contemporâneos, um que fazia os autos e outro as esculturas. No equívoco de Alão tem grande parte a superficialidade das investigações. Como linhagista, os seus ditames raro mereceram

crédito, e a opinião comum dos doutos a seu respeito era esta de D. António Caetano de Sousa, que reproduzo com todos os aleijões gramaticais:

Cristóvão Alão de Morais, desembargador do Porto, onde viveu e morreu, homem letrado na sua profissão e erudito, e mui dado às genealogias, de que escreveu seis volumes. Não se lhe pode negar que soube muito, mas não tinha intenção mui recta e que no que toca à genealogia, não merecem os seus livros estimação porque escreveu sem escolha, de pessoas desconhecidas, e que não deviam entrar em Nobiliário, e ainda que somente para deslustrar umas e outras as meteu entre as famílias ilustres e nobres. Estes livros vi nesta corte em poder de um religioso de S. Francisco que os tinha para os vender, e querendo um grande senhor comprá-los, mo comunicou, a que lhe respondi que só para os queimar o podia fazer, porque no mais não serviam para nada. (*Ap. Geneal.*, p. CXXII.)

O *grande senhor* – diga-se de passagem – que queria comprar a *Sedatura* não escapou à sagacidade de D. Fr. João de S. José Queirós, bispo do Pará, que o beliscou assim e injustamente nas suas *Memórias*, p. 160:

O duque de Cadaval D. Nuno Álvares Pereira não quis comprar as *Memórias Genealógicas* de Cristóvão Alão de Morais dizem que pela liberdade com que o autor qualificava as pessoas de quem escrevia. Creio que foi por não dar os 600\$000 réis que se pediam. Certo é que o tal duque fazia diário das indecências e misérias de muitas pessoas ilustres, vendo o mundo o castigo em sua casa sem passar a terceira geração. Aprendamos e tenhamos compaixão das misérias do mundo e até das do duque e sua casa.

O que há de melhor na crítica do bispo é o *aprendamos*; e, na observância do preceito prelatício, examinemos os artigos do Sr. Teófilo Braga, que, se bem me recordo, fizeram há seis anos certo abalo que ainda dura nos ânimos – nos raros ânimos impressionáveis por sensações de letras ou artes.

Concedo a Cristóvão Alão e ao Sr. Teófilo Braga que houve um Gil Vicente, de Guimarães, lavrante da rainha e escultor da custódia de Belém. Esse artífice Gil Vicente teve um filho, moço da capela de el-rei D. João III. A p. 789 do t. II das *Provas da Hist. Geneal.* lá se encontra BELCHIOR VICENTE, *filho de GIL VICENTE*. Este é que é o lavrante, o vedor das obras de ouro e prata, o primoroso artista da custódia de Belém, o qual teve bastante importância na corte, para elevar o filho até às *honras* de moço da capela, galardão que ele compartia com Lourenço Dias, da *mantearia*, e com Tristão Ferreira, *filho do sapateiro da rainha*.

Só o preconceito e o entusiasmo de inovador desculpam o Sr. Teófilo Braga de admitir que o douto, o filósofo, o gramático Gil Vicente, redigisse e abrisse com o seu buril a tosca inscrição da custódia. Quem acredita que o autor dos autos escrevesse *Aqvabov* por *acabou* e *sehor* por *senhor*? Esta ortografia denota, ainda em relação ao tempo, uma supina ignorância, injuriosa para o poeta.

Outros reparos aos artigos do Sr. Teófilo Braga.

Não é exacto, enquanto se não provar com aceitáveis autoridades, que Luís Vicente casasse com uma filha de Luís de Pina, fidalgo. Não descobri semelhante aliança depois de enfadonhas averiguações, nem em Torres Vedras jamais existiram fidalgos com apelidos de *Pinas e Godinhos*, como se depreende da *Descrição Histórica* de Torres Vedras por Manuel Agostinho Madureira Torres. Por esse tempo existiu em

Lisboa um Luís de Pina que era mentecapto. Se o esclarecimento é de Alão de Morais, não merece crédito.

Paula Vicente nunca foi camareira da rainha D. Catarina, como quer o Sr. Teófilo. Camareira era a máxima jerarquia nas empregadas do Paço. Desde 1542 até 1564, a camareira-mor (não havia camareiras menores) da rainha D. Catarina foi D. Cecília Boca Negra; desde 1564, que a rainha morreu, foi D. Joana de Eça – uma e outra das principais famílias do reino – e antes destas haviam exercido essas altas funções D. Maria de Velasco e D. Filipa de Ataíde. Paula Vicente, excluída de todos os empregos do Paço de alguma importância, era apenas *tangedora*, conforme o documento descoberto pelo Sr. Visconde de Juromenha.

O Sr. Teófilo Braga observa, em confirmação da sua hipótese, que, no *Cancioneiro de Resende*, a rainha manda versejar Gil Vicente no feito de Vasco Abul, e o poeta é aí chamado *mestre Gil Vicente*. Do *mestre* depreende o ilustre professor o *lavrante*. Mas a citação não é exacta, desculpe-me S. Ex. a O texto diz: «O *pareçer de Gyl Viçente n'este processo*», etc. Nesse mesmo processo aparece uma *ajuda de mestre Gil*; mas este mestre Gil não era o poeta dos autos: era o cirurgião-mor

Gil da Costa; e o facto da *ajuda* demonstra que ele exercia o seu ofício como cirurgião. É um gracejo do colector Resende ou de quem quer que fosse. Gil Vicente, na *Farsa dos Almocreves*, faz o comento da palavra:

*Porque às vezes estas ajudas  
São melhores que os cristéis.*

Este mestre Gil é o mesmo a quem o cómico, no uso singular de nomear em suas composições pessoas conhecidas, alude na *Farsa dos Físicos*. E o médico Torres que fala:

*Topei ali com mestre Gil  
E com Luís Mendes, assi  
Que praticamos ali  
O Leste e o Oeste e o Brasil.*

Sátira aos médicos, que, nas juntas, em vez de falarem do doente, falam do Leste.

Os escultores também eram mestres. Mestres eram os cirurgiões, os médicos, os boticários. (*Provas da Hist. Geneal.*, t. VI, p. 620.) Também se chamava *mestre* o chefe dos tamborileiros. (*Idem*, t. V, p. 612.) Mas os poetas, os farsistas, os colaboradores do *Cancioneiro*, só eram *mestres* quando eram físicos, como Gil da Costa, o da ajuda a Vasco Abul.

E a propósito de outro *mestre*:

Numa crónica fradesca mostrou alguém ao Sr. Teófilo Braga que a rainha D. Leonor testara ao Mosteiro da Madre de Deus o relicário que fez mestre João. Visto isto, o professor escreveu:

O mestre João, autor do relicário [...] é, *sem dúvida*, o mestre João Gonçalves, natural de Guimarães, patrício de Gil Vicente, e sobrenominado o *Engenhoso*; pela sua extraordinária vocação artística; a época em que se fixa a sua actividade (1521-1563) coincide com o tempo em que a rainha Leonor escreveu o seu testamento, etc.

Ora este João Gonçalves, de Guimarães, que se fez conhecer numa moeda

cunhada em 1563 (aliás 1562), segundo o Sr. Teófilo Braga leu no estimável livro do Sr. Teixeira de Aragão, *Description des monnaies, médailles, etc.*, Paris, 1867, não era o mestre João que fez o relicário. Interpõe-se meio século de um ao outro. Mestre João é um ourives que floresceu no reinado de D. João II e ainda trabalhou no reinado de D. Manuel até 1511. Não era Gonçalves nem era de Guimarães: era simplesmente *mestre João* nos documentos, um dos quais notou João Pedro Ribeiro nas *Dissertações Cronológicas e Críticas*, t. 1, p. 332. Diz assim:

Alvará para se pagar em pimenta à razão de 22 cruzados ao quintal 131\$430 réis a mestre João ourives do Feitio da Custódia que mandara fazer (D. Manuel) para o Mosteiro da Conceição de Beja. A 25 de Junho de 1511.

O Sr. Teófilo Braga, antes de formular as suas *indubitáveis* asseverações, devia temperar-se aos rançosos processos de estudar muito para afirmar pouco. As suas precipitadas inferências poderiam danificar-lhe a autoridade, se tivesse alguma.

Quem o autorizou a dizer que João Gonçalves, o *Engenhoso*, trabalhou activamente entre 1521 e 1563, se o Sr. Aragão simplesmente lhe ensina que João Gonçalves, de Guimarães, gravou numa moeda do reinado de D. Sebastião a data 1563? Ninguém o autorizou. Logo: a primeira data 1521 é fantasia do Sr. Teófilo Braga, é uma fraude inocente e irrisória; mas não deixa de ser uma falsificação que o exautora do mínimo crédito em algarismos biográficos. Os percalços destas mistificações são nulos num país de preguiçosa incúria; mas os menos lidos, como eu, abrem ao acaso um livro de João Pedro Ribeiro e encontram a obra notável de mestre João ourives fabricada antes de 1511; depois, de documentos indutivos e consentâneos infere-se que as afirmações menos aceitáveis como exactas são aquelas que o Sr. Teófilo nos encampa com esta nota charlatã: *sem dúvida*. Quando lhe falo em documentos indutivos, não pretendo imitá-lo no fabrico de desastrosos testemunhos mentais. Quero dizer-lhe que, depois de ler João Pedro Ribeiro, fui consultar o bispo-conde na *Lista de Alguns Artistas Portugueses*, p. 17, e Viterbo no *Elucidário*, t. I, p. 403, 1ª ed., na palavra «Engenhoso», D. António Caetano de Sousa, na *História Genealógica*, t. IV, cap. III, palavra «Moeda do Engenhoso», e Fr. Joaquim de Santo Agostinho, na «Memória sobre as moedas do reino e conquistas», no t. I das *Memórias da Academia Real das Ciências*, p. 364.

Não destoa deste assunto, e a propósito do *Engenhoso* vimaranense, recordar que Guimarães já era no reinado de D. Dinis um manancial de artífices célebres. O melhor serralheiro daquele tempo em Portugal vivia em Guimarães: chamava-se Mem Anes. A pedido da rainha D. Isabel, quando fundava o convento em Coimbra, mandou D. Dinis fabricar uma grade para o coro das freiras, por ser aquele serralheiro o melhor mestre. Consta de uma carta autógrafa, que ainda viu Francisco Leitão Ferreira, escrita de Coimbra por D. Isabel ao monarca. Pede-lhe urgência na obra de um *ralete do reso do Mosteiro de Sãta Crara*, que o rei mandara fazer a *Vimarais, por la jazer o mestre mais boõ q o fageria cõ a feisõ que se requer*. O rei respondia-lhe: *Sõ serto que será de feiçõ o ralete que nõ aja otro tal qual elle*<sup>11</sup>.

Por último, e como alívio às almas comiseradas pela indigência de que tão lastimado tem sido Gil Vicente, parece-me não há razão para se fantasiarem misérias derivadas de uns versos jocosos do *Auto Pastoril Português*. Essas lástimas eram o

---

<sup>11</sup> *Colecção dos Documentos e Memórias da Academia Real das Ciências*, t. IX, p. 151. Francisco Leitão Ferreira presume que *ralete de reso* seja *grade de coro*. Pendo a crer que fosse a grade que separava o alpendre exterior da quadra interior que Fr. Luís de Sousa na *História de S. Domingos* chama *recebimento (reso)*.

achaque de todos os seus coevos da enfermaria de Apolo ou do hospital das letras. Baltasar Dias, Afonso Álvares, Chiado, António Prestes, Camões e Bernardes, todos se prantearam. Era uma abjecção epidémica nos poetas portugueses, e demais a mais não desculpável pela inexorável penúria. A corrente mendiga partiu-se somente depois que a irrisão pública respondeu às choradeiras ignóbeis de Nicolau Tolentino, que tinha sege,

*Que sege, senhor conde!...*

Devo confessar que o Sr. Teófilo Braga urdiu com algum, porém funesto, ardil engenhoso a sua novidade, e é por isso mesmo que, com menos artifício e mais naturalidade, intento desfiar-lhe o tecido para desfazer preocupações que atrasam, em vez de adiantarem as inquirições úteis para a nossa história literária.

Num livro intitulado *Sumário de Vária História*, publicado em 1873, lê-se o seguinte período de uma vacuidade deplorável:

Hoje já pouca dúvida pode haver sobre Gil Vicente lavrante ser o mesmo Gil Vicente autor dramático, em face das profundas e eruditas investigações a que procedeu o Sr. Doutor Teófilo Braga... O estudioso professor chegou a induções, pelo exame da sua genealogia e das suas obras, que são bem fundadas; e ainda quando não haja um documento autêntico pelo qual se prove que Gil Vicente lavrante da rainha D. Leonor é o mesmo Gil Vicente autor dramático... os factos deduzidos pelo Sr. Doutor Teófilo Braga levam a crer que o autor e o lavrante são o mesmo homem.

Eis a conclusão.

Lido isto, lembra-se agente de uns dizeres de Balzac a Leon Gozlan: *Si vous saviez combien l'on ne sait rien!*

O Sr. Doutor Teófilo Braga é homem de muitas letras no rigor da palavra; mas juízo literário ainda não vi quem professasse menos. O Sr. Ramalho Ortigão, escrevendo-lhe há pouco a biografia intelectual, disse botanicamente que ele era um escalracho. Eu também digo isso. Estende-se, enraíza-se, agarra-se, enreda-se, estraga tudo que toca. Um escalracho tal e qual.

## SÁ DE MIRANDA

Alexandre Herculano dava pouco valor ao estudo das linhagens como documentos históricos, posto que empregasse esmerado zelo na edição do *Nobiliário* do conde de Barcelos, cuja autenticidade exclusiva invalidou com razões há muito conhecidas pelas notas de Manuel de Faria e Sousa ao mesmo *Nobiliário*.

Se o grande historiador não desdenhasse as genealogias, escusava de confessar-se menos sabedor de um escândalo clerical que fez estrondo no fim do século XV. No vigoroso opúsculo de polémica intitulado *Solemnia Verba* vem de molde contar o refutador da lenda de Ourique como o arcebispo de Braga D. João Galvão, antes de obter a confirmação, que nunca obteve, ia comendo as rendas da mitra; e não sabe dizer até que ponto eram graves as culpas do arcebispo que assim se arriscava a perder a dignidade arquiépiscopal<sup>12</sup>. O caso passou-se assim:

D. João Galvão, bispo de Coimbra e primeiro conde de Arganil, amou D. Guiomar de Sá, irmã do cónego Gonçalo Mendes de Sá. Dizem memórias que ela era muito formosa e de nenhum modo estéril. O seu amor desabotoou-se em duas flores – dois filhinhos, um menino que veio a ser arcediogo de Lavra e uma menina que professou em Lorvão. Eles, o bispo e D. Guiomar reproduzem-se um pouco em pecado; mas resgatavam-se da culpa fazendo filhos para serviço da Igreja. Feliz culpa, que produziu uma freira e um arcediogo.

Os Sás de Coimbra, gente de ruins entranhas, timbravam de muito fidalgos. A fragilidade da irmã era-lhes injuriosa. Tinham má vontade ao bispo; mas o prelado, da intimidade e da escola violenta de D. João II, era temível, por si e pelos seus homens de armas. Em Coimbra havia dois arsenais de espadas e montantes, de alabardas e partazanas: um era no mosteiro dos cónegos regrantes, o outro no Paço Episcopal. Os Sás aguardam ensejo pacífico de remediarem o escândalo sem se arrisarem. Ajeitou-se-lhes a ocasião.

Como o bispo-conde fosse nomeado arcebispo de Braga em 1480, e para lá partisse a cobrar as rendas, como diz Alexandre Herculano, os Sás, na sua ausência, induziram ou violentaram a irmã a casar com um Afonso de Barros, sujeito, a meu ver, de medianos escrúpulos em coisas de honra. As genealogias daquele tempo são ricas destes maridos, conquanto que as esposas houvessem sido amásias de reis e de bispos. Logo darei notícia de outro marido da mesma laia.

O arcebispo, assim que teve notícia do casamento em Braga, fez tanger as trombetas bastardas, mandou armar algumas centenas de vassalos, bravos minhotos e em trem de guerra marchou sobre Coimbra, disposto a levar os Sás, a pérfida e o noivo a ferro e fogo. Saiu-lhe ao encontro, com bandeira de paz, João de Sá, irmão de Guiomar, e com súplicas e razões o desceu da sua ira, movendo-o a desandar no caminho de Braga. Este João de Sá, que tinha sido o alcaiete dilecto do prelado, soube manter-se na sua estima e ganhou com bem calculada abjecção apanhar-lhe o prazo do Carval. Os actuais condes da Anadia descendem daquele João.

Quem nunca transigiu com o prelado, falecido em grande pobreza cinco anos depois, foi o cónego. Não se cuide, porém, que este padre Gonçalo Mendes de Sá, tão cioso da honra da mana, desse exemplo de castidade à família. Ele estava abarregado com uma manceba de quem teve seis filhos, um dos quais se chamava Francisco de Sá Miranda, grande poeta, do qual algumas pessoas extremamente curiosas têm lido três até quatro páginas; mas muitíssima gente o conhece das antigas charadas:

---

<sup>12</sup> *Opúsculos*, III, p. 169.

«Sou poeta português» – 1.

Poeta português? Uma? É Sá.

Assim é que se generalizou nas famílias o nome do poeta <sup>13</sup>. As pessoas lidas estão afeitas a ouvir dizer a Costa e Silva, a Varnhagem, ao Sr. Cónego Fernandes Pinheiro e ao Sr. Doutor Teófilo Braga que Sá de Miranda era filho de Gonçalo Mendes de Sá e de Filipa de Sá. Aqueles biógrafos interpretaram erradamente a filiação que lhe deu Gonçalo Coutinho na 2ª edição das suas obras em 1614.

Gonçalo Coutinho escreve:

Nasceu Francisco de Sá de Miranda na cidade de Coimbra, no ano do Senhor de 1495 [...], foi filho de Gonçalo Mendes de Sá e neto de João Gonçalves de Miranda e de D. Filipa de Sá, sua mulher, que era filha de Rodriguenes de Sá; etc.

Aqui não se nomeia a mãe, é a avó, mulher de João Gonçalves, avô de Sá de Miranda. Vê-se que o biógrafo acintemente deslizou do pai aos avós, como se naquele tempo ou hoje em dia os netos de Sá de Miranda se envergonhassem de ser netos de um cónego fidalgo. Quem quiser ilustrar-se consulte as genealogias manuscritas dos *Sás de Coimbra*.

Francisco de Sá de Miranda doutorou-se na Universidade de Lisboa e foi viajar, quando orçava pelos vinte e seis anos. Andou ausente cinco anos e, regressando, viveu ora em Lisboa, ora em Coimbra, muito na intimidade da corte e na glória de poeta renovador. Como era pobre, solicitou a comenda das Duas Igrejas no Alto Minho, obteve-a, e retirou-se, à volta dos quarenta anos de idade, dizendo mal da corte, aonde nunca mais tornou.

É de suspeitar que Sá de Miranda, o clássico iniciador da escola italiana, menosprezasse a reputação mais genial e menos culta de Gil Vicente; e naturalmente o autor das *Farsas de Folgar* meteria a riso na cena o detractor, como usava com personagens de maior respeito. Na farsa do *Clérigo da Beira*, a sátira a Sá de Miranda é pessoal de mais para a considerarmos mera casualidade. Já sabem que Francisco de Sá era filho de um clérigo. O clérigo da farsa tem um filho que também se chama *Francisco*. O próprio pai lhe diz com conhecimento de causa:

*Filho de clérigo és,  
Nunca bom feito farás.*

A comédia foi representada em 1526 em Almeirim. Florescia então na corte Sá de Miranda com grande voga de poeta. A essa invejada prosperidade aludira ironicamente Gil Vicente, quando o clérigo, menoscabando as qualidades do filho, diz:

*Medraria este rapaz  
Na corte mais que ninguém,  
Porque lá não fazem bem  
Senão a quem menos faz,*

---

<sup>13</sup> Os outros filhos do cónego eram: Mem de Sá, desembargador dos agravos e governador do Brasil; Henrique de Sá, cónego em Coimbra, que deixou geração; Gaspar de Sá, que morreu na Índia; Fernão de Sá, mamosteiro dos cativos, emprego rendoso; e finalmente Manuel de Sá de Miranda, prior de Nogueira.

*Outras manhas tem assaz,  
Cada uma muito boa:  
Nunca diz bem de pessoa,  
Nem verdade nunca a traz.  
Mexerica que por nada  
Reverá S. Francisco,  
Que para a corte é um visco,  
Que caça toda a manada.*

Pouco antes, vêm à baila os filhos de Fr. *Mendo*. Haveria intenção de fazer bem transparente a sátira, porque o pai de Sá de Miranda era o padre Gonçalo *Mendes*. Outra alusão clara: os Sás eram também *Meneses*, e dessa aliança lhes vinha o maior realce da sua prosápia. Gil Vicente, na mesma farsa do *Clérigo da Beira*, zombeteia dessas pretensões em cortesãos que têm costela de lavrador. Seria de baixa esfera a mãe de Francisco de Sá. O satírico diz:

*Vejo eu portugueses  
Da corte muito alterados.  
Mais propínquos dos arados  
Que parentes dos Meneses.*

Se Francisco de Sá de Miranda taxou indirectamente de *pasquinadas* as farsas do seu coevo, não lhe faltaria direito à mais sensível desforra; mas não a tirou, o reportado filósofo. Quando se refugiou para sempre na Tapada, iria também desgostoso das chufas teatrais do irresponsável *Pasquino*; mas, em compensação, o poeta sério lograva a comenda das Duas Igrejas e o poeta cómico não tinha *um ceutil*, como ele mesmo confessa.

Saíra talvez da corte desgostoso e ferido também na sua consciência de legista e na sua sensibilidade de parente de dois, homens iniquamente esbulhados dos seus haveres.

Seu tio em segundo grau, António Borges de Miranda, senhor de Carvalhais, Ílhavo e Verdemilho, casara com D. Margarida, filha de D. Afonso Henriques, senhor de Barbacena, de quem houve dois filhos, Simão de Miranda Henriques e Gonçalo de Miranda da Silva, ambos seus companheiros de infância, e o segundo, futuro abade de Avelãs, seu contemporâneo na Universidade, onde se doutorou em Direito Canónico.

António Borges de Miranda, já avançado na idade, viuvou; mas, ainda verde nas fragilidades, engraçou com D. Antónia de Barredo, fidalga ainda fresca e formosa, que tinha dado à luz um filho de D. João III, um D. Manuel que morreu criança. Os cronistas, e nomeadamente D. António Caetano de Sousa, lembram-se do nome do filho, mas ocultam o nome da mãe. Não usaram igual delicadeza com D. Isabel Moniz, mãe do outro filho ilegítimo de D. João III, o malogrado D. Duarte, arcebispo de Braga, que morreu de bexigas aos vinte e dois anos de idade.

D. Antónia de Barredo, segunda mulher de António Borges de Miranda, gerou Rui Pereira de Miranda. Este filho do segundo matrimónio estava legalmente fora da sucessão dos vínculos de seu pai, que pertenciam a Simão de Miranda Henriques, o primogénito em primeiras núpcias. Por sua mãe pouco tinha que herdar.

Faleceu o pai. O sucessor da casa, Simão Henriques, habilitava-se naturalmente, quando o irmão uterino e a viúva lhe saíram com embargos à posse. Divulgou-se a pretensão absurda do filho da Barredo. Os jurisconsultos, tanto os estranhos como os interessados na justiça de Simão, indignaram-se contra os embargos. No entanto, D.

Antónia recorreu ao seu real antigo amante e os desembargadores, obrigados por D. João III, sentenciaram a favor do filho do segundo matrimónio, que se apossou de todos os haveres vinculados e comendas de seu pai<sup>14</sup>.

O Doutor Francisco de Sá de Miranda, primo e amigo dos dois sacrificados, não ousaria expressar o seu agastamento contra o rei, porque lhe era mister a comenda; mas, como jurisconsulto, improperou talvez a iniquidade dos juízes e assim ofenderia indirectamente os ministros Alcáçova Carneiro e Pedro de Carvalho, medianeiros na escandalosa sentença imposta pelo monarca; e como poeta resfolgaria o seu azedume nos versos:

*Los ayres andam corrutos,  
Los hombres cada vez más.*

Aludia à peste e ao desavergonhamento.

Bem pode ser que a suficiente comenda das Duas Igrejas lhe fosse dada como preço do silêncio. Ele aceitou-a e retirou-se da corte em 1534 cheio de enojo das infâmias que presenciara e talvez receoso da vingança dos poderosos protectores de D. Antónia de Barredo. Isto é uma hipótese para obtemperar a certa opinião perfilhada pelos biógrafos, quanto aos dissabores do poeta explicativos da sua vida eremítica na Tapada. Querem que esse tédio do mundo procedesse de haver sido parcial do marquês de Torres Novas quando o infante lhe disputou e tirou a noiva clandestina D. Guiomar Coutinho. Isto não tem jeito. Se Sá de Miranda aludisse na écloga *Amores* ao infante D. Fernando, D. João III, e o príncipe, e o cardeal, não lhe dariam a comenda nem o honrariam com as suas cartas.

Não é fácil rastejar a causa do seu desafecto à vida da corte e refugar-se a tristeza com que viu seus primos esbulhados da herança do pai; mas este desgosto pode ser que não explique o afastamento que mais depressa se deduz do temperamento melancólico e agreste que ressuma das suas elegias à morte da sua amada em Coimbra, a Délia, que tão chorada ficou nos seus poemas e nos dos poetas seus amigos – saudades que frequentemente o salteavam a termos de que se *suspendia algumas vezes e mui de ordinário derramava lágrimas sem o sentir*<sup>15</sup>.

Antes de retirar-se à Tapada – quinta da sua comenda e não da casa de Castro, como assevera o Sr. Teófilo Braga – pediu Sá de Miranda a D. João III que fosse medianeiro no seu casamento com a irmã de Manuel Machado, opulentíssimo senhor de Entre Homem e Cávado no Alto Minho. O rei interveio e de pronto foi cedida ao poeta D. Briolanja de Azevedo, senhora que ele nunca vira<sup>16</sup>. O irmão observou-lhe que ela tinha pouca formosura, menor dote e já bastantes anos. Não se demoveu Francisco de Sá. Viu-a, quando já estava residindo na Tapada; e, um ano depois, casou. Diz-se que ela era tão velha que já se abordoava a um pau. Creio que lhe atribuem a velhice à conta

---

<sup>14</sup> Manuel de Sousa e Silva, *Nobiliário das Gerações de Entre Douro e Minho*. A frase do genealogista é esta: «Rui Pereira de Miranda sucedeu na casa de seu pai por assim o querer D. João III.» O crédito deste nobiliarista está assim consignado a p. 163 do t. I da *História Genealógica da Casa Real*: Manuel de Sousa da Silva, filho de António de Sousa Alcoforado e de sua mulher, D. Isabel da Silva, filha de Duarte Carneiro Rangel. Foi capitão-mor do conselho de Santa Cruz de Ribatãmega; escreveu notas ao conde D. Pedro num grande volume in-fólio que se conserva original da sua mesma letra na livraria de Luís Carlos Machado, senhor de Entre Homem e Cávado. Escreveu em quintilhas os. solares de todas as famílias do reino, manuscritas, e um grande número de títulos de famílias com muita exactão, porque viu os cartórios dos mosteiros antigos do Minho de que tirou muitas antiguidades para as famílias de que tratou.

<sup>15</sup> *Vida do Doutor Francisco de Sá Miranda*, por D. Gonçalo Coutinho, na edição de 1614.

<sup>16</sup> *Vida de Manuel Machado de Azevedo*, p. 84.

do cajado e não reparam que ela teve dois filhos e foi dezoito anos casada. Esta lenda do pau formou-se de um erro de imprensa na *Vida de Sá de Miranda*, contada por Gonçalo Coutinho. Aí se lê que Francisco de Sá dissera à noiva:

«Castigai-me, senhora, com esse bordão porque vim tão tarde.» Seria esquisito, porém, e impróprio da irmã de tão graduado fidalgo receber de pau nas unhas o noivo em sua casa. Quem levava o bordão era o poeta. Aquele adjetivo articular *esse* é um erro tipográfico. Francisco de Sá diria: «Castigai-me, senhora, com *este* bordão porque vim tão tarde.» Significava assim que já ia no declinar dos anos, pois excedia os quarenta <sup>17</sup>.

Sá de Miranda foi marido exemplar. Repreendia as sensualidades do cunhado que também era poeta, mais femeeiro que apolíneo. Amava ele, à minhota, uma Maria Colaça, não obstante ser casado com a formosa Joana da Silva – *Nossa Senhora da Silva*, como ele disse ao rei quando o surpreendeu pintando-a de memória. Sá dê Miranda queria que ele deixasse a manceba e Manuel Machado respondia-lhe cinicamente:

*De médicos, nem sangrias  
Nesta idade, não curemos.  
Boas são as romarias,  
De mais longe, e sem Marias  
Por que não nos mariemos* <sup>18</sup>.

Este frascário fidalgo afinal, quando passava dos oitenta anos, morreu tão ajuizado, tão contrito, tão santamente, que, à hora da sua morte, viram-se dois meninos impalpáveis no seu quarto com uma hóstia e outro com um cálice <sup>19</sup>. Uma grande figa feita ao Diabo.

Não se deprenda que Sá de Miranda fosse descarável com as senhoras, *extramatrimonium*, como diria o Sr. Conselheiro Viale. Pelo contrário, não compreendia a vida sem elas, e francamente o disse na écloga *Basto*:

*Mas onde hi não há mulheres  
Vida nem gosto não há.*

Todavia, como homem bem morigerado pelos anos, dera à esposa o coração estreme, excluindo dessa entranha arisca todas as mulheres a quem apenas concedia licença – uma concessão assaz agradável, qualquer que fosse. Ele o declara magnanimamente numa das *cartas*:

*Era em grande diferença  
Se casaria, se não;  
Houve de sair sentença  
Que a só uma o coração  
Desse, e desse às mais licença.*

Há sujeitos corruptos que pedem licença às mais e a concedem à sua. Por isso é que ao nosso poeta filósofo se chama *Sêneca* português.

Sá de Miranda também era devoto; fez várias poesias à Virgem, o santíssimo

<sup>17</sup> Extracto de uma carta minha para um almanaque.

<sup>18</sup> *Vida de Manuel Machado*, pp. 87 e 115.

<sup>19</sup> *Idem*, p. 136.

símbolo do ideal do amor, a quem as melhores líras portuguesas, a de Garrett por exemplo, prestaram homenagem. É a idolatria das mulheres purificada em adoração, é um refúgio das almas saciadas e sempre sedentas.

Quando não lia o seu Homero, jogava o tabuleiro, tangia rabeça, era muito músico e também ia à caça dos lobos, foteado e à gineta. Gostava de hóspedes, que banqueteara lautamente. Carteava-se com os poetas vizinhos e fazia as melhores quintilhas do seu século.

Morreu-lhe um filho às mãos da mourisca em Ceuta; o outro ficou em casa a tocar vários instrumentos com grande perícia e a levar no coração infâmias que poderiam enegrecer a memória do pai que o gerou. Logo falarei dele.

Quando tinha sessenta anos, enviuvou. Ainda fez um soneto de lágrimas à morte da esposa, e nunca mais versejou, *nem aparou a barba, nem cortou as unhas, nem respondeu a carta que alguém lhe escrevesse*. A história das unhas é singular e não é limpa<sup>20</sup>. Em 1558, aos sessenta e três anos de idade, acabou<sup>21</sup>. A electricidade poética

<sup>20</sup> *Vida do Doutor Francisco de Sá de Miranda*, por D. Gonçalo Coutinho.

<sup>21</sup> Há um soneto de reputação europeia, entre os trinta e um de Sá de Miranda. Bouterweck, Sismondi e Ferdinand Dinis não o perceberam: mas aclamaram-no admirável. Não espanta que o não entendessem do modo como ele está pontuado na 1ª edição e deturpado na 2ª. Além disso, Sá de Miranda, como diz D. Francisco Manuel de Melo, é tão vernáculo em seu estilo, tão cerrado português, que nenhum estrangeiro pode entendê-lo. (*Hosp. das Letras*, p. 313.) É este o soneto que eu pontuei, discrepando da opinião, que vou expor, dum eminente literato:

*O Sol é grande: caem coa calma as aves.  
Do tempo em tal sazão que soe ser fria.  
Esta água, que d'alto cai, acordar-me-ia  
Do sono não, mas de cuidados graves.*

*Ó coisas todas vãs, todas mudaves!  
Qual é o coração que em vós confia?  
Passando um dia vai, passa outro dia,  
Incertos todos, mais que ao vento as naves.*

*Eu vi já aqui sombras e flores.  
Vi águas e vi fontes, vi verduras.  
As aves vi cantar todas d'amores.*

*Mudo e seco é já tudo, e de mistura  
Também fazendo-me eu fui doutras cores:  
Se tudo o mais renova, isto é sem cura\*.*

José Gomes Monteiro, o homem de mais variada literatura e erudição que ainda conheci, estudou muito a vida íntima de Sá de Miranda, inferindo-lha dos seus versos conferidos com os sucessos contemporâneos, e folgava de comunicar em conversação despretensiosa as suas induções de uma rara perspicácia. O Sr. Teófilo Braga, menino e moço naquele tempo – muito devotado a Gomes Monteiro, que o iniciara na carreira da literatura negociável – ouvia-o, hauria-lhe as ideias com a sede ardente de quem gosta de as beber já filtradas pelo estudo alheio, e reproduziu as melhores e menos óbvias, posto que desconcertadamente na *Vida de Sá de Miranda*, sem todavia citar o nome do sábio que lhas insinuou. Gomes Monteiro, com o seu fino sorriso indulgente, dizia-me, ao propósito, que lhe era sobremodo agradável o aproveitarem-se das suas conjecturas; e que muito folgava que não fossem erradas; mas, se o eram, ainda bem que o não citavam os plagiários, porque a responsabilidade lá ficava às costas deles.

Acerca do soneto transcrito, conservo o seguinte estudo que José Gomes Monteiro me comunicou:

«Este soneto tão admirado por Bouterweck e depois dele por Sismondi e por Ferdinand Dinis que ambos o traduziram em todo ou em parte, não foi entendido por nenhum destes críticos. Bouterweck cita o original sem o traduzir limitando-se a esta curta observação: «Que belo quadro elegíaco nos dá Sá de Miranda no seguinte soneto: *Ao pôr do Sol!*» Sismondi, seguindo esta indicação, traduziu: «Le soleil

*grandit sur l'horison, l'air se rafraichit*», etc. Ferdinand Dinis, que sabia um pouco mais o português que seus predecessores, teve a prudência de não tentar a tradução do primeiro quarteto, que é realmente ininteligível lendo-se como se acha pontuado nas edições. Eis aqui a lição da primeira:

*O Sol é grande, caem coa calma as aves,  
Do tempo em tal sazão, que soe ser fria:  
Esta água que d'alto cai acordar-m'ia?  
Do sono não, mas de cuidados graves.*

Se o segundo verso é complemento do primeiro, estamos na estação invernososa, mas por um fenómeno extraordinário, na ocasião em que o poeta se entregava àquelas melancólicas cogitações o sol era ardentíssimo e tão intenso o calor que as aves caíam asfixiadas. Mas não é isso o que o poeta diz nos dois belos tercetos. No primeiro descreve-se o Verão com todas as suas galas em oposição à estação *actual* descrita no segundo terceto. Às sombras que faziam as árvores frondosas, às flores, às águas ainda abundantes, aos prados vicejantes, ao gorjear dos pássaros, sucedera a secura e a nudez da natureza. É deste contraste que o poeta forma o bellissimo conceito com que fecha o soneto. A natureza com o eterno volver das estações cobrir-se-á de novo de todas as suas pompas juvenis; só para ele não haverá renovação; suas faces floridas de outrora nunca mais voltarão.

O soneto ficará portanto claro se o primeiro verso formar por si um só período, lendo-se:

*O Sol é grande, caem coa colina as aves!*

e combinado este verso com o segundo terceto se vê que o excessivo calor é com efeito fora de sazão, mas por um dia de Outono quando as árvores já estão despidas e as águas secam. Os três restantes versos do primeiro quarteto formam um só período, cujo sentido é: na estação do Inverno em que esta queda de água deverá engrossar, conseguiria o seu estrondo despertar-me dos tristes pensamentos que a nudez da natureza concorre para alimentar? A interrogação que se acha no terceiro verso deve passar para o quarto, sem o que se entenderia que o poeta, respondendo à sua pergunta, diria que o estrondo da cascata conseguiria despertá-lo de seus tristes pensamentos, mas não do sono, o que é absurdo.

Este soneto foi talvez composto no Outono de 1535 que foi extraordinariamente seco e quente, como se vê desta passagem de Acenheiro: «Em Setembro de 1535 e Outubro e Novembro e Dezembro foi todo o Estio e nem choveu, só dois dias de Outubro alguma trovoada com que fizeram algumas sementeiras mal e secas esperando o Janeiro, que foi quente e pior que todos. (*Extracto dos meus estudos sobre Sá de Miranda.*)»

Discordo em parte da interpretação do eminente literato. A interrogação tanto no terceiro como no quarto verso do primeiro quarteto acho-a desnecessária. Não me pareceu absurdo que o poeta dissesse:

*Esta água, que d'alto cai, acordar-me-ia  
Do sono não, mas de cuidados graves.*

Em prosa, pode entender-se deste modo: *se esta água estrondeasse na queda, acordar-me-ia, não digo do sono, mas dos cuidados graves que me trazem absorto.* Depois do verbo *acordar*, exprime que não se trata do repouso dos sentidos – o *sono*, o dormir, mas do despertar da alma retraída em sua dor.

O último verso do soneto parece-me que se lê errado em todas as edições. Sá de Miranda talvez escrevesse:

*Mudo e seco é já tudo, e de mistura  
Também fazendo-me eu fui doutras cores;  
Se tudo o mais renova, isto é se cura.*

Com a condicional *se*, não temos a desculpar ás exigências do metro a conjunção *e*, tão descabida. Desculpe-se-me a ousadia de trocar a *condicional* pela *conjunção*.

As escuridades deste poeta alhearam-lhe as simpatias dos seus naturais. Algum deles, como Diogo de Sousa, na *Viagem ao Parnasso*, considerava Sá de Miranda

*Poeta até ao umbigo, e os baixos prosa.*

\* Em todas as edições: *E tudo o mais renova, isto é em cura.*

de Sá de Miranda relampagueou em três dos seus descendentes: Teodoro de Sá Coutinho<sup>22</sup>, D. João de Azevedo Sá Coutinho, falecido aos 18 de Dezembro de 1854 em Lisboa, com fortes transtornos cerebrais motivados por violentas paixões políticas. Ao invés do seu décimo avô, o cenobita da Tapada, que para viver fugiu da corte. D. João de Azevedo fugiu da Tapada para a corte que o matou. A Ex. ma Sr<sup>a</sup> D. Maria Amália Vaz de Carvalho, a mais vigorosa escritora que ainda teve este país, é undécima neta de Sá de Miranda<sup>23</sup>.

Jerónimo, filho segundo e herdeiro de Francisco de Sá, foi um perverso de marca maior. A má natureza dos Sás de Coimbra interrompera-se meio século na existência do poeta; depois, com a pujança da corrente represada que rompe o dique, rebentou na infamíssima índole de Jerónimo. Este homem, primo co-irmão de Francisco Machado, insinuara-lhe no espírito a suspeita de que a sua mulher, D. Maria da Silva, o atraía com o comendador de Rendufe Henrique de Sousa, porque este renunciara a comenda num irmão de D. Maria da Silva, quando Jerónimo de Sá lhe pedia a renúncia a favor de um seu amigo. Um dia, andava Francisco Machado caçando, uma légua distante da sua casa de Castro, com intenção de pernoitar fora. Disseram-lhe Martim Coelho e Jerónimo de Sá que, se ele naquela noite entrasse com a chave-mestra até ao quarto de sua mulher, a encontraria com o comendador e poderia legalmente matá-los a ambos. Bandeara-se na intriga um criado do comendador, que em hora e em sítios determinados, na vizinhança de Castro, devia estar com a mula em que Henrique de Sousa costumava cavalgar. Partiram os três alta noite e viram a mula presa de rédeas a uma oliveira. Francisco Machado, que ainda duvidava, convenceu-se. Entrou em casa despercebido, penetrou na alcova da mulher e encontrou-a dormindo serenamente, cingida de cilícios. Retrocedeu em busca dos amigos, que lhe disseram terem visto o comendador cavalgar a mula, pouco depois que ele entrara em casa. D. Francisco Machado concentrou-se, num silêncio torvo, esperando certificar-se. No entanto, a mulher de Jerónimo, que se chamava D. Maria da Silva e Meneses, avisou sua prima da conjuração tramada contra ela – que se acautelasse, que fugisse para casa de seu pai, Manuel de Magalhães, senhor da Ponte da Barca. A inocente respondeu que «antes morrer sem culpa em casa que fugir com infâmia para casas alheias», e a Jerónimo de Sá disse: «Veja o que faz, Jerónimo, que em mulheres como eu não pegam as nódoas.» Jerónimo, entendendo que a denúncia partira de sua mulher, deu-lhe uma punhalada num dos seios e assistiu na Tapada àquela agonia de três dias. Enterrada a mulher, prosseguiu na traça de fazer morrer a outra. O comendador recebeu aviso que não fosse ao Castro, que o matariam. Desprezou o aviso; não compreendia que o matassem inocente. Foi. Sentou-se a uma banca jogando. Veio por detrás um negro com uma barra de ferro que o matou de uma pancada. Jerónimo de Sá estava presente. D. Maria da Silva acudiu ao ruído da queda. O marido vibrou-lhe um golpe de espada; mas a lâmina, sem a ferir, saltou-lhe dos copos. Este incidente extraordinário conteve-o. Saiu a uma sala para onde o primo se afastara e contou-lhe o caso. Jerónimo disse-lhe: «Se não matares tua mulher, a morte deste homem custa-nos as vidas»; e deu-lhe a sua espada.

<sup>22</sup> *Cancioneiro Alegre*, p. 163.

<sup>23</sup> Jerónimo de Sá, filho de Francisco de Sá de Miranda, casou em segundas núpcias com D. Joana de Meneses. O filho destes, Francisco de Sá e Meneses, casou com D. Antónia de Montarroio, de quem houve dois filhos, Jerónimo e D. Brites, a qual entrou na casa de S. João de Rei casando com Diogo de Azevedo. D. Maria de Ataíde e Azevedo, sétima neta de Sá de Miranda, casou com José Vaz de Carvalho, filho de Gonçalo José da Silveira Preto, hoje representado pelo Sr. Manuel Vaz Preto Geraldês, par do reino. José Vaz de Carvalho e D. Maria de Ataíde foram pais de Gonçalo José Vaz de Carvalho, alcaide-mor e visconde de Monção. O visconde teve um irmão, chamado Rodrigo Vaz de Carvalho, que casou com sua prima co-irmã, D. Maria Amália de Azevedo, mãe de José Vaz de Carvalho, falecido em 1878, pai da Sr<sup>a</sup> D. Maria Amália Vaz de Carvalho.

Francisco Machado, com a espada do primo, voltou dentro e matou a mulher. Depois chamaram um escravo para que cortasse no cadáver do comendador o instrumento do crime: era um complemento de vingança tradicional nos velhos nobiliários. Quando o escravo ia executar a ordem, viram que esse instrumento não existia e lhe acharam um tubo de prata por onde o infeliz expelia as secreções. Francisco Machado, desvairado de terror e remorso, quis matar com uma adaga o primo; mas Jerónimo de Sá, mais destre e possante, por um triz que o não matava a ele. O comendador foi enterrado secretamente no mosteiro de Rendufe e D. Maria foi levada ao jazigo de seus avós à Ponte da Barca. O povo orava-lhe como a santa e acreditava que a terra da sua sepultura curava sezões.

Jerónimo de Sá morreu, volvidos anos, devorado por piolhos, chagado até às entranhas, onde se lhe viam cardumes de vermes revolvendo-se na podridão das úlceras, *como és publico y notorio*, diz a crónica (*Notas do Marquês de Montebelo al Nobiliário del conde D. Pedro, impressas na versão de Manuel de Faria e Sousa*, pp. 553-55). Eis aqui um avoengo que eu desejava expungir da linhagem da Sr<sup>a</sup> D. Maria Amália Vaz de Carvalho e dos senhores da Tapada. A descendência deste sujeito feroz promana da segunda mulher que teve a imprudência de o aceitar, demais a mais parenta da primeira. Presumo que as pessoas honestas desta família devem o seu bom sangue a D. Joana de Meneses: as inteligentes estão fruindo a grande herança intelectual do poeta e os mentecaptos e celerados, se os há, devem ter no crânio a proeminência mais ou menos desenvolvida de Jerónimo de Sá.

Não levantarei mão deste assunto sem recordar aquele filho de D. Antónia de Barredo que esbulhou os irmãos da herança de seu pai, primo de Sá de Miranda. Chamou-se Rui Pereira de Miranda e casou com D. Catarina de Ataíde, filha de Álvaro de Sousa, dama da rainha D. Catarina. Sá de Miranda era portanto primo terceiro da senhora que Luís de Camões amou – a celebrada *Natércia*. Esta dama finou-se depois de casada, em 28 de Setembro de 1551, e foi sepultada na capela-mor do Convento de S. Domingos de Aveiro, onde faleceu. Vinte e três anos depois, Fr. João do Rosário, frade dominicano, confessor de Catarina de Ataíde, escrevia as suas memórias que ainda existem, e referindo as suas práticas com a triste senhora acerca de Camões, escreveu:

E todas as vezes que no poeta desterrado por sua razão [sua causa] lhe falava, sempre em resposta havia que assim não era, e que fora aquela alma grande que para empresas grandes e a regiões tão afastadas o levava.

D. Catarina de Ataíde, quando o confessor lhe perguntava se fora a causa do desterro do poeta, modestamente respondia que ele se expatriara não por sua causa (*sua razão*), mas porque aspirava a empresas grandes. Ela não negava que Luís de Camões a amasse, como infere com lógica extraordinária o Sr. Visconde de Juromenha; o que ela delicadamente exprimia era – que não o seu amor, mas a sua grande alma o levava a regiões tão apartadas. E o frade, não obstante a senhoril evasiva da mulher casada e desditosa, confessa que *muitas vezes* lhe perguntou se o poeta fora desterrado por causa dela. Que Luís de Camões amara aquela Catarina de Ataíde, sabia-o de mais Fr. João do Rosário; o que ele queria averiguar era se o poeta foi voluntariamente para a Índia, ou forçado pelo delito de a requestar. E ela, morrendo na flor dos anos, respondeu que *sim*.

O marido não a chorou. Daí a pouco estava casado com uma filha de João de Castilho e fazia nela, como dizem os bons dos cronistas linhajudos, um bispo de Cabo Verde e outros filhos que fizeram muitos frades, muitas freiras e muitos patifes, que o leitor tem a satisfação de não conhecer e eu tenho a delicadeza de não lhe apresentar.

\*\*\*\*\*

Obra digitalizada e revista por Deolinda Rodrigues Cabrera. Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, 2000

<http://www.ipn.pt/literatura>

\*\*\*\*\*